

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 18 a 24 de março de 1960

Nº 55

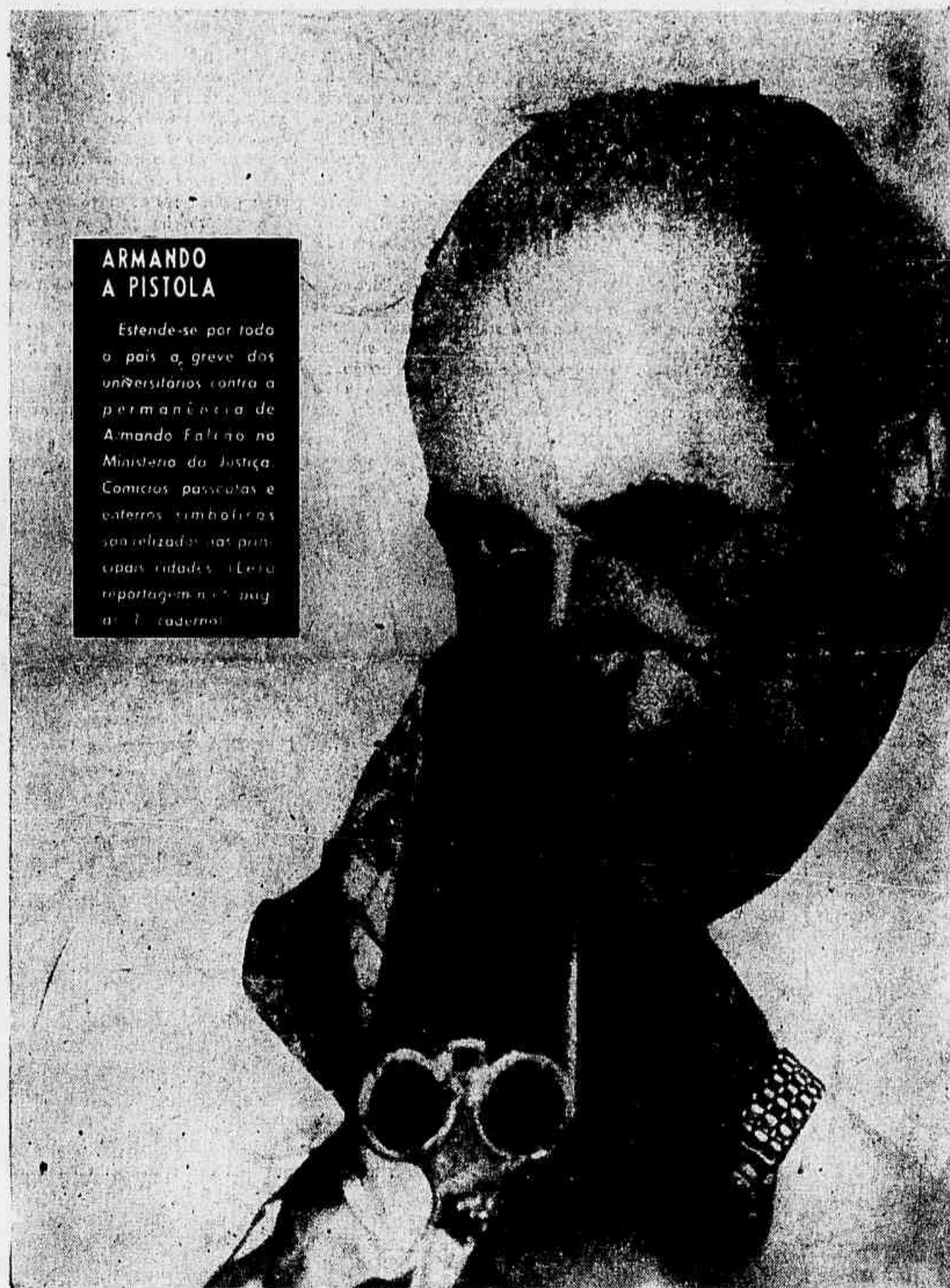
Diretor — Mário Alves

Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr.

Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Artigo de LUIZ CARLOS PRESTES

Comunistas Apóiam Lott



ARMANDO A PISTOLA

Estende-se por todo o país a greve dos universitários contra a permanência de Armando Falcão no Ministério da Justiça. Comícios pacíficos e católicas simbólicas são realizados nas principais cidades. (Leia reportagem na 1ª pag. do 1º caderno).

Êles Jogam "Biriba" Enquanto Prossegue a Greve da Cruzeiro

TODO o Grupo de Vôo da Cruzeiro do Sul continua firme no movimento grevista iniciado a zero hora do dia 5 do corrente, reclamando o cumprimento da portaria interministerial que regulamentou a profissão de aeronauta. Na sede do seu Sindicato (foto), aeronautas e demais tripulantes da Cruzeiro distraem-se jogando «biriba», enquanto a empresa relapsa não resolve a sua justa pretensão. O movimento paredista, que atinge todo o país, é também uma ação em defesa das próprias autoridades ministeriais, cuja portaria continua sendo desrespeitada pelos donos da aviação comercial. O pessoal da Cruzeiro do Sul, que há 12 dias se mantém em greve conta com o apoio decidido dos aeronautas e aeroviários de todas as outras empresas de transporte aéreo, cujas atividades também poderão ser paralisadas, se dentro das próximas horas não for encontrada uma solução para o impasse. Esse, pelo menos, é o pensamento de toda a corporação. Os aeronautas, que após longos anos de luta conseguiram a regulamentação profissional, lutarão até o fim para fazer respeitá-la. (Leia reportagem de Nilson Azevedo, na 1ª página do 2º caderno).



OS COMUNISTAS vêm-se empenhando na campanha eleitoral. Sua ação faz-se sentir principalmente em dois sentidos: revelando o caráter entreguista da candidatura Jânio Quadros e procurando unir as correntes nacionalistas em torno da candidatura Teixeira Lott. Agora, através de documento assinado por Luiz Carlos Prestes (leia na pág. 3 do 2º caderno), é tornado público o apoio oficial dos comunistas à chapa Lott-Jango. E a decisão se fundamenta numa análise, feita em profundidade, da situação política que o Brasil atravessa, vista dentro das condições em que se desenvolve a situação mundial.

EXISTE MESMO PLANO CONTRA LOTT E ELEIÇÕES

APEGAR da desistência forçada do ministro Armando Falcão, a verdade é que existe em marcha um plano contra a candidatura do marechal Lott e as eleições. Uma série de fatos comprova a existência desse plano: a inércia quase completa da cúpula dirigente do PSD, a propaganda da suposta necessidade de uma «recomposição» do quadro sucessório, as manobras que voltam a ser articuladas em torno do governador Juraci Magalhães (a que se liga o adiamento da Convenção do PSB) e a onda de violências desencadeada pelo pistoleiro Falcão, com o objetivo de criar um clima que possa «justificar» medidas de emergência. Mas não é fácil aos entreguistas e reacionários levar o seu plano às últimas consequências. As forças democráticas reagem firmemente e tomam a ofensiva, empenhando-se em consolidar a candidatura nacionalista do marechal Teixeira Lott e exigindo do Governo, ao lado de outras medidas, a demissão do espancador Armando Falcão. (Reportagem na pág. 3)



QUEREM DESTRUIR A REVOLUÇÃO CUBANA: SERVE DE EXEMPLO

OS INIMIGOS da revolução cubana querem destruí-la porque constitui um exemplo para outros povos», disse Fidel Castro no discurso em que denunciou as tentativas de agressão e contra-revolução tramadas pelos Estados Unidos contra seu país. A revolução cubana, além de ter de enfrentar grandes dificuldades para acabar com o atraso e a miséria que o imperialismo causou a Cuba, ainda é obrigada a derrotar as maquinções dos contra-revolucionários e de seus aliados e municiadores norte-americanos. «Quando vão deixar de nos ameaçar? Durante quantos anos estará nosso povo vivendo nestas circunstâncias? Quando terminarão as notícias cheias de calúnia, quando terminará a campanha de imprensa, quando serão impedidos estes aviões que lançam bombas explosivas e incendiárias contra nossos engenhos e nosso povo?» perguntou Fidel Castro. (Leia reportagem e comentário na 7ª página).

PAULISTA CONTINUA A GREVE DOS FERROVIÁRIOS

Os 17 mil ferroviários da Paulista não cederam à pressão da Justiça do Trabalho e às violências policiais.

(Reportagem na 4ª pag. do 2º caderno).

Nossa Definição

ORLANDO BOMFIM JR.

DOCUMENTO, que hoje divulgamos, no qual Luiz Carlos Prestes revela e fundamenta a posição dos comunistas na campanha eleitoral (apoio à chapa Lott-Jango), deverá repercutir na opinião pública e exercer apreciável influência no desenrolar dos acontecimentos políticos no país.

LUTA pela presidência da República está — é certo — delineada. Sua marcha não apresenta, porém, um curso afastado de influências perturbadoras. Existem evidentes aspectos de instabilidade que embora não preponderantes e de certo modo até mesmo naturais, estão sendo explorados por forças (não desprezíveis) interessadas em enveredar por caminhos que se distanciam dos interesses populares.

CHAMADO candidato da oposição anda, como se vê, de tropêço em tropêço. O sr. Jânio Quadros dá a ideia de um cidadão que se meteu a desbravador e está roçando mal o morro abaixo. Cada árvore que derruba cai na sua própria frente, aumentando as dificuldades, estorvando o caminho, tornando impraticável a continuação do trabalho. E os disparates se acumulam de tal forma que já começou a grita entre seus empregados. Que êles se danem, são os nossos desejos.

MAS também o marechal Teixeira Lott não está livre de dificuldades e ciladas. E é principalmente de setôres da direção do PSD, tendo à frente homens que se encontram em postos-chave do próprio governo, como Armando Falcão, Poes de Al-

meida e Amaral Peixoto que são atiradas pedras e cascas de banana no caminho do candidato nacionalista.

OS FATORES de confusão e perturbação são, no país, evidentes. Por isso mesmo, cresce a importância do apoio oficial dos comunistas, agora manifestado através da palavra de seu líder, à chapa Lott-Jango. E essa importância decorre, também, da natureza desse apoio. Não se trata de uma barganha eleitoral, de um negócio visando proveitos para pessoas ou grupos com os resultados das urnas. Mas, ao contrário, de uma posição política de princípios, sadia pela sua própria origem, porque nasce do exame da realidade concreta que o país vive e leva em conta exclusivamente os interesses da nação. Daí, sem dúvida, seu poder orientador e a amplitude da influência que exerce.

POR outro lado, é igualmente verdadeiro que os comunistas não se limitam a escolher um candidato e votar nele no dia das eleições. Sua força organizada costuma empenhar-se com entusiasmo no trabalho de esclarecimento e de mobilização das massas, de propaganda do candidato e de conquista de eleitores, tornando-se, assim, muitas vezes um fator decisivo no resultado dos pleitos. E essa atividade patriótica assume, na atual campanha e no momento presente, significado de particular relevo. Porque será exatamente através do fortalecimento e ampliação da base popular da candidatura do marechal Teixeira Lott que se anularão as manobras contra ela urdidas e se garantirá a vitória das forças nacionalistas a 3 de outubro.



Saudade dos filhos

Este homem chama-se Cesário Clementino dos Santos. Ele é um líder dos trabalhadores da Estrada de Ferro Mossoró-Souza. A sua face está marcada pelos duros golpes da miséria. Sete dos seus onze filhos foram tragados pela fome e pelas doenças endêmicas. Ele sente saudade dos filhos, mas é um líder e luta contra as causas dessa existência miserável.

SALÁRIO NA MOSSORÓ-SOUZA É PASSAPORTE PARA O CEMITÉRIO

Ferrovieiros Não Podem Ter Filhos: Fome Mata 80%!

A fome e as doenças contagiosas, que continuam soltas pela minha terra, já tragaram sete dos meus onze filhos, a maioria deles morreu antes dos seis meses de idade e sem nenhum socorro médico — declarou ao repórter de NR o líder operário Cesário Clementino dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Estrada de Ferro Mossoró-Souza, que esteve nesta Capital, em contato com o diretor da Rede Ferroviária, e de autoridades ministeriais, pleiteando um aumento salarial, e a instalação de um posto do SANDU e de serviços de vacinação e distribuição de leite em Mossoró.

no Rio Grande do Norte. Ao longo de toda a estrada, principalmente na cidade de Mossoró, onde se concentra a maior parte dos ferroviários, desenvolve-se um quadro de miséria que atinge os limites da calamidade. Ganhando um salário médio de 3 mil cruzeiros mensais, os trabalhadores nunca podem comprar em quantidade suficiente os gêneros alimentícios, vendidos a preços muito mais altos que os do Rio de Janeiro. O feijão, alimento básico, custa 65 cruzeiros o quilo; a carne, 90 cruzeiros; o arroz, 35 cruzeiros; manteiga, 222 cruzeiros; e o leite, 16 cruzeiros o litro.

de assistência médica, elas morrem numa média de 80 para cada 100 que nascem. Contra essa devastação cruel de tantas vidas, contra o estado de pauperização crescente a que estão submetidos, os ferroviários reagem lutando, prestigiando o seu Sindicato, reclamando das autoridades melhoria da sua situação.

Reivindicações

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Estrada de Ferro Mossoró-Souza, acompanhado do líder Rafael Martinelli, da Federação Nacional dos Ferroviários, esteve em contato com a administração da Rede Ferroviária Federal, reclamando o pagamento da diferença de 300 cruzeiros, relativa ao reajustamento de outubro último, segundo o qual eles teriam de receber 30% sobre o mínimo regional que é de 3 mil cruzeiros. O aumento seria de 900 cruzeiros, mas os ferroviários só receberam 600 cruzeiros. Essa reivindicação foi encaminhada imediatamente à Rede Ferroviária do Nordeste, cujo diretor se encontrava nesta Capital.

A instalação de um posto do SANDU; de um serviço de vacinação contra as diversas moléstias contagiosas e de distribuição de leite para as crianças em Mossoró, são outras reivindicações que os dirigentes sindicais formularam as autoridades ministeriais, e que esperam ver atendidas com a maior urgência.

Paranaguá: «Sindicato dos Estivadores virou antro de bandidos»

A propósito da notícia que publicamos em nossa edição de 15 de janeiro último, sob o título acima, recebemos uma comunicação do Sr. Osvaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Estivadores, esclarecendo que os fatos denunciados não dizem respeito ao Sindicato dos Estivadores de Paranaguá, cujos dirigentes merecem todo o respeito de seu quadro social.

Ha uve, realmente, um equívoco, de nossa parte, pelo que pedimos desculpas aos dirigentes do Sindicato dos Estivadores daquela cidade paranaguense. As denúncias por nos lançadas dizem respeito aos dirigentes do Sindicato que congrega os embarcadores e carregadores de café da Ponta de Paranaguá

TRABALHADORES ATENDEM A CONVOGAÇÃO DOS SINDICATOS

Invadiram as Fábricas as Teses do Congresso

SÃO PAULO — (Da sucursal) — Intensificam-se os preparativos do II Congresso dos Trabalhadores deste estado, a realizar-se de 27 de abril a 1º de maio próximos. Os diversos setores profissionais, em preparação ao congresso, promovem reuniões por empresas para debater diretamente com os operários o significado do Congresso, os objetivos a que se propõe, discutir os problemas mais sentidos pela categoria e eleger delegados para representá-los no conclave.

Debates

Uma das características das reuniões que os dirigentes sindicais realizam nas empresas, é a do debate das questões referentes ao II Congresso, ao lado das reivindicações específicas da categoria profissional ou do local de trabalho, e das lutas em curso.

Assim, os trabalhadores da construção civil, que se encontram em campanha por aumento salarial, convocam assembleias ou vão às portas das obras para tratar desse fim, fazendo ao mesmo tempo a propaganda e tomando medidas concernentes ao Congresso. Até a última semana já havia esse sindicato efetuado 18 reuniões por empresas, muitas delas com a participação de centenas de operários. Uma convenção dos representantes operários da categoria terá lugar nos dias 1 e 3 próximos. Daí sairão as teses para a Conferência dos sindicatos dos municípios.

Na Nitroquímica, mais de 300 operários debateram com os diretores do sindicato os problemas da periculosidade e da insalubridade, questões vitais para os trabalhadores do setor. Os operários em fábricas de calçados, em sua assembleia, colocaram na or-

dem do dia o problema do Congresso, e o da luta contra a exportação do couro cru, causa da rebaixa de salários e desemprego no setor.

A forma de encaminhar a discussão ao maior número de trabalhadores, preocupava os sindicalistas, conforme se manifestaram em diversas reuniões intersindicais. Muitas iniciativas surgiram. O Sindicato dos metalúrgicos, cujo setor profissional abrange mais de 4.000 empresas, planejou reuniões por grupos de empresas de 15 bairros diferentes. Outras entidades procederam da mesma forma.

Conferência municipal

São Paulo, como outras cidades, realizará sua conferência municipal em função do Congresso, nos dias 8, 9 e 10 de abril. Reunidos no Plenário do Conselho Sindical da Capital, os líderes elegeram uma comissão organizadora composta de 7 membros, bem como a comissão de propaganda, de finanças, de teses e de relações públicas. A comissão de propaganda deliberou imprimir 2.500 cartazes e 50.000 exemplares da convocatória da Conferência.

Construção Civil Vai Mudar a Diretoria do Sindicato

Não houve quorum para a eleição da nova Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, que estava marcada para o dia 14 último. Em virtude disso, os componentes da chapa Renovação e Unidade Sindical fazem um apelo para que todos os trabalhadores, principalmente os descontentes com a atual Diretoria, compareçam para votar entre os dias 24 e 31 do corrente, em segunda convocação.

A chapa de oposição é encabeçada pelo trabalhador Daniel Teixeira da Rocha, e foi escolhida em uma grande convenção realizada na sede da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Nessa Convenção os operários da construção civil debateram as suas reivindicações, e sentiram a necessidade de mudar a antiga diretoria do Sindicato, elegendo uma nova, capaz de lutar e defender com

toda a energia os interesses dos trabalhadores da construção civil, grandemente explorados no Distrito Federal.

PROGRAMA

No programa da chapa número 2, denominada Renovação e Unidade Sindical, está incluída a ampliação do ambulatório médico da sede do Sindicato, criando serviços de ginecologia e pediatria; criação de um curso técnico profissional, e instalação de um ginásio gratuito para os associados e seus filhos; construção da nova sede, com oito andares; anistia aos sócios eliminados injustamente; reorganização do Departamento Social para desenvolver atividade esportiva e recreativa para os associados e suas famílias; luta pela conquista da semana de 44 horas; pela construção de restaurantes populares nas zonas industriais e comerciais; e a luta pelo salário mínimo profissional.



No dia 6 do corrente, sob a direção dos membros da Associação dos Servidores Municipais (foto), os «barnabês» da cidade de Santos resolveram endossar um memorial ao prefeito Sílvio Fernandes Lopes, solicitando um reajustamento salarial de 3.500,00 cruzeiros mensais. Enquanto a resposta não vem eles continuam em assembleia permanente

Expectativa e vigilância

Santos: Gusto da Vida Subiu

«Barnabé» Não Quer Ficar Por Baixo

SANTOS — (Da Sucursal) — Nesta cidade, no período de janeiro a dezembro de 1959, o custo da vida sofreu uma majoração de 42%. Mas não houve, paralelamente, nenhum reajustamento na remuneração dos três mil funcionários da municipalidade. Como a situação se agrava, com o crescimento do custo da vida, a Associação dos Servidores Municipais enviou um memorial ao prefeito Sílvio Fernandes Lopes pleiteando um aumento de Cr\$ 3.500,00 sobre todos os vencimentos e salários dos «barnabês» santistas.

650,00; previdência, Cr\$ 900,00; transporte, Cr\$ 600,00; vestuário e recreação, Cr\$ 1.000,00.

Os «barnabês» santistas, e, entretanto, são bem modestos, e reivindicam um reajustamento muito abaixo daquilo que seria justo, de acordo com as próprias estatísticas oficiais. O que eles querem é um aumento geral de 3.500 cruzeiros mensais.

Cem Mil Estudantes em Greve: Anuidades

SÃO PAULO — (Da Sucursal) — Cem mil estudantes secundários desta Capital e das principais cidades do interior atenderam a ordem de greve, baixada pelo Conselho Estadual dos Estudantes de Grau Médio, contra o aumento das taxas e anuidades escolares. A adesão dos estudantes paulistas representou importante contribuição ao movimento que se estendeu por todo o país, e que terminou com o compromisso assumido pelo presidente da República de mandar o ministro da Educação reexaminar o problema, levando em consideração os argumentos e as reivindicações dos estudantes. No sentido de garantir o êxito do movimento contra elevação do preço do ensino, os estudantes paulistas dividiram São Paulo em zonas coletivas, onde agruparam numerosos pequenos estabelecimentos e arrecundação dos colegas. Na noite de 3 de

março, centenas de estudantes iniciaram a «operação picho», fazendo nas proximidades de todos os estabelecimentos de ensino, inscrições alusivas a «escolhas» praticada pelos donos de colégios, como «Abaixo os Tubarões de Ensino», «O aumento é ilegal», «Todos à greve geral».

Nota Sindical Convenção Dos Trabalhadores Cariocas

A convocação da III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal está determinando uma crescente movimentação dos líderes sindicais cariocas. Representantes de diversos setores profissionais da indústria, comércio, transporte marítimo, aéreo e terrestre, reúnem-se frequentemente para discutir e elaborar as normas do novo encontro, que se verificará de 6 a 10 de abril próximo, possivelmente no Palácio da Metalurgia.

A Comissão de Organização do conclave, em sua última reunião, sugeriu que as discussões do próximo encontro dos trabalhadores cariocas se façam em torno de seis pontos básicos: 1) balanço da aplicação das tarefas da II Convenção Sindical Nacional; 2) a organização sindical face à mudança da Capital para Brasília; 3) medidas de ação contra a carestia e pela aprovação dos projetos de Lei Orgânica da Previdência Social, Regulamentação do Direito de Greve, Classificação do Funcionalismo, e fixação de justas diretrizes e bases para o ensino no país; 4) Congresso Nacional dos Trabalhadores; 5) problemas nacionais; 6) eleição do Conselho Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal.

A elaboração dos pontos do temário não foi difícil. Os problemas das massas laboriosas e do movimento sindical saltam aos olhos da cara. O que tem sido mais difícil, e aí é que pega o certo, é a mobilização efetiva das pessoas simples de cada setor de trabalho, para as discussões, dos temas que lhes são apresentados. Outra coisa, não se trata somente da discussão, mas da efetiva participação de todos, de conclave a conclave, na luta para tornar vitórias as suas resoluções.

Esse aspecto do movimento sindical tem preocupado os autênticos líderes operários. Paulistas e cariocas, agora, travam uma batalha séria, servindo-se de toda a sua velha experiência, para fazer com que as decisões dos seus próximos conclaves tragam a marca original dos setores de trabalho.

É certo que as decisões até agora adotadas pelos últimos congressos, conferências e convenções sindicais refletem as aspirações das massas trabalhadoras que, em suas assembleias-gerais específicas, as tem aprovado quase sempre sem restrições. Isso é verdade. Mas é verdade também que pouca tem sido a sua atividade no sentido de fazer vitórias as referidas resoluções. Daí o empenho dos líderes sindicais em levar, mas levar no duro, as discussões do temário para dentro das fábricas, dos navios, das empresas bancárias e comerciais, unificando os pontos-de-vista dos trabalhadores em torno das suas reivindicações e das maneiras de torná-las vitórias, no âmbito da empresa, do distrito, da região, até se chegar a um programa único, que deverá ser elaborado no próximo Congresso Sindical Nacional, como resultado da vontade unânime de todos os trabalhadores brasileiros.

Panorama

Entre a Cruz e a Caldeirinha

A controvérsia em torno da anunciada viagem de Jânio Quadros a Cuba não é apenas uma manobra publicitária da imprensa janista...

Uma viagem a Cuba, fosse a iniciativa de Jânio ou de qualquer político, seria uma simples visita a outro país do continente...

Qualquer gesto de solidariedade ao povo cubano passa a adquirir, nestas circunstâncias, um sentido de resistência e protesto contra a conspiração imperialista...

É isto precisamente o que Jânio tem em vista. Irremediavelmente marcado como reacionário e entreguista, Jânio pretende com esta atitude revelar independência diante do imperialismo e da reação...

Mas o que acontece é que esta independência não existe. Nem o Departamento de Estado admite que, em face da revolução libertadora dirigida por Fidel Castro...

Este episódio, mais do que qualquer outro, comprova como são insanáveis as contradições que marcam a candidatura de Jânio. Acossado pela perda de prestígio popular, sente-se arrastado a lances demagógicos...

Que resulta de tudo isto? O «irretratável» imaginava prestigiar-se anunciando a viagem a Cuba. Mas o tiro saiu pela culatra...

De qualquer forma, uma conclusão é indiscutível: não há remédio para a crise que assola o bando janista.

É lamentável e incoerente a posição em que vem se colocando o marechal Teixeira Lott diante da revolução cubana. Aferrado ainda a certos conceitos e se deixando influenciar pela onda de intrigas...

Foi derrotado o candidato do governador Cid Sampaio na eleição para a presidência da Assembleia Estadual de Pernambuco. É uma derrota principalmente do janicismo...

Almir Motos



Por Que Lott e Jango?

— Vamos eleger Lott e Jango para garantir o futuro do Brasil, afirmou o líder sindical Aluizio Palhano (foto), presidente do Sindicato dos Bancários...

— Vamos eleger Lott e Jango para garantir o futuro do Brasil, afirmou o líder sindical Aluizio Palhano (foto), presidente do Sindicato dos Bancários...

— Vamos eleger Lott e Jango para garantir o futuro do Brasil, afirmou o líder sindical Aluizio Palhano (foto), presidente do Sindicato dos Bancários...

O Circo Janista

É cada vez mais acesa a luta entre os candidatos à vice-presidência na chapa de Jânio Quadros. Leandro quase renunciou, há poucos dias. E Ferrari, contando com a simpatia e o apoio de Jânio...

Os ataques de Leandro a Ferrari, inclusive nos comícios em que Jânio está presente, são diretos e violentos. Mas também dão lugar a que alguns ouvintes façam perguntas que não somente ficam sem resposta...

Disse Leandro nesse comício, diante de Jânio:

— O meu opositor, sr. Fernando Ferrari, é candidato à vice-presidência da área governista. É um parlamentar do PTB. Um eleitor opcionista não pode dar o seu voto a esse candidato.

Foi quando um assistente do comício, amigo de Ferrari ou simplesmente amigo da onça, perguntou a Leandro:

— Mas, como? É Jânio Quadros também não é deputado eleito pelo PTB, tanto quanto Ferrari?

Leandro não respondeu. E Jânio fechou a cara.

«Sem uisque não haverá comício» — esta explicação foi dada pelo picareta Quintanilha Ribeiro, assessor político de Jânio Quadros, quando recentemente embarcava uma partida de uisque (três litros de «Cavalo Branco» e três litros de «Hainf») para a cidade de Ubá, em São Paulo...

«O dr. Jânio gosta de uisque, e não se sente à vontade nos comícios e em suas longas excursões sem este estimulante, adiantou Quintanilha.

Há apenas a acrescentar que Jânio é um grande consumidor de uisque não apenas nos dias de comício ou durante as excursões eleitorais. São conhecidos numerosos episódios pitorescos provocados por excessos de Jânio. Alguns desses episódios estão mesmo gravados, e não foram poucas as pessoas que ouviram essas gravações, nos dias que antecederam à Convenção da UDN. Tocado pelo uisque, Jânio se torna ainda mais inconveniente, exigindo dos que o acompanham cuidados redobrados para evitar que seus excessos se transformem facilmente em escândalos públicos.

«Sem uisque não haverá comícios» — eis uma das palavras-de-ordem preferidas por Jânio.

DESMENTIDO DE FALCÃO NÃO CONVENCE

Há Mesmo Plano Contra Eleições

Os jornais de terça-feira publicaram uma declaração oficial do ministro da Justiça afirmando que não existem por parte do Governo manobras continuistas nem propósitos de encaminhar soluções extralegis em relação ao problema sucessório.

Uma série de circunstâncias e de fatos que se verificam presentemente no quadro político devem, na verdade, alertar as forças políticas e a opinião pública.

Inércia do PSD

Depois de oficializar como seu candidato o marechal Teixeira Lott, a cúpula dirigente do PSD quase nada vem fazendo em favor desta candidatura. As comissões que foram constituídas para conduzir a campanha deixaram praticamente de existir.

Comitês pró-Lott em São Paulo

SÃO PAULO — (Do correspondente) — Deverá instalar-se nos próximos dias o Comitê Metropolitano Interpartidário pró-Lott, que dirigirá a campanha nesta capital. Os srs. Teixeira Lott e João Goulart estarão presentes à instalação.

Em declarações feitas à nossa reportagem, o sr. Antônio Tito, presidente do Diretório Metropolitano do PSD, informou que estão funcionando na capital paulista 30 comitês de bairro, enquanto 102 comitês estão sendo organizados.

PTB. Por outro lado, nenhuma providência concreta foi até agora tomada pelos dirigentes pessedistas (Amaral, Falcão, etc.) a fim de homologar a candidatura do sr. João Goulart à vice-presidência.

Isto sem falar na resistência que os homens da cúpula do PSD continuam oferecendo às reivindicações nacionalistas e democráticas apresentadas pelo PTB, cuja adoção é considerada como uma medida fundamental para o imediato fortalecimento da candidatura Lott.

A quase inatividade da direção pessedista contrasta com a ampliação das iniciativas que vêm sendo tomadas pelas organizações nacionalistas e populares, no Rio e nos Estados, impulsionando a candidatura do ex-ministro da Guerra.

Propaganda Suspeita

Simultaneamente, vem tomando corpo a propaganda, sustentada em certos órgãos de imprensa, da suposta necessidade de uma «recomposição do quadro sucessório». Esta propaganda é feita sobretudo através do «Jornal do Brasil», cujas ligações com determinados círculos do oficialismo e do próprio Catete, graças a verbas da NOVACAP, são hoje evidentes.

as atuais candidaturas não podem subsistir, conclui ou pelo continuismo ou pela conveniência de uma candidatura como a do sr. Juraci Magalhães — nome que, apesar de todos os desmentidos formais, continua a ser objeto de especulação.

O esforço para manter em evidência o nome do governador da Bahia (a que estaria ligado inclusive o convite para participar pessoalmente da recepção a Eisenhower) não está desligado de um fato ocorrido nos últimos dias: o adiamento da Convenção Nacional do Partido Socialista, por iniciativa precisamente de um delegado baiano, sabidamente identificado com as articulações pró-Juraci. O objetivo do adiamento seria manter em disponibilidade, até o prazo fatal de desincompatibilização dos governadores, uma legenda pela qual pudesse ser registrada uma nova candidatura, eventualmente a do próprio sr. Juraci.

Clima de insegurança

O ministro Armando Falcão tem a sua parte em todas as manobras contra a candidatura Lott e, assim, pela subversão do quadro sucessório. Mas a sua presença, em toda essa trama, é particularmente sentida no que se refere à onda de

violências que, atingindo os trabalhadores e os estudantes, tem por objetivo a criação de um clima de insegurança de desse lugar a soluções extra-legais ou de emergência. A recente provocação contra os estudantes e a UNE, cuja responsabilidade o sr. Armando Falcão se apressou a assumir, foi um audacioso passo no caminho de seus planos antieleitorais.

Resistência democrática

Não tem sido fácil, porém, aos conspiradores do situacionismo levar avante as suas manobras. Apesar dos obstáculos por eles criados, a campanha eleitoral do marechal Lott estende-se em todo o país, adquirindo uma penetração popular cada vez maior. Por outro lado, as últimas provocações do ministro da Justiça encontraram uma réplica tão vigorosa como talvez ele próprio não esperasse. Os estudantes não só reagiram à polícia, mas

denunciaram a toda a nação o caráter subversivo e reacionário das violências ordenadas pessoalmente por Falcão, cujo afastamento do Governo foi exigido pelos líderes estudantis ao próprio presidente da República.

Outro exemplo de resistência às manobras antieleitorais foi dado pela Câmara dos Deputados ao assegurar a reeleição do sr. Sérgio Magalhães para a 1ª vice-presidência do Palácio Tiradentes, apesar de toda a pressão de setores nacionalistas interessados em impedir que isto acontecesse.

As forças nacionalistas e todos os democratas, ao mesmo tempo em que protestam contra as manobras urdidas contra Lott e as eleições, estão dia a dia mais empenhados em consolidar a candidatura do ex-ministro da Guerra, levando a sua campanha eleitoral para as ruas e trabalhando para a vitória da chapa Lott-Jango no pleito de outubro.

Fora de Rumo



D. Jaime Câmara

Ouvimos, na Voz do Pastor, a advertência de Jaime Câmara: «Muitos dos males que nos estão afligindo devem ser provocados por nossas culpas e maldades». De um lado estudantes, desordeiros e revoltosos, de outro lado camadas e revoltas além de outras entidades, não atingem o nível em que D. Jaime colocou o seu país: o Sumaré (Petrópolis) a oito minutos de Cadilac) deve ser porque as culpas e maldades de D. Jaime não merecem tamanhos castigos.

ca praticada (é um feio crime) pelos alunos da Faculdade Nacional de Direito.

Passemos aos crimes, através do narrador Soares: «Os alunos jogavam rochas para amolar a ação da cavalaria, o que provocava risco maior, que seria a queda de um cavalo montado. Um acidente de tal natureza seria de consequências imprevisíveis tanto para o homem como para o animal, num momento em que ambos prestavam serviço ao Governo e ao povo. Ambos, pois, Soares, igual a três.



Juscelino

cuja morte moral ocorreu há dias. Conservado em formal pelo próprio dr. Juscelino, que é médico, o corpo está exposto, no território livre da praia do Flamengo.

Os estudantes convidam o povo para o velório de Falcão. Nos comícios não vem nenhuma recomendação sobre roupas nem velas. Há um provérbio que diz: não se gasta cera com detrito ruim.

Pergunta final a D. Jaime, que então nem agiu de aplauso a Falcão: Qual a culpa, quais as maldades, dos doentes, molhos e entorpecidos do Souza Azevedo, atingidos pelo efeito das bombas de Falcão e Soares? Será que a filosofia do pastoreio perde a validade quando se trata de sobras?

NORDESTE 1960 (II)

Petróleo: Paisagem Nova Nas Matas de Alagoas

Reportagem de GENNISON AZEVEDO enviado especial de NOVOS RUMOS



Monteiro Lobato tinha razão

O poço Jequiá-2 dos campos petrolíferos de São Miguel dos Campos, deu razão a Monteiro Lobato. Perfurado, logo depois o ouro negro começou a jorrar. Hoje, não na quem vá a São Miguel que não traga uma garrafinha do precioso líquido para mostrar aos descrentes

DERROTADA A CENTRAL "BRASILEIRA"

Capixabas Fizeram Greve e o Preço da Luz Baixou

VITÓRIA (Do Correspondente) — A população do Espírito Santo saiu vitoriosa da luta que vinha travando desde princípios de janeiro contra o aumento das taxas de luz e força. No dia 4 do corrente, no Palácio do Governo, foi assinado um acordo constante de 11 itens, o primeiro dos quais estabelece que a Espírito Santo Central Elétrica S/A reduzirá o preço da kWh fornecida à empresa americana de Cr\$ 2,00 para Cr\$ 1,00. A Companhia Central Brasileira de Força Elétrica — que é a empresa americana — compromete-se, por seu turno, a obedecer a uma tabela de tarifas consideravelmente reduzidas. O ajuste assegura que nenhum consumidor será multado pelo fato de não ter efetuado o pagamento das tarifas durante o período do boicote que, em alguns municípios, chegou a três meses.

Vitória da unidade

A luta da população capixaba contra o extorsivo aumento das taxas de luz e força tornou-se vitoriosa graças à campanha unitária que se desenvol-

veu sob o comando das entidades representativas do comércio, da indústria, da lavoura, dos estudantes e das massas trabalhadoras. A forma de luta adotada foi o boicote: ninguém pagava as contas majoradas. Os piquetes organizados pela Comissão Central Contra o Aumento das Taxas, mantiveram-se vigilantes, esclarecendo aos consumidores, evitando que os mesmos, inadvertidamente, viessem a furar o movimento.

O acordo

O acordo do último dia 4, que marca a primeira grande vitória do povo

capixaba na sua luta pela emancipação dos trustes de energia elétrica, foi assinado pelos srs. Carlos Lindenberg, governador do Estado; Máximo Coimbra da Luz, pela Companhia Brasileira de Força Elétrica; José Scade, pela Federação do Comércio; América Buaziz, pela Federação das Indústrias; Guilherme Pimentel Filho, pela Federação das Associações Rurais; Claudionor Araújo, pela Federação dos Trabalhadores nas Indústrias; José Martins de Freitas, pelo Conselho Sindical dos Trabalhadores; Manoel Olímpio de Santana, pela Comissão de Comércio e Cestelo.

Festa das mulheres

O Dia Internacional da Mulher, instituído há 50 anos, foi comemorado a 8 de março pelos moradores da Vila da Penha, num ato a que compareceram mais de 300 pessoas. A solenidade foi presidida por D. Lourdes Guadés, que abriu a sessão ressaltando a importância da data.

Na reunião usaram a palavra vários oradores. A sra. Antonieta Campos da Paz, representante da Federação das Mulheres do Brasil, lembrou os cinquenta anos de luta que se seguiram ao encontro internacional de mulheres realizado a 8 de março de 1910 na Finlândia. Falou sobre todos os aspectos da vida e da luta das mulheres brasileiras, desde as dificuldades domésticas cotidianas, até o movimento pela libertação econômica e política de nossa pátria, no qual a mulher brasileira desempenha um papel destacado.

Depois o poeta Ze Proxedi declamou poesias suas retratando a vida da mulher sertaneja, sendo vivamente aplaudido pela assistência. Em seguida, usou da palavra, o sr. Waldemar Lopes de Oliveira, diretor do Serviço Educacional do SESI, saudando as mulheres simples, dedicadas às tarefas domésticas e ao trabalho nos hospitais, nas escolas e nas fábricas, como milhares de peças do edifício da humanidade progressista. Finalmente, falou um representante do Departamento Feminino do Comitê Nacional Pró-Lott e um membro da assistência denunciando a repressão policial contra os estudantes e apresentando uma moção de protesto aprovada por aclamação, exigindo a saída do sr. Armando Falcão do Ministério da Justiça.

Nos bancários

Além da comemoração na Vila da Penha, o Dia Internacional da Mulher foi saudado em várias solenidades realizadas nesta Capital e em outras cidades. No Sindicato dos Bancários, por exemplo, realizou-se uma conferência de nossa companheira Ana Montenegro, patrocinada pelo Departamento Feminino daquela entidade.

A duas e meia horas de Maceió, viajando-se por uma das melhores estradas de Alagoas, estão os acampamentos das equipes da Petrobrás que trabalham na perfuração de poços na região de Jequiá. O jipe que nos conduz a este posto avançado da Petrobrás atravessa a mata cortada pela estrada, por quilômetros e quilômetros. Finalmente, a monotonia da paisagem é quebrada pelo aparecimento do casario de madeira do vilarejo em miniatura que abriga uma centena de operários, técnicos e engenheiros.

Não muito distante do acampamento, encontra-se o poço pioneiro Jequiá n. 2. A uma ordem do engenheiro que nos acompanha, as válvulas são abertas e logo jorra o petróleo de Alagoas, escuro, viscoso, real. É verdade que os poços perfurados ainda não se revelaram grandes produtores, porém, indicam irrefutavelmente a presença do ouro negro.

O importante — dizia um dos engenheiros sediados no campo — é perfurar até encontrar um grande lençol. Isto vem sendo feito como verificamos, logo após, ao visitar as instalações do Jequiá n. 9, que naquele dia começava a ser perfurado.

A direção da Petrobrás confia nas possibilidades da região, a ponto de já ter construído um pequeno oleoduto até a Barra de São Miguel, onde instalará o terminal oceânico que armazenará o óleo a ser embarcado para os refinarias.

Acampamento no meio da mata

Quem visita Jequiá não se pode furtar ao almoço em companhia dos técnicos que operam na região. No restaurante que é ao mesmo tempo uma espécie de clube para mais de uma centena de pessoas que procuram o petróleo de Alagoas, vivemos alguns momentos das horas de folga daqueles homens. No meio da mata foi construída uma pequena cidade dotada de

todos os requisitos da vida moderna. Alojamentos confortáveis, água em abundância, luz elétrica e, para compensar a solidão, rádio, jornais e revistas.

O engenheiro (cearense) nos o acompanhante explica detalhes, contados o pitoresco da vida nestas paragens. O que mais nos impressiona é a organização que preside às atividades da empresa. Para perfurar e manter os poços em produção, a Petrobrás abre quilômetros de estrada em plena mata, constrói alojamentos, instala estações transmissoras e receptoras para comunicação rápida, não esquecendo de dar aos seus técnicos e operários um mínimo de conforto por mais longe que estejam dos centros urbanos. Tudo isto é maravilhoso porque realizado com investimentos nacionais, planejado e dirigido por brasileiros de todas as latitudes, afirmando definitivamente a nossa capacidade num terreno tão complexo.

O petróleo de Alagoas

Em Maceió, na Superintendência do Serviço Regional do Nordeste, da Petrobrás, entrevistamos o sr. Lindomar Mata, responsável por aquele departamento.

A Petrobrás, disse-nos — vem efetuando pesquisas e sondagens em toda a faixa costeira de Alagoas e Sergipe, desde a orla marítima até uma linha batizada aproximadamente pelas cidades de Passo de Camaragibe e São Miguel dos Campos, em Alagoas, e Pacatuba, em Sergipe.

Revelando em seguida que, somente em 1959, a empresa aplicou 550 milhões de cruzeiros no trabalho de pesquisa na região, acentuou que tal fato revela a confiança que se tem na existência de reservas importantes de petróleo nessa área.

Temas em operação, acrescentou, cinco sondas de perfuração prontamente ditas, além de uma para

testes e limpeza de poços produtores de petróleo ou gás.

Após assinalar que um dos poços perfurados, o Jequiá n. 2, revelou possibilidades de exploração comercial, declarou que o valor principal das perfurações está em que elas possibilitarão, rapidamente, a eliminação das áreas menos promissoras ou mesmo negativas.

Concluindo, exaltou o nível de especialização atingido pelo pessoal brasileiro que opera nas instalações da Petrobrás em Alagoas e Sergipe (são setecentos e trinta e nove).

Resposta ao Leitor

Legalidade

«Nós, comunistas, apelamos para os companheiros de todo o país para lutarem dentro dos princípios constitucionais e democráticos pela legalidade do nosso Partido», é o que diz o leitor Ottoniel Lira Gomes, de Alagoinhas (Bahia), em Manifesto distribuído naquela cidade, do qual nos foi enviado um exemplar.

«Tática do Vaticano»

O leitor Arasil (repórter-amador) nos escreve: «Sob o título «1300 padres católicos ao lado do socialismo», Novos Rumos deu ênfase exagerada a uma atitude do clero, que não passa de inteligente e manhosa manobra econômica, igual a tantas outras que vem fazendo em todos os países...» Não concordamos com as opiniões desse leitor.

Roosevelt

«Olho Vivo», de S. Paulo, diz, em carta, que apreciou muito o nosso comentário a respeito da visita do presidente dos EUA e pessoal do FBI, e nos lembra que Roosevelt, quando presidente daquele país e em visita ao Brasil, dispensou guardas. Obrigada.

«Moreira Sales»

De Campo Moura (PR) escreve-nos o leitor José Ribeiro denunciando o fiscal da Fazenda Moreira Sales como atrabiliário e violento. Segundo aquele leitor, esse fiscal agrediu, por mais de uma vez, o trabalhador Aparecido Basilio, sem nenhum motivo.

Indústria Farmacêutica

O leitor Haroldo Urnersbach (São Leopoldo-SP) sugere que publiquemos reportagens sobre diversos ramos industriais, a exemplo do que fizemos recentemente com a indústria farmacêutica. Sua sugestão será atendida oportunamente. Quanto aos esclarecimentos sobre reportagens de nosso colaborador I. Miglioli, serão enviados diretamente pelo autor das reportagens.

Exploração

Do leitor Manoel Pereira (Macará-PA) recebemos carta denunciando as desumanas condições de trabalho e de vida dos camponeses dessa região, onde pais de família ganham salários de seiscentos cruzeiros mensais, miseravelmente explorados pelos latifundiários, sem que as autoridades do Ministério do Trabalho tomem as providências cabíveis.

Frente Nacionalista

Tomou posse a primeira diretoria da Frente Nacionalista de Garanhuns (PE), que se propõe, ao lado da defesa dos princípios que norteiam a luta de nosso povo pela libertação econômica do Brasil, lutar pela vitória da candidatura Lott, — e o que nos comunica o leitor Arão Pereira, da Suíça pernambucana.

Carta do Sertão

Doutô Armando o Facão,
Minista das injustiças,
Vasmice e responsave:
Pelo qui fez a pulga.

Agora vai presta contô
Ao seu chefe J.K.,
Var sai dessa mamata
E volta a pranta batatz
Nas terra do Ceará.

O tempo da parmataria
Da virala do pinco,
Morreero cam seu vivo
Mas mece num s'isqueerit
Vive carando as sonada
Das virolada qui dou.

Tenha carina, seu doutô
O mundo recerra paz,
O bonde subiu de preço
Outros omento nas teas
Sabemo o qui mece que
E' prú pobr anda a ne
O doutô sabe o qui faz.

A subida dos alimento
Dexô a gente fêmeola,
Num ha transporte prus pau,
Prus fio nãu tem saçola.

O doutô talvez s'isquece
Quê esse povo qui num tem
Nacido na mesma terra
São brasileiro tambem.

Vassamice num carcula
Quanto foi minha triteza,
Im li ve, sempre dobrado,
Na cama dos Diputado
Pra nioie sirvi de mesa.

Ver itas terra cearense
Pra se banca aqui no Rio,
Lacrevee nas suas costas
Sem vasmice dá um pio,
Paide o doutô se de la,
Mas, juro qui discurhal

Pir tudo qui mece faz
Nem parece brasileiro,
A bassora e a lanterna
São coisas dos istrangero,
Da subarão infeliz
Qui traz o nosso pais
No pio dos cativeroi.

Parém a sua lanterna
Tem qui se apagada
Pelo o nosso Marechal
No Palácio d'Arvorada!



Não é só sururu

A velha marchinha dizia que Alagoas era a terra só do sururu. Nos campos de São Miguel os engenheiros e técnicos da Petrobrás venceram o preconceito. As poderosas sondas perfuram hoje o solo e trazem para a flor da terra a petróleo

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttenberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragnon Borges

REDATORES
Almir Mattos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 157, 17º andar, S/1712 — Tel: 43.7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 250,00
Semestral = 130,00
Trimestral = 70,00

Aérea: out sob registro, despesas à parte

Número avulso Cr\$ 5,00
Número atrasado = 8,00

MENORES ABANDONADOS

Nunca é demais falarmos sobre o problema de menores abandonados. É fácil encontrá-los pelas ruas desta cidade, mãos estendidas, rotos, descalços, os ossinhos bem visíveis e mal cobertos pelas carnes. Condição para eles deve ser colza rara; onde moram? de onde são, como estão? É seu maior de coragem, alistado no grande batalhão brasileiro das mulheres sem medo, mas quando vê essas crianças assim, minha coragem enfraquece. Gostaria de poder viver sem assistir ao sofrimento das crianças. Que culpa tem elas do regime em que vivemos, da sociedade tão cruel em que nascem? E são as mais sofridas das criaturas.

Vejam as últimas notícias do SAM: meninas engravidadas dentro dos próprios estabelecimentos chamados de recuperação e que são apenas antes de encaminhamento do crime, aquilo que já foi chamado nem sei por quem: universidades do crime. Vejam as notícias dos jornais: crianças presas como ladrões, crianças matando, crianças levando à prática o que assistem em filmes americanos — grandes difusores de crimes — e não nas tão malféticas lições de quadrinhos. Ontro dia, meninas mataram sedutores; outro dia, meninas mataram um chefe para roubar. E o problema continua porque não é um problema brasileiro, é um problema mundial numa sociedade corrupta até os seus alicerces. Corrupta e podre.

Mas o Juizado de Menores precisa mostrar o quanto vela e zela pelos nossos menores. Os abandonados que se fixam, mas os outros, os filhos de trabalhadores, esses que por exemplo desfilam nas escolas de samba, esses merecem ser arrancados violentamente dos destitutos, são levados para um canto e — como me contou um próprio polícia! — depois, nem comida dão aos pequeninos. Demonstração de força, parada de autoritarismo, é isso que acontece todos os anos no Carnaval e acontece mais uma vez este ano na Avenida, quando os Acadêmicos do Salgueiro desfiliavam. Como pode? Por que o Juizado de Menores não começa moralizando o SAM? por que não organiza um auxílio certo e seguro aos menores realmente abandonados, esses que nunca viram pai nem sabem onde anda a mãe?

Era bom fazermos um estudo bem analisado, bem organizado sobre esse Juizado de Menores e a Polícia que, afinal, são uma e a mesma coisa. Outro dia prenderam pequeninos vendedores de amendôim. Prenderam — sabemos todos — significa prender e bater. Eram quarenta e quatro garotinhos que saem de noite para vender pelas ruas os amendôims torrados. Na dia seguinte, quarenta e quatro mães estavam no Distrito pedindo a volta de seus filhos. Sem eles e seus amendôims, aquelas mães — lavadeiras, domésticas, todas trabalhadoras — não podiam viver. Os garotinhos magros, descalços e sujos eram — e são — arrimo de família.

Lamentável, muito lamentável e mais lamentável ainda é essa história porque suas personagens perseguidas, as vítimas, são crianças, crianças que bem tinham e têm direito a um mundo melhor.

Enredo

“Para Onde Vai o Brasil?” (*)

RUI FACÓ

PARA ONDE VAI O BRASIL?, de J. Salgado Freire, é talvez um dos livros mais expressivos do estado de espírito dominante em ponderáveis camadas do povo brasileiro nesta época tão caracterizada que vivemos. É um livro ao mesmo tempo honesto e pouco equilibrado, referido de altos e baixos e onde não faltam exageros.

Perfeitamente justificado o entusiasmo com que o autor aborda o que constitui o tema central do livro — o desenvolvimento do país. O balanço que oferece ao leitor entre um Brasil que vai ficando para trás e outro que se delineia pleno de forças e confiança em si mesmo é, de fato, entusiasmante. Mas nem por isso podemos desprezar o nosso passado, onde o autor só vê um povo «completamente abúlico» (p. 70). Parece-me também unilateral sua apreciação em relação a Portugal ao tempo da descoberta e colonização do Brasil.

E porque vê o Brasil de hoje isolado do passado, das lutas heróicas de nosso povo, dos seus sofrimentos e sacrifícios, como se o Brasil desenvolvimentista de JK fosse obra de magia, Salgado Freire chega a formulações infun-

das como a de que «o próprio povo, que só devia ter interesse no progresso, é que mais luta contra ele...» (p. 185). Quando, no entanto, reconhece que durante séculos fomos um país de escravos e que sob a escravidão ou semi-escravidão, que ainda hoje subsiste em nossa agricultura, fosse possível um real progresso, um incremento substancial das forças produtivas.

Avançamos porém — e aqui está um dos seus exageros — que depois de 30 «o Brasil cresceu, tornou-se gigante» (p. 75), que «foi realmente assombroso nos últimos anos o progresso de nosso país» (p. 79). Embora linhas soltas reconheça que «nossa indústria carece de consumidores», «nossa população no interior, com seus 40 milhões de almas, não produz e, assim, não consome», que a nossa produção para o mercado interno «é feita ainda com métodos primitivos, em pequenos sítios, na enxada, na velha rotina» (99) e que «70% de nosso povo vive em palhoças, casas de palha, mocambos, favelas» (101).

Avançamos, é verdade, no terreno industrial, mas é um avanço ainda desarmonioso, carregando o

ônus da secular exploração imperialista, que deforma inevitavelmente qualquer economia. É uma deformação, e aberrante, estamos incrementando a ritmo acelerado a nossa produção industrial enquanto nossa agricultura continua submetida ao regime semi feudal dos latifúndios, com a massa miserável dos que não consomem, aqueles 40 milhões a que se refere Salgado Freire. Não que abandonemos a indústria pela agricultura, como desejaríamos os monopolistas americanos e seus advogados, mas este mesmo progresso se estancará se não transformarmos radicalmente a estrutura agrária do país.

Salgado Freire cita um autor, concordando com ele, segundo o qual «o desenvolvimento econômico é um desequilíbrio permanente» (102), tese inteiramente falsa e desmentida pela realidade dos países socialistas, onde o equilíbrio é tanto maior quanto maior o avanço no domínio econômico. Equilíbrio no desenvolvimento proporcional dos diferentes ramos da indústria, equilíbrio na distribuição dos bens de consumo e serviços, equilíbrio crescente entre a vida urbana e a rural, com a tendência de liquidar-se o milenar contraste entre a

cidade e o campo, entre o trabalho físico e o trabalho intelectual.

Salgado Freire pensa assim porque não vê outra saída para o progresso humano a não ser nos moldes capitalistas, como se o capitalismo, fugindo a toda a lógica da história, fosse um regime econômico-social destinado a perpetuar-se. Como se não lhe estivesse reservado o mesmo destino que coube à comunidade primitiva, ao escravismo, ao feudalismo: desaparecer para ceder lugar a um regime econômico-social mais avançado, que melhor desenvolva as forças produtivas, as energias criadoras do homem.

Dai sua posição ante o comunismo, que considera um simples «fenômeno de subdesenvolvimento» (p. 222), esquecendo que dois dos maiores e mais influentes partidos comunistas do mundo se encontram em velhos países capitalistas: a França e a Itália. O PC Francês, desde o fim da guerra, é o partido majoritário da França, e nenhuma lei eleitoral da reação conseguiu roubar-lhe a primazia, como não o conseguiram os milhões de dólares derramados pelo Plano Marshall na Europa Ocidental, ou as ameaças ditatoriais do general de Gaulle. O mais que obteve a reação foi reduzir-lhe, por manobras sórdidas, a representação parlamentar. Mas nem sempre é o parlamento quem decide os grandes problemas do país, sobretudo quando esse parlamento é uma máscara de ditadura pessoal e não traduz a vontade do povo. Nos momentos decisivos, as massas atuantes da classe operária francesa estarão firmes ao lado do Partido Comunista. O PC da Itália desencantou as esperanças da reação; o seu recente Congresso mostrou seus efetivos: 1 milhão e 800 mil membros, contando mais de 6 milhões de eleitores. Hoje, é impossível na Itália um governo estável sem a participação dos comunistas e socialista, todos o reconhecem.

A atitude de Salgado Freire em face ao comunismo decorre da esperança que alimenta ainda em relação ao regime capitalista. Tem a ilusão de que os abalos periódicos que atingem o capitalismo «não são do regime em si, não implicam na destruição do capitalismo e sim em sua atual organização, que consiste em poucas nações altamente industrializadas, com alto padrão de vida, e em torno delas, na periferia, centenas de povos pobres, vivendo a mesma vida dos nossos antepassados, como se não existisse a técnica moderna. É necessário humanizar-se a atual organização do capitalismo internacional» (p. 229).

Se o capitalismo fosse isso com que sonha Salgado Freire já não seria capitalismo, tampouco o imperialismo seria imperialismo não explorasse e oprimisse povos e os trabalhadores do próprio país. Salgado Freire em no conto do vício do «capitalismo popular» («humanizado») que tanto alardeia nos últimos tempos os ideólogos do imperialismo, sobretudo os Estados Unidos. Como se fosse possível humanizar a escravidão, que constitui a essência mesma do regime capitalista, incapaz de sobreviver sem a exploração do homem pelo homem.

No entanto, Salgado Freire tem uma consciência bastante clara do que é o imperialismo — «o general da banda», como ele o denomina. Reconhece seus efeitos malditos em nosso país, sua capacidade corruptora, seu empenho de enriquecer o autêntico progresso dos povos. Os dados que cita são convincentes neste sentido. Refuta com valor as teses anti-desenvolvimentistas de um dos principais advogados dos interesses do capital estrangeiro no Brasil, o sr. Eugênio Gudin — personagem comum de seu livro.

Em suma, PARA ONDE VAI O BRASIL? é uma obra de meritos poéticos, de combate vigoroso e honesto ao Brasil, o lamentar de seu povo, denuncia os males do capitalismo. É um livro que merece confiança no futuro de nosso país. Falta-lhe porém uma perspectiva mais ampla da marcha da humanidade e do Brasil mesmo, e o reconhecimento do quanto o socialismo, através da experiência e expectativa de 40 anos num único país e que abrange hoje em terço da humanidade, nestas quatro décadas transformou a face do mundo, favorecendo e facilitando a luta dos trabalhadores e de cada povo — e do Brasil também — por sua libertação econômica e nível por uma vida melhor.

«Para onde vai o Brasil?» — Editora Conquista — 1959

Visão de Graciliano Ramos

BRIQUET DE LEMOS

A 20 de março de 1953, falecia Graciliano Ramos. Hoje, decorridos sete anos, voltamos nossos passos àqueles caminhos a que ele nos levava através de seus livros, e sentimos, em todo o seu calor humano, a bem viva presença de um escritor profundamente impregnado da responsabilidade de sua criação diante dos leitores, diante da própria literatura do país.

A personalidade de Graciliano Ramos eleva-se em nossa admiração e se faz merecedora do justo destaque que tem recebido não só pelo valor intrínseco de sua obra, mas pelo contínuo e exaustivo esforço do autor em aprimorar-se, em corrigir erros, em autocriticar-se, procurando entender melhor as contradições do mundo em que vivia.

Para Graciliano nada havia de maior valor que a realidade das coisas. O que impressiona a sua sensibilidade de escritor é o impacto dos contrastes materiais, das contradições do ambiente que o circunda, e que vão condicionando as personagens que o autor dispõe no palco onde acontecem as suas obras de ficção. Embora não se encontrem em Graciliano as riquezas descritivas dos elementos paisagísticos, os leitores bem sentem os traços marcantes do arcabouço a que poderíamos chamar de paisagem social. Conseqüentemente, podemos aprender que os romances de Graciliano (aqui considerando aqueles declaradamente de ficção, excluindo obras como INFANCIA e MEMÓRIAS DO CARCERE) refletem em suas páginas as circunstâncias e os homens que se fazem determinar pelas relações sociais do meio

em que vive m. Assim, podemos compreender CAETES, SÃO BERNARDO, ANGUSTIA e VIDAS SECAS como obras integralmente imbuidas dos problemas do homem nordestino, tanto rural como urbano.

Sem nos ocuparmos em apontar falhas ou inseguranças que, do ponto-de-vista formal da realização literária, podem ser percebidas em seu primeiro romance — CAETES —, encontramos aí a configuração da pequena cidade nordestina, marginal, vivendo como apêndice dos latifúndios todo-poderosos. Palmeira dos Índios é bem um padrão. As possibilidades de que o homem dispõe para «subir na vida» são restritas. Este, na sua grande maioria, vê suas forças cedo anuladas, sua vida afoga-se no ramerrão enervante e soporífero, enquanto se exacerba a arrogância e a ambição dos ricos de dinheiro.

Com ANGUSTIA muito se veio a falar da introspecção do autor. Ela existe, é claro. No entanto, em Graciliano, ela não significa uma posição de voltar os olhos para dentro de si mesmo, abandonando o componente material sobre que devem assentar as personagens e o autor. A introspecção que observamos no mestre do romance nordestino implica em revelar os reflexos, na psicologia das personagens, das contradições, dos problemas que levam sua vida a ter este ou aquele curso. Portanto, podemos observar em seus livros não só o componente psicológico, mas, antes de tudo, o contexto sociológico que dirige a evolução do comportamento das personagens.

A personalidade de um latifúndio, Graciliano deixou-a traçada nas páginas magistrais de SÃO BERNARDO. Este livro, surgido após o lançamento de CAETES, confirmou soberbamente as qualidades de autor rico de experiência e possuidor de estilo marcante já anunciadas com o primeiro livro.

Em SÃO BERNARDO, Paulo Honório conta a sua história. Dis-

Considera que pode haver uma vida menos árdua, onde os filhos possam ir à escola, em que chegue a um fim a sua longa retirada. VIDAS SECAS é um belo poema de compreensão, de interpretação positiva do homem, que, sofrendo agruras inenarráveis, dá, sob o sol de fogo, as suas energias para o enriquecimento e fausto dos coronéis, dos senhores de engenho, enquanto cresce

soube lutar contra a intolerância, de quem herdava e batilhava para que o mundo deixasse de ser aquele mundo angustiante de algumas de suas personagens e pudesse vir a ser um lugar onde as pessoas pudessem sentir plenamente a vida, onde as crianças fossem crianças mesmo — meninas como aquelas da União Soviética que o becharam num círculo de beijos e esufizante



O velho Gracá

Notas Sobre Livros

O nome do peruano José Carlos Mariátegui é pouco menos que desconhecido no Brasil, mesmo nos meios intelectuais. Trata-se entretanto de um dos maiores escritores da América de língua castelhana, com repercussão literária e política além das fronteiras de seu País.

Mariátegui nasceu em 1895 e morreu em 1930: vida curta de escritor pobre, com muito trabalho, e atribuída por pensa enfermidade. Começou a trabalhar de imprensa aos 14 anos. Desde 1918, empujado da política criolla, segundo suas próprias palavras, orientouse para o socialismo, rompendo ao mesmo tempo com certas tendências literárias decadentistas e formalistas de que impregnara seus primeiros escritos. Em fins de 1919 viajou para a Europa, onde permaneceu até meados de 1923, passando na Itália mais de dois anos, aí presenciando os acontecimentos revolucionários que se seguiram à guerra e antecederam à dominação do fascismo encabezado pelo renegado Mussolini.

Seus estudos e sua experiência o levaram ao marxismo. Sua atividade científica e literária se desdobrou naturalmente em ação política, e Mariátegui se tornou em seu País um eminente líder do pensamento marxista, sem jamais perder de vista as realidades históricas e sociais da sua terra, da sua gente, do seu tempo. A negação do pensamento meramente livreiro, dogmático, abstrato, que é a própria negação do marxismo. Nisto reside o mérito fundamental da sua obra, e é isto precisamente que explica a natureza e o alcance da fecunda influência de Mariátegui, entre a juventude peruana. As edições sucessivas do seu livro principal — Sete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana — evidenciam e comprovam essa influência.

Suas obras completas são editadas, agora, por empresa organizada pelos herdeiros de Mariátegui, e compreendem duas séries de 10 volumes cada série, tudo em formato uniforme e a preços populares. Os títulos e a matéria de cada volume revelam a primeira vista o que realmente significa a obra extraordinária realizada pelo grande escritor peruano. Eis a lista dos 10 volumes já publicados:

1. La Esencia Contemporánea, primeiro livro de José Carlos Mariátegui, edição de 1925, contendo artigos sobre figuras e aspectos da vida política e literária mundial; 2. Sete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana, obra-prima edição data de 1928; 3. El Alma Matinal y Otras Estaciones del Hombre de Hoy; 4. La Novela y la Vida; 5. El Profesor Casella; 6. Ensayos Sintéticos, Reportajes y Ensayos; 7. Defensa del Marxismo, Política Revolucionaria; 8. El Artista y la Época, com ensaios de estética e crítica literária; 9. Signos y Obras, Análisis del pensamiento literario contemporáneo; 10. Historia de la Crisis Mundial, serie de conferências pronunciadas em 1923; 9. Poesmas a Mariátegui, emblema a de verso e prosa, dedicado a Mariátegui; 10. Mariátegui, com prólogo de Pablo Neruda; 10. José Carlos Mariátegui, Etapas de sua vida, estudo biográfico de Maria Wisnes, seguido de ensaios sobre Mariátegui firmados por numerosos escritores latino-americanos.

Os 10 volumes da segunda série obedecem ao mesmo critério de organização. José Carlos Mariátegui foi um denodado combatente do pensamento marxista na América Latina, o que quer dizer — na linguagem ilustrada e experimentada das lutas pela libertação nacional e social dos povos desta parte do Continente. Suas obras constituem a legião inestimável de um dos melhores representantes da inteligência revolucionária do nosso tempo.

Virgílio Pereira

tória triste, que tem o caráter de autobiografia, consegue despir de seus aspectos hediondos, individualismo duro, cheio de arestas, flagelando-se em laivos de egoísmo, perdendo suas ligações com os outros homens pela sua ambição, isolando-se em suas dores que nem seus recursos econômicos conseguem diminuir.

Há personagens de Graciliano que são estranhamente más. Mas porque, isoladas em sua ambição individualista, desgararam-se dos vínculos humanos da existência, não conseguindo compreender o beatífico das coisas simples, a beleza e a bondade das atitudes verdadeiramente humanas. Do meio dessas personagens emergem, aqui e ali, figuras mal esboçadas que tocam a observação anterior.

Há uma personagem principal, porém, que cresce e se afirma diante de nós pela sua atitude face à vida, pela sua luta inabalável pela sobrevivência, sem o desespero amarelado, mas imbuído de confiança e de esperança. Tal figura é Fabiano, de VIDAS SECAS.

Compreendemos que na figura simples do caboclo nordestino, pigido às secas, Graciliano Ramos colocou toda a sua ardente simpatia pelo homem, toda a sua confiança em que de uma condição precária de existência pode o indivíduo sair para a luta por uma situação melhor. Ao contrário dos seus outros livros, VIDAS SECAS termina com um sopro de esperança. Embora retomando a estrutura de narrante, Fabiano sente-se contente,

na sua fúlvola e alimentam suas ideias.

Em MEMÓRIAS DO CARCERE e VIAGEM, encontramos um material que nos permite compreender a sua atitude em relação ao mundo — atitude de quem sempre



O jornal literário TITELA, de VERAPAZ, trouxe a publicação de duas obras de Monteiro Lobato. São o número de 24 de janeiro traz o conto «Negrinja», em tradução de Antônio Valente; e o número de 24 de fevereiro traz o conto «Negrinja», em tradução de Antônio Valente.

admirar onde os homens preferem ao mesmo o Presidente da União de Escritores do Governo, que ao bel-prazer demonstrava entregar ao esconceito através de uma aliança na prova de uma positividade e dignidade.

admirar onde os homens preferem ao mesmo o Presidente da União de Escritores do Governo, que ao bel-prazer demonstrava entregar ao esconceito através de uma aliança na prova de uma positividade e dignidade.

admirar onde os homens preferem ao mesmo o Presidente da União de Escritores do Governo, que ao bel-prazer demonstrava entregar ao esconceito através de uma aliança na prova de uma positividade e dignidade.

UNIVERSITÁRIOS EM GREVE EM TODO O PAÍS

Falcão Enterrado Sem Choro Nem Vela

«Concordatário fraudulento, eleito com dinheiro do contrabando, incendiário dos arquivos da IAPM para livrar-se de processo por peculato, advogado da Orquima, golpista empedernido, inimigo da Petrobrás e do desenvolvimento, arrivista do Governo — de quem se aproximou após ver abortados todos os seus planos visando ao regime extra-legal — sócio do grupo de Aldísio Pinheiro, pirata moderno do Ceará, atirador de bombas na COFAP para desviar a atenção do povo do aumento da carne pretendido pelos frigoríficos estrangeiros e para levar à demissão um Chefe de Polícia patriota que não se deixou envolver por suas manobras, autor de articulações contra a legalidade nos recessos do Parlamento, espancador de estudantes, homicida confesso de crianças e hospitalizados, fascista, enfim».

Eis como a União Nacional dos Estudantes, em nota distribuída à imprensa, define Armando Falcão, que ainda se mantém como ministro da Justiça.

Greve de oito dias

Com a finalidade de esclarecer o povo — mediante comícios, debates e passeatas — o respeito da Lei de Diretrizes e Bases e ampliar a adesão popular ao movimento contra o ministro indesejável, a UNE decretou greve nacional por oito dias. O movimento paralisou a maioria das atividades pelo país inteiro.

Embora a greve tenha uma duração limitada, os estudantes advertem que seu fim não implica na suspensão do movimento em prol do afastamento de Armando Falcão.

Manifestações

Vários atos foram programados para os oito dias de greve. Dentre eles resalta, por sua importância, o comício de quarta-feira passada diante da Câmara Federal.

Numa demonstração que já se vai tornando comum, o «cadáver» de Ar-

mando Falcão já percorreu as ruas de Belo Horizonte, S. Paulo e Recife. No Rio, à entrada do prédio da UNE, há um velório dos «restos mortais» do ministro, cuja duração está prevista para os dias de greve.

Solidariedade

O movimento grevista dos estudantes tem recebido a solidariedade ativa de quase todos os sindicatos do país, assim como de Comitês Nacionalistas pró-Lott-Jango.

As visitas a parlamentares feitas no DF têm contado com a presença de estudantes, operários e funcionários públicos, que apresentam seus problemas específicos mais candentes (diretrizes e bases, leis de greve e previdência social, e reclassificação) e, como reivindicação comum, a demissão do ministro Falcão.

Os comitês pró-Lott-Jango da Leopoldina, em reunião conjunta, deliberaram enviar um telegrama ao presidente da UNE, solidarizando-se com as lutas estudantis, e outro ao Marechal Lott, solicitando intervenção junto aos partidos que apóiam sua candidatura para que eles concorram para a substituição de Armando Falcão.

D. Jaime solidário com o pecado

A União Nacional dos Estudantes enviou ao cardeal Jaime Câmara o seguinte telegrama:

«Estranhamos Vossa Eminência esteja solidário ministro Falcão monstruoso pecado espancamento juvenil e bombardeio Hospital Souza Aguiar culminando morte recém-nascido. Estes não foram ensinamentos de Cristo. Respeitosamente. (Ass.) Paulo Totti, presidente em exercício da UNE».



Que os anjos digam amém

É difícil citar um velório que tenha sido tão festivo quanto o de Armando Falcão na sede da UNE. Moças bonitas, excelentes piadas, um ambiente de grande alegria. E tanta gente queria ver o «defunto», que os jovens foram obrigados a estabelecer em oito dias (14 a 21 do corrente) a duração do velório. Durante esse período não haverá aula nas Universidades do Distrito Federal, assim como em estabelecimentos de ensino superior de outras cidades do Brasil. O «defunto» é «tão querido» dos estudantes, que inclusive em cidades distantes estão organizando caravanas para vir ao Rio prestar a última homenagem ao «morto ilustre».

Chuva

Conto de ARIIVALDO MATOS

O essencial era dominar a impaciência. Do contrário se atiraria à chuva, sem capa e sem chapéu, e então a velha bronquite crônica não respeitaria conhaques para reavivar-se, impor-se aos medicamentos, atirá-lo à cama, transformando-o em um pasto para os lamentos e as recriminações de tia Edite. Olhou em torno. Nada de importante. Gente comum. No saguão do velho Forum, onde se abrigava da chuva persistente, coisa alguma que exigisse atenção, despertasse interesse, fosse suficientemente poderosa para distraí-lo. Nenhum jornal. Sequer o livrinho de palavras cruzadas que habitualmente conduzia no bolso traseiro.

Na ruazinha agitada, caía a chuva miudinha, dessa que se prolonga horas e horas, a tudo inundando porque os ventos parecem levá-las à toda parte. O jeito era dominar a impaciência. Indispensável ser forte. Tia Edite falava muito no poder da vontade. Os exemplos da família eram, no particular, numerosos e heróicos, a começar do avô, que deixara de fumar aos 62 anos. O avô Benício... Considerou que talvez fosse uma boa idéia lembrar as lições de inglês... He wants an apple... He wants a book... Não, tolice. Não havia ambiente. Não havia silêncio: os bondes rangiam, as buzinas gritavam, os murmúrios cresciam, a chuva caía, miudinha, molhando a rua, as casas, molhando as mocinhas que passavam e os homens que corriam.

Em volta, no saguão, gente comum. O velhote, no canto, com um jornal sob a axila esquerda, seria um funcionário público. Com certeza. Lá estava, todo vulgar, olhar sem expressão, sem protesto contra a chuva, impertinente, quieto no seu canto, passando pela vida ao invés de vivê-la. Casado, necessariamente. Talvez a esposa fosse uma outra tia Edite, mais magra decerto. E falatrona, reclamando detalhes, papagaiando advertências ordinariamente boçais. Evidente: o velhote era um transeunte bem comportado, suficientemente desfraldado para atender a todos os sinais do tráfego de todo-o-dia, prisioneiro de hábitos bobocentros e de uma esposa de QI inferior a 25, mas enérgica, mandona, cheia de advertências — tal qual tia Edite.

Havia, também, abrigado no saguão, o casal de jovens: ela loira e dentuça, ele sarará. Um pouco mais vivos que o velhote, por força da idade e de desejos vulgares, também prósperos de cavalos e águas; de qualquer forma, sentimentos que tia Edite nunca experimentara, salvo surpreendente engano. Não rinchavam, claro está, mas se esfregavam sem muito escândalo. Ele beijava-lhe o ouvido direito e ela procurava, em vão, conter a tremedeira, afastando-se alguns centímetros, retornando, segundos depois, para a posição antiga, à espera de outro beijo, outra emoção, outra tremedeira — e aquilo se repetia, quase cadenciadamente, tal qual a chuva miudinha que caía, caía, como os bondes que rangiam, rangiam... E afastada, mas não o suficiente, aquela casa de discos, de onde vinham os versos de uma canção:

— «Que será...
Será...»
Tudo mudou, ou pareceu que ia mudar, quando a velha e o jovem chegaram. Ela carregava um embrulho, ele sobrava um estôjo de violino. Falavam alguma coisa. Ouviu a velha dizer:
— «Já é tempo!»
E ouviu, igualmente, o rapaz replicar:
— «Não, ainda não!»
Alegrou-se. Acendeu um cigarro, tragou-o com gosto, sentindo a fumaça penetrar nos pulmões, da base ao topo, e a soltou, devagarinho, enquanto caminhava dois ou três passos em direção ao rapaz e à velha. Precisava ouvir melhor. O assunto que discutiam seria da maior importância. A velha era a mãe — bem se via — mas o jovem a tratava com estupidez:
— «Não diga besteira!»
Ele quase gritou e a velha, por alguns segundos, permaneceu calada, como se meditasse. Um instante apenas, porque, em seguida, querendo persuadi-lo, falou:
— «Repare, Dinho, sem esse dinheiro, nós não...»
O jovem interrompeu, quase brutal:
— «Cale-se!»
A velha obedeceu, fixando os olhos no chão, como se quisesse evitar lágrimas. Em silêncio, então, os dois ficaram, e tudo voltou a ser como antes: a chuva caindo, os bondes rangindo, os versos que se repetiam, os versos da canção:
— «Que será...
Será...»

Minutos foram passando, a irritação de novo reapareceu, agora agravada pela curiosidade espiciada e não atendida. Que haveria, de conflito, entre o jovem e a velha mãe, o jovem que sobrava o violino, a velha que carregava um embrulho e não ousava encarar-lo?

Mãe e filho, de acordo. Olhos azuis e gestos ágeis, comuns aos dois. Comuns, também, os cabelos cor de bronze, os lábios finos, as mãos longas e delicadas. Ela falara em

«Já é tempo» de quê?
«Ainda não» por quê?
Era indispensável, absolutamente indispensável, que continuassem falando, matassem aquele silêncio, não permitindo quietude bobocenta ao velho funcionário; não permitindo aquela senvergônico da tremedeira; não deixando que a lembrança de tia Edite voltasse e ela amenizasse voltar! Era necessário que discutissem. Esclarecessem a causa do con-



dinheiro. Não podia haver dúvidas: viviam com dificuldades. A velha estava com um vestido coscado, sem qualquer agasalho e os sapatos do jovem — era fácil ver — já tinham suportado mais de uma meia-sola. Nos gestos, na voz, no comportamento, nada tinham de vulgar. Irritavam, apenas, pelo silêncio, quando era necessário que, como antes, discutissem, falassem, fornecessem maiores elementos, de modo que a imaginação pudesse trabalhar sobre uma motivação mais rica. Muito bem: havia o problema do dinheiro. Quanto? Para quê?
Recordou, então, que a velha dissera «já é tempo» e o rapaz replicara «ainda não». Que significava isso?

flito, excitando-lhe a imaginação de sorte a ajudá-lo a vencer a tortura daquele terrível ambiente, com a chuva miudinha a cair, os transeuntes a desfilar, aqueles versos a repetir-se, sempre os mesmos, estúpidos e tão insistentes quanto as advertências de tia Edite.
«Já é tempo», de quê?
«Ainda não», por quê?
Talvez o rapaz fosse um músico de talento. Possivelmente a mãe o aconselhara a abandonar os estudos («já é tempo») e ingressar numa orquestra qualquer ou num conjunto mambembe, ganhando algum dinheiro, e ele recusava o suicídio artístico com aquele «ainda não!» Sofria-se, os dois, mais alguns anos, ao correr dos quais ele aprimoraria sua tec-

Teatro

«Romanoff e Julieta»

A PEÇA, como o título indica, trata de uma paródia ao tema lendário do amor de dois jovens, acima das divergências ou inimizades familiares. No caso, os adolescentes são, nada menos que a filha do embaixador americano e o filho do embaixador soviético. O local da ação é um simpático país neutro, muito democrático e liberal, país em que soldados e generais — no caso, além de general, presidente da república — conversam em pé de igualdade. E se movem igualmente com o sofrimento dos amadores, combinando entre si, os meios de ajudá-los. Como sempre acontece em tais casos, os respectivos papais tinham escolhido e determinado os futuros cônjuges de seus rebentos, de acordo com suas conveniências e sem maiores consultas aos interessados. Do lado americano, o jovem filho do industrial das geladeiras e outros utensílios elétricos. Do outro lado, a capitã da marinha mercante, jovem nada feminina mas cheia da mais inabalável firmeza ideológica. A mãe americana é romântica e torce decididamente pela vitória do amor. Mãe soviética tem como aspiração máxima a compra de um chapéu com plumas, papai se rebela contra o caviar que constitui o seu invariável cardápio — que é uma das maneiras de se demonstrar ao chofer e espíão que a família permanece fiel ao regime e guarda, no estrangeiro, os hábitos nacionais. Em ambos os lares os jovens são confinados em seus quartos, como castigo ao ato de desobediência e, digamos, segundo o autor, de traição a seus pais. Mas eis que o nosso romântico general-presidente toma a si o encargo de dar fuga e promover o casamento dos jovens, obtendo o mais completo êxito. Convidados a participar das comemorações de uma das inúmeras datas de independência do pequeno país, os dois casais de embaixadores comparecem formais e são, sem que o saibam, testemunhas do casamento dos filhos, cerimônia realizada pelo sumo sacerdote. Evdokia Romanoff, além de um vestido muito elegante, ostenta o belo chapéu com plumas, que seu marido soviético em um momento de terna compreensão ofereceu-lhe de surpresa. O «espíão» em uma crise de misticismo, resolveu refugiar-se em um austero convento e nós o vemos acompanhando o ritual do velho sacerdote. O casal americano, voltando ao sentimentalismo dos primeiros tempos, combina, astes de sair, umas férias a dois. Só a capitã e o vendedor de geladeiras estão ausentes. E não é difícil adivinhar que no fim eles aparecem devida e mutuamente consolados. E tudo termina muito bem, com a vitória do amor e da coexistência pacífica, com a confraternização das duas senhoras elogiando-se os respectivos trajes, e os papais conversando. Tudo, sob o olhar feliz do presidente do pequeno país em que não se pode dar salvas em dia de festa «porque as crianças jogaram terra na boca do canhão e nasceram flores...» «A peça é de autoria de Peter Ustinov, ator e dramaturgo inglês, filho de russos, nascido em 1921, combatente na última guerra, pacifista, autor de várias peças cheias de humor satírico, entre as quais «O Amor dos Quatro Coronéis» é a mais conhecida.

Boa direção, elenco homogêneo. Exceção feita à jovem Amélia Bittencourt que precisa esquecer Caclida Becker e começar a ser ela mesma.

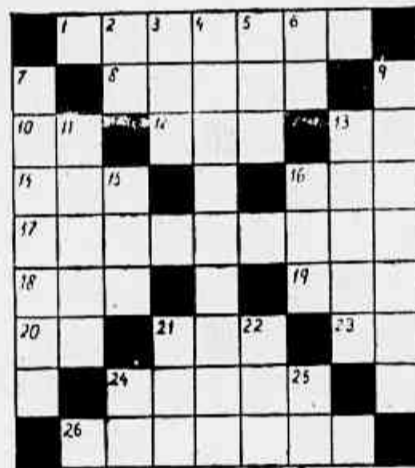
Beatriz Bondaire

Palavras Cruzadas

F. Lemos

HORIZONTAIS

1 — Tornar saliente; dar relevo. 8 — Conduzir, transportar. 10 — Antes de Cristo. 12 — Soberano. 13 — Instrumento



para trabalhos agrícolas ou de construção. 14 — Grande embarcação. 16 — Preceito que deriva do poder legislativo. 17 — Individuo que mata alguém. 18 — Negativa. 19 — Clóreto de sódio. 20 — Contração da preposição «a» com o artigo «o». 21 — primeira mulher, segundo a Bíblia. 23 — Símbolo químico do Lantânio. 24 — Nome de duas plantas da família das Icacináceas. 26 — Grande porção de brasas.

VERTICAIS

2 — Forma arcaica do artigo «o». 3 — Estudar. 4 — Que subverte; que destrói (Feminino, plural). 5 — Do verbo IR. 6 — Vento. 7 — Homem sem energia; palerma (Pl.). 9 — Pequena clausura de cana, vêrga junco ou arame. (Pl.). 11 — Casa grande. 13 — Relativo a penas judiciais. 15 — Emprego de qualquer coisa; moda. 16 — Lírio. 21 — Ave pernalta. 22 — Nome próprio masculino. 24 — Cidade da Caldéia. 25 — O substrato instintivo da psique.

RESPOSTAS DO PROBLEMA Nº 1

HORIZONTAIS: 1 — Opa; 4 — Ias; 5 — Um; 7 — Já; 9 — Anão; 10 — João; 12 — Tio; 14 — Bar; 15 — Ar; 16 — Fim; 18 — Sô; 19 — Farel; 20 — Asaro; 22 — Era. VERTICAIS: 1 — Oi; 2 — Par; 3 — As; 5 — Unir 6 — Mão; 7 — Job; 8 — Aias; 9 — Ata; 11 — Oró; 13 — Tirar; 16 — Fase; 17 — Mora; 19 Fã; 20 — Lã;

nica projetando-se no mundo artístico do país e — quem sabe — do mundo. Aquilo tia Edite nunca pôde compreender, embora ele insistisse em explicar: os talentos que a miséria esmagava, as inteligências que a fome brutalizava, as vocações que todo um sistema fundado na desigualdade de chances impedia que se afirmem e impulsionem a Humanidade no caminho que há de permitir festas em todas as ruas e canções em todas as bocas. Mas, era preciso compreendê-la. Não, muito injusto tratá-la com impiedade, olvidando que, vítima de terríveis preconceitos, pela família impostos, não se realizara como mulher e bem cedo se resignara a criá-lo, amando-o como a um filho; mas amando-o sem o compreender, sem perceber que com aquelas advertências, aqueles hábitos, aquela vulgaridade infinita, estava a ponto de fazer-se odiada. Aconteceria também assim com a velha e o rapaz? — Mulheres como tia Edite existiam em profusão. Não lhes palpitate ainda a vida, e deveriam ser colocadas em Museu, de modo que pudessem ser estudadas. Terríveis libelos contra os preconceitos bobais, o atraso cultural, os dogmas morais que Ingênieros... Exagero imaginativo! A velha tinha o olhar meigo, havia doçura em seus lábios finos, e quanto calma, que augusta calma, nos gestos acomodados! Nada que justificasse aquela vinculação. Talvez a discussão entre a velha e o jovem resultasse de causas bem diversas. Quem sabe se o rapaz não tinha «adiantado o expediente» com a namorada, provavelmente sua colega no curso de violino?

Aquela «já é tempo» talvez fosse um conselho ditado pela honra. Se ele a tinha engravidado, casasse com ela. Ao repelir a proposta, o rapaz... Não não se trataria disso, porque aquela frase referente ao dinheiro indicava que eles precisavam... O dinheiro estava no centro de tudo. Era o essencial.

Em dado momento o rapaz decidiu:

— «Vamos, mãe.
A velha concordou, aconselhando:
— «Olhe a chuva, ande depressa!»
E partiram, deixando uma fatia de conflito, um pedaço de drama — e é, agora novamente cercado de gente comum, gente que não molha a vida, mas por ela é moldada, sofria uma insatisfação torturante, um desejo louco de correr, alcançar a velha e o jovem, perguntar-lhes:
— «Já é tempo de quê? Ainda não por quê?»
Conteve-se, amargando, na boca, um gosto de fumo (agora os cigarros pareciam mofados, a garganta ardia, os brônquios piavam), e a chuva caía, e as pessoas andavam, e os bondes rangiam e a canção terminava:
— «Que será...
Será...»
Era impossível suportar mais. Saiu à chuva, sentindo-se feliz. Um mundo novo, eis o que encontrara. E desejando fruí-lo, sem limitações, entrou na pastelaria mais próxima; pediu um «traçado». Antes que o garçon o atendesse foi ao telefone público, e, após alguns minutos, falou com a velha tia:
— Sou eu... Hmmm. Eu sei que está chovendo. Sim. Agora escute: vá na minha estante velha e apanhe algum livro para ler. Sim, vou demorar. Não, não. Chuva coisa nenhuma! Fique tranqüila. Até...
Voltou ao balcão, ingeriu, com requinte, o «traçado» (gozando o calor que do estômago se irradiava para todo o corpo) e sorriu com a definição que um samba ensinava:
— «Gafleira de rico
é «boite...»
Mundo novo aquele. A chuva miudinha, os bondes rangindo, as buzinas nervosas, homens e mulheres desfilando, ele caminhava também integrando-se, completamente.

Junho de 56

O conto «A Chuva» foi extraído do livro «A dura lei dos homens» do jovem escritor baiano Ariivaldo Matos, recentemente publicado pela Livraria São José com um prefácio de Jorge Amado. Esse livro obtivera, há pouco tempo, o primeiro lugar num concurso de contos instituído pela Prefeitura Municipal de Salvador.
«A dura lei dos homens» é o segundo livro de Ariivaldo Matos, que estreou em 1955 com o romance «Corta Branco». O livro já foi lançado em Salvador, numa tarde de autógrafos na Livraria Cidália, em Brasília e terá o seu lançamento feito nesta Capital nos próximos dias, na Livraria São José.
Atualmente, Ariivaldo Matos, que é também jornalista, trabalha na redação de um livro em que transcreve as missões que costou de suas viagens à Rússia.

Fidel: Querem Destruir Revolução Cubana Porque Serve de Exemplo

«Cuba está a me e a ca da de agressão por parte dos Estados Unidos», disse Fidel Castro num comício realizado na Universidade de Havana, para homenagear os estudantes que, há três anos, tentaram invadir o palácio de Batista. Confirmando a acusação do primeiro ministro cubano, o exército e a aviação norte-americana levam a efeito há algumas centenas de quilômetros do território cubano uma das maiores operações jamais realizadas pelos Estados Unidos em tempo de paz. Vinte mil homens, quase mil aviões e mais de dez milhões de dólares foram empregados pelo Governo dos EE.UU. com o evidente propósito de ameaçar e intimidar Cuba.

«Essa crescente ameaça», disse Fidel Castro, «é, por um lado, patrocinada por poderosos interesses que agora tentam cercar-nos não somente com uma cortina de

calúnias, de propaganda hostil com a intenção de nos desacreditar diante da simpatia espontânea dos outros povos, como também com bases, contra-revoluções e outros meios para atacar-nos no momento oportuno».

Até quando?

«E a pergunta que fazemos é: quando vão deixar de nos ameaçar? Quantos anos ficará nosso povo nestas circunstâncias? Quando vão terminar com as notícias caluniosas, quando vão acabar com esta campanha de imprensa, quando vão deter os aviões que jogam bombas explosivas e incendiárias sobre nossas usinas de açúcar e contra nosso povo, quando vão acabar com as manobras militares, quando vão acabar com as ameaças de agressão económica contra Cuba?» — insistiu o chefe do Governo cubano. Disse Fidel que além dos gran-

des problemas que a revolução tem que enfrentar para tirar seu povo da miséria, da ignorância, do desemprego e das doenças, ainda por cima precisa enfrentar os inimigos que de dentro e de fora do país a ameaçam.

«O fato de que tenhamos de gastar dinheiro com armas não é culpa nossa, e sim dos agressores, dos criminosos e seus aliados e patrocinadores. Se não estivéssemos ameaçados de agressão, se não tivéssemos cercados de bases de agressão, se não tivéssemos inimigos, poderíamos defender a revolução com a opinião pública, a maioria do povo e não necessitaríamos de gastar um só centavo na defesa, em armas».

Não seremos derrotados

Reafirmou Fidel Castro que Cuba não teme qualquer agressão externa, mesmo que parta de «forças maiores de exércitos regulares que possam ser enviadas contra nós, já que o povo cubano pode enfrentar a luta com êxito».

Lembrou Fidel o exemplo dos nacionalistas argelinos e disse:

«Temos mais armas do que os patriotas argelinos. E esses argelinos estão enfrentando com êxito um exército colonial de meio milhão ou mais de soldados poderosamente armados».

«Os inimigos da revolução cubana querem destruí-la porque constitui um exemplo para outros povos. A revolução cubana goza de simpatia em toda a América Latina e entre parte do povo dos Estados Unidos, apesar da campanha da imprensa reacionária», disse Fidel. E prosseguiu: «O símbolo da revolução cubana é o cubano que trabalha com um fuzil a tiracolo. Se abandonarmos o fuzil, estaremos perdidos. Se abandonarmos o trabalho, estaremos perdidos».

Castro denunciou também como agressão as tentativas de mudança na lei do açúcar norte-americana, que colocaria a economia cubana na dependência do presidente dos EE.UU., concluindo:

«Não têm o direito de fazer isso precisamente aqueles que são os responsáveis pela pobreza da economia de nosso país».

Frondizi (derrotado) ameaça o povo

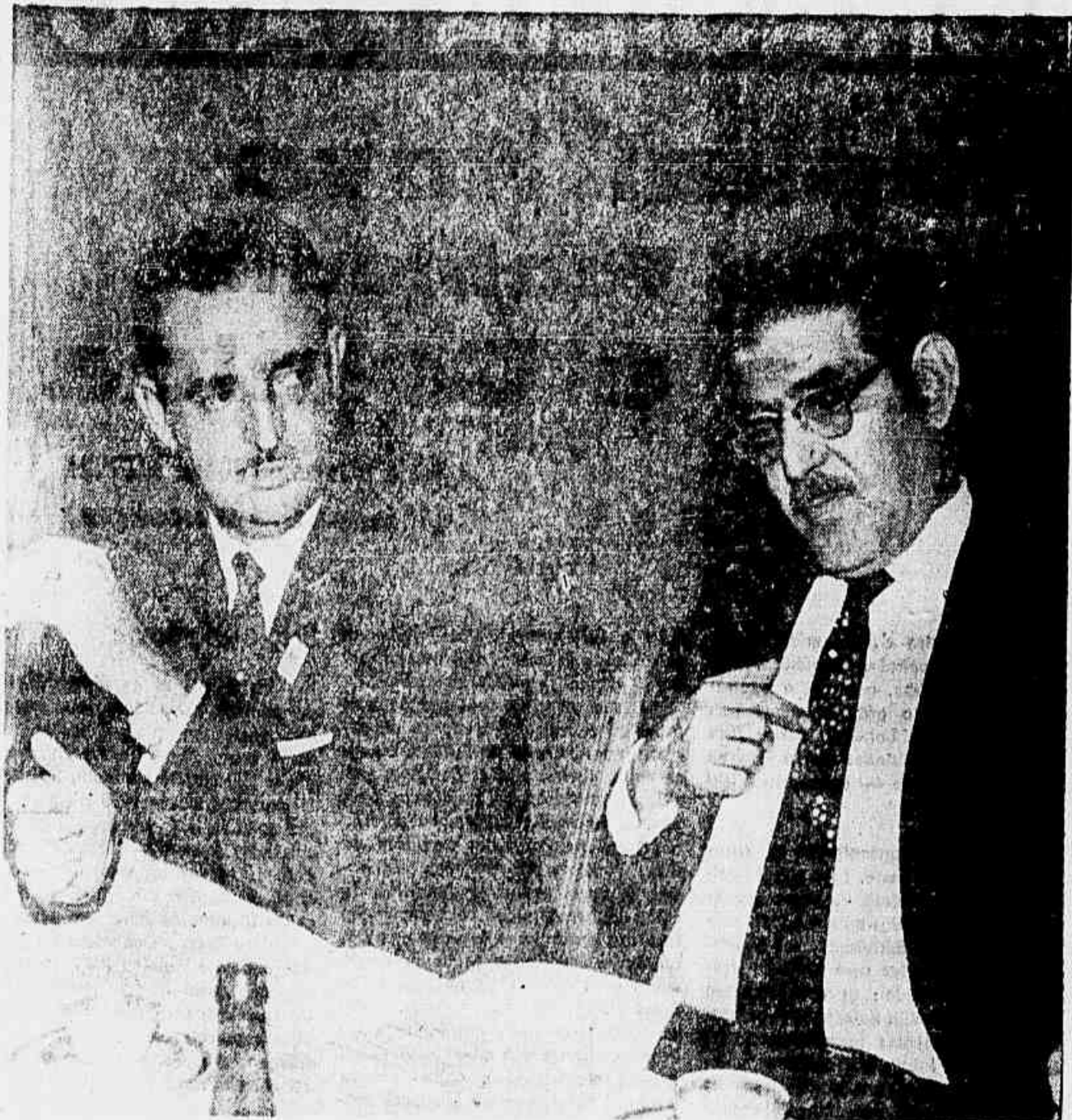
Diante da derrota eleitoral que sofreu nas eleições parciais de La Pampa, Frondizi resolveu investir com mais força ainda, contra as instituições democráticas na Argentina. Foi restabelecida a pena de morte, que pode ser ditada por tribunais militares de exceção contra os «terroristas». Ao mesmo tempo, o governo de Frondizi resolveu levantar o estado de sítio apenas durante o dia das eleições gerais para renovação de um terço do parlamento, no dia 27.

Mesmo passando por cima da justiça argentina e impedindo os peronistas e comunistas de concorrer às eleições, Frondizi não conseguiu evitar que quase um terço dos eleitores de La Pampa votassem em branco, seguindo a orientação traçada pelo Partido Comunista Argentino e pelos dirigentes peronistas. Agora prepara uma repressão em grande escala com o objetivo de intimidar o povo argentino.

Moscou, quarta-feira: Rádio Universidade

A Rádio de Moscou iniciou quarta-feira um programa especial dedicado ao Brasil, a Rádio Universidade, com aulas sobre os vários aspectos económicos e sociais da vida na União Soviética. Qualquer brasileiro poder-se-á inscrever como aluno da Rádio Universidade, bastando para isso responder às perguntas feitas no fim de cada aula. No fim do curso serão distribuídos diplomas e conferidos vários prêmios aos alunos mais aplicados, entre os quais uma máquina fotográfica e um relógio.

As aulas serão ministradas todas as quarta-feiras, às 20.30 horas, hora do Rio de Janeiro, no comprimento de onda de 25 metros, nas frequências de 1175, 1179, 1183, 1187 e 1192 megacíclos, e no comprimento de onda de 31 metros nas frequências de 9,73 e 9,8 megacíclos. As respostas devem ser enviadas para o seguinte endereço: Redação Brasileira para a Rádio Universidade, Rádio Moscou, Moscou URSS.



ABM compra máquinas

A Associação Brasileira de Municípios esteve representada na Feira de Leipzig pelo prefeito Antônio Lomanto Júnior, à esquerda, e pelo deputado Aniz Badra, que negociaram com a RDA a compra de máquinas de terraplanagem que irão construir estradas para 600 cidades brasileiras.

PREFEITO ANTÔNIO LOMANTO JR. EM LEIPZIG!

A Alemanha Oriental Não é Uma Ficção Geográfica

LEIPZIG — (Do correspondente de N.R. na R.D.A.) — Encerrou-se no dia 8 de março a Feira de Leipzig, uma das mais importantes de todo o mundo. Para se ter uma idéia do movimento da Feira, basta dizer que nela tomaram parte quase 10 mil expositores de 51 países, inclusive o Brasil. A Feira ocupou uma área de cerca de 300 mil metros quadrados, isto é, quase dez vezes a área coberta da Feira de São Cristóvão. Os stands se dividiam por 22 pavilhões. O stand brasileiro, ocupado apenas com café, por exemplo, estava situado no mesmo pavilhão que os do Uruguai e do Líbano.

A Feira, deia aos milhares de visitantes que a percorreram uma ideia geral do que é a indústria em todo o mundo, desde os países mais atrasados, aos mais adiantados, desde os produtos

mais simples, como a indústria de alimentos e petroleiros, aos mais complexos, como automóveis, aviões a jato dos mais modernos e máquinas aperfeiçoadas. Deu também uma visão surpreendente do progresso da indústria da República Democrática Alemã desde o fim da guerra. Apesar de todas as dificuldades, a RDA atingiu este ano um volume total de produção 2,5 vezes maior do que de antes da guerra. Além do pavilhão da RDA, os mais visitados foram os da União Soviética, Tchecoslováquia e França que eram também os maiores e mais completos.

Participação brasileira

Um número de personalidades brasileira tomou parte na Feira de Leipzig.

Entre elas estão os srs. Antônio Lomanto Júnior, e Aniz Badra, respectivamente presidente do Conselho Executivo e do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Municípios. Aproveitando a ocasião, os dirigentes da ABM firmaram um contrato com empresas estatais da Alemanha Oriental para a compra de máquinas de terraplanagem. Falando sobre a importância do contrato, o sr. Lomanto Júnior declarou, numa entrevista coletiva, que ele «permittira a cerca de 600 municípios construir suas próprias estradas com as máquinas modernas fornecidas pela RDA», e ter grande significado para o desenvolvimento das relações entre os dois países.

Referindo-se ao significado que a Feira Leipzig representa para o Brasil no sentido de acabar com as dificuldades artificiais criadas para as boas relações entre os dois países, disse o prefeito de Leque, Antônio Lomanto Júnior: «A quantos em meu país me perguntam a respeito, digo que a RDA não é uma mera ficção geográfica. Para mim é uma realidade, pois vi seu povo, seu governo e sua indústria. Tanto o sr. Lomanto Júnior como o deputado federal Aniz Badra afirmaram sua convicção de que é necessário o estabelecimento de um comércio livre e profícuo entre todos os países, à base do interesse mútuo».

OS COMUNISTAS ARGENTINOS E FRONDIZI

O dirigente marxista Victorio Godoy, num artigo publicado no nº 2 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO esclarece a posição dos comunistas argentinos diante do Governo de Frondizi e explica os rumos e as perspectivas diante dos quais se encontram as forças democráticas e patrióticas do país vizinho.

A revista publica neste número outros interessantes trabalhos, entre os quais o de Enrico Berlinguer acerca das teses aprovadas pelo IX Congresso do Partido Comunista Italiano, o de D. N. A. sobre a política dos comunistas indonésios, o de Leon Feix a propósito da posição dos comunistas franceses diante da guerra da Argélia, o de E. Sayer em torno de problemas de organização da economia polonesa e o de P. Friedlander sobre o neo-colonialismo alemão.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO publica também no nº 2 um artigo do líder do povo vietnamita, Ho Chi Min, sobre a história e a luta do Partido dos Trabalhadores do Viet-Nam.

Além destes e outros artigos, a revista divulga as seções habituais sobre o movimento operário em diversos países e sobre livros e revistas.

As revistas são nas bancas e livrarias a partir de 1960 de:

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

EDITORA DA REVISTA PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO
RUA S. CARLOS, 100 - RIO DE JANEIRO

Nota Internacional

Cuba ameaçada

Fidel Castro acusou abertamente os Estados Unidos de tramarem agressões e provocações contra Cuba. A acusação é feita por alguém que tem a enorme responsabilidade de dirigir um Governo revolucionário apoiado, inalcionalmente pelo povo de seu país e que conhece perfeitamente os perigos que o ameaçam. Além disso, o primeiro-ministro cubano não fala no vazio: as provas estão aí para quem quiser ver. O Governo dos Estados Unidos foi convidado inclusive a mandar peritos a Cuba para verificar a procedência das acusações. Se até o momento não mandou foi porque já sabe que elas são verdadeiras.

Os aviões que bombardeiam o território cubano, inclusive a casa do próprio Fidel Castro, saem dos Estados Unidos, com pilotos norte-americanos, com bombas norte-americanas. Quem poderia ter feito explodir o cargueiro francês com armas para Cuba senão os inimigos internos e externos da revolução? Qual o objetivo dos norte-americanos ao instalar uma estação de rádio dirigida a Cuba, senão aumentar o canal de mentiras e provocações contra seu Governo? E como explicar as manobras militares, que os próprios círculos políticos e as agências imperialistas classificam de as maiores jamais realizadas pelos Estados Unidos em tempos de paz, assistidas pelo próprio secretário do exército norte-americano, general Bricker, que recentemente formulou ameaças a Cuba no Senado americano, senão como tentativa de intimidação aos cubanos?

Mas não param aí as manobras dos Estados Unidos contra a revolução de Cuba. O Governo de Eisenhower continua disposto a arrancar do Congresso uma modificação da lei do açúcar que dá ao presidente o poder, que hoje ele não tem, de alterar à sua vontade as quantidades importadas pelos Estados Unidos de Cuba e outros países latino-americanos. Se até hoje Eisenhower não definiu claramente sua posição, isto se deve à repercussão negativa da opinião pública mundial e não à sua vontade, ou à disposição dos monopólios. Ao mesmo tempo, o Departamento de Estado efetua uma pressão constante sobre os países latino-americanos com o intuito de colocá-los contra Cuba, ou de, pelo menos, neutralizá-los diante de uma intervenção aberta ou mascarada. No Brasil, o sr. Pío Correia, chefe do Departamento Político do Itamarati, recebe da Embaixada dos Estados Unidos declarações apócrifas atribuídas ao nosso embaixador em Cuba e as transmite à imprensa.

Derubar o Governo revolucionário cubano, entretanto, é uma tarefa infinitamente mais difícil do que o foi a derrocada do Governo democrático da Guatemala, em 1954. O clima de guerra fria, que permitia aos Estados Unidos realizar uma diplomacia de batatas, foi consideravelmente enfriada. Internamente, o Governo cubano conta com o apoio decidido e armado da maioria da população. Com a solidariedade efetiva dos povos da América Latina e do mundo inteiro, a revolução cubana torna-se invencível.



Desarmamento: comissão volta a reunir

Iniciaram-se terça-feira os trabalhos da Comissão de Desarmamento da ONU, da qual fazem parte 3 países capitalistas e socialistas. A Comissão de Desarmamento, que havia paralisado seus trabalhos, foi reorganizada por acordo entre os chefes de Estado das quatro potências em meados do ano passado.

Na reunião será estudado o plano soviético apresentado por Krushchev na ONU e que prevê o desarmamento universal em quatro anos, com a dissolução dos estados-maior militares, a reconversão da produção nuclear exclusivamente a fins pacíficos e a liquidação completa dos exércitos.

As vésperas do início dos trabalhos em Genebra, os países capitalistas elaboraram um plano de compromisso que se preocupa muito mais com o conteúdo de informações militares do que propriamente com o desarmamento, sem indicar precisamente prazos e níveis para o desarmamento. Apesar disso não estão afastadas as possibilidades de acordo, diante da pressão mundial.

Renovação política na Itália

A crise política italiana, iniciada com a renúncia do primeiro ministro Antonio Segni, parece condicionar para o fim, com a formação de um gabinete centro-esquerda moderado e chefiado pelo próprio Segni. O premier italiano tinha renunciado depois que o Partido Liberal (conservador) resolveu abandonar a coalizão governamental, deixando a Democracia Cristã na dependência dos votos dos municipalistas e socialistas para continuar no governo.

Os Partidos Comunista e Socialista já se declararam dispostos a apoiar, ou pelo menos a não votar contra, um governo liderado pelos democratas cristãos, desde que se comprometam a realizar um programa de preservação e fortalecimento democrático; combater aos monopólios; nacionalização da indústria e energia elétrica; política externa de coexistência pacífica. Apesar da resistência de certos meios reacionários dentro da Democracia Cristã, já existem condições para que esse programa se realize.

Brasil iria à Conferência da Fome

Alguns jornais da Rio informaram que o embaixador Lellian da Cunha, voltou a Havana com instruções do Governo brasileiro no sentido de garantir a presença do Brasil na Conferência dos Subdesenvolvidos, caso ela fosse adiada para 1961 e incluisse um ponto sobre a OPA.

Continuava a notícia, seria um sinal de melancolia na atitude do Governo Kubischek que incluída em se negara a participar da Conferência. O Governo revolucionário cubano, aliás, já tinha expressado publicamente sua esperança de contar com o Brasil, no lado da Venezuela, Panama, México e outros países que já anunciaram sua participação.

Agora, quando cerca de cinquenta deputados federais se solidarizaram com o Governo cubano e com a Conferência, quando até o demagogo João Guedes se prepara para ir a Cuba, parece que o Governo brasileiro começa a compreender que Fidel Castro e seus revolucionários contam com a simpatia do povo brasileiro e que é preciso apoiá-lo.

Kruschiov quer abraçar o povo francês

Anunciado o adiamento da viagem de Krushchiov a França, as agências noticiosas imperialistas começaram a fazer um som-fim de especulações sobre se seria ou não política a greve que anunciou o presidente do Conselho de Ministros da URSS.

Indiferente a isto, o povo francês, contra manifestada sua satisfação pela viagem de Krushchiov, em nada diminuiu seu entusiasmo. Milhares de convites já foram feitos por clubes, associações e casas por toda a França. Representantes de todos os comitês locais começaram por intermédio de jornais como Matin, Nord, Ouest, Courrier e Revue de enviar, de dentro em apoio ao governo francês.

Krushchiov em sua vez vem insistindo junto às autoridades francesas para que possa visitar em qualquer lugar com o povo, incluindo no programa os seguintes locais: Bordéus, Clermont, Pau, Toulouse, Montpellier, Niza, Marselha, e outros pontos estratégicos com a viagem ao Euzerado.

BRASÍLIA - ANO I

Capital Nova Velhos Problemas: Casa e Comida

Texto e fotos de JOSUÉ ALMEIDA
(2ª de uma série de reportagens)

Sim, dentro de um mês, Brasília será a nova Capital da República. Mas, o feijão, o leite, o arroz, o apartamento, a luz, o gás, o ônibus (em Brasília não há bondes), enfim, esse mundo de necessidades que a vida de uma cidade supõe — como estará isto até lá?

A recente concentração de caravaneiros foi um teste. Não atingiu talvez a mil o número de pessoas chegadas a Brasília dos quatro pontos cardeais do país. Entretanto, foi o bastante para revelar uma série de problemas da cidade: os hotéis ficaram cheios (do Brasília Palace Hotel os hóspedes permanentes foram desalojados para ceder lugar aos visitantes), os transportes mostraram-se deficientes e a exploração no comércio desenfreou-se. Vi no aeroporto um engenheiro da Novacap prosseguir viagem para Goiânia (de onde voltaria, no dia seguinte, viajando quatro horas, em ônibus), ao ser informado de que não havia acomodações nos hotéis de Brasília.

Se isto sucedeu com um pequeno acréscimo da população, que não acontecerá nas festas da inauguração, quando se espera que a cidade receba de um impacto, umas cem mil pessoas? E verdade que há cerca de 3.500 residências vazias, mas é evidente que nelas não caberão mais do que os funcionários a que se destinam e suas famílias. Não há dúvida: muita gente terá que dormir na rua, se não conseguirem abrigar-se sob as barracas que o exército armará.

Há habitação

Quando visitamos, um mês atrás, algumas das residências já construídas para o Governo federal pelos Institutos de Previdência, Caixa Econômica, Fundação da Casa Popular, etc., vimos apenas imóveis vazios, apesar de anunciar-se que os mesmos serão alugados com móveis. Eis os aluguéis cobrados pelos apartamentos, segundo as dependências: sala e quarto, 3 mil cruzeiros e mais 700 dos móveis; sala e dois quartos, de 6.350 a 6.850 cruzeiros, inclusive móveis e de acordo com a área; sala e três quartos, de 9.290 a 9.790, nas mesmas condições; sala e quatro quartos, com móveis, 17.500 cruzeiros. Além dos apartamentos, há também casas construídas pela Caixa Econômica (sala e três quartos, com móveis, por 9.790 cruzeiros de aluguel) e pela Fundação da Casa Popular, de acabamento inferior, as de

sala e dois quartos, por 1.000 cruzeiros e as de sala e três quartos por 1.500 cruzeiros, ambas sem móveis.

Quem não for contemplado com estas casas encontrará enorme dificuldade para alugar-se em Brasília. É quase certo, porém, que os pequenos servidores receberão as residências mais pobres, ou simplesmente não receberão nenhuma. As casas da Fundação da Casa Popular, por exemplo, destinadas a esses pequenos servidores, já estão todas ocupadas pela população local, os construtores da cidade. Então, os serão despejados os atuais moradores para ceder lugar aos novos, ou estes últimos ficarão sem casa. Junto ao hospital do IAPI, que funciona em Brasília, vi pequenas casas de madeira, favelas em miniatura, onde habitam enfermeiros, serventes e pequenos funcionários do Instituto, o mesmo que constrói excelentes apartamentos... para outros. Como, porém, há certas compensações, a esperança desses funcionários é que também para eles as coisas melhorem e que lhes sejam entregues habitações com um mínimo de requisitos.

Abastecimento

Há relativa abundância de gêneros alimentícios, levando-se em conta a população atual. Um dos maiores fornecedores de Brasília, um japonês residente em Anápolis, disse-me que depois da mudança haverá certas dificuldades, não só em relação à quantidade, como à qualidade dos gêneros, sendo então necessário aumentar as importações de Minas e S. Paulo. Algumas hortaliças, assim como aves e ovos, são de produção local, mas o grosso vem da fora. Promete a Novacap que a 21 de abril estarão funcionando três supermercados no centro urbano. Vimos apenas um, com a construção já concluída. Atualmente, quem adquire gêneros tem que locomover-se até a chamada Cidade Livre, a uns quinze quilômetros do centro urbano. Ai, há dois mercados, com certa fartura de gêneros. Entretanto, uma parcela considerável da população compra as refeições já prontas (no SAPS, nos acampamentos das companhias construtoras, nas cantinas, etc.).

Particularmente precário é o abastecimento de leite, problema que só não é grave por ser pequena a atual população infantil. A maior parte do leite consumido em Brasília vem de Goiânia, a mais de 200 quilômetros de distância, e é vendido em condições de higiene que deixam a desejar. Custa 17 cruzeiros o litro.

Preços de gêneros

Eis os preços de alguns gêneros de primeira necessidade, que nos foram fornecidos por donas-de-casa: carne verde, sem osso, 80 cruzeiros e filé a 100 cruzeiros o quilo; batatas a 30 cruzeiros; banha, 120 cruzeiros; feijão roxinho, 65 cruzeiros; arroz, 28 cruzeiros; cenoura, 40 cruzeiros; galinha, 120 cruzeiros, uma; ovos, de 70 a 80 cruzeiros a dúzia; limão, 30 cruzeiros a dúzia. As frutas, em geral, são difíceis e caras: uma dúzia de bananas nanica é vendida por 15 cruzeiros, uma dúzia de laranjas baianas a 80 cruzeiros; uma maçã custa 15 cruzeiros; abacates são encontrados a 20 cruzeiros o quilo e um abacaxi custa 15 cruzeiros.

Serviços públicos

A construção de depósitos centrais para o fornecimento de gás à população ainda não saiu do terreno dos projetos. No momento, só existe o gás líquido, engarrafado, produzido pela Petrobrás e vendido por empresas particulares, e em geral mais caro do que o gás fornecido pela Light no Rio e em S. Paulo.

Os meios oficiais dizem que não, que está tudo em ordem. Entretanto, o fornecimento de luz e força apresenta deficiências que poderão agravar-se. Uma delas diz respeito à transmissão da energia produzida na Cachoeira Dourada, a uns 350-400 quilômetros de Brasília. Apesar de já ter sido feita a ligação, o fornecimento de energia é irregular, provavelmente devido à má instalação das linhas de transmissão. Mas, não é só. Por motivos ditos de economia, a energia para consumo residencial será distribuída à tensão de 220 volts e a industrial a 380 volts. Ora, sucede que as voltagens geralmente usadas são, respectivamente, de 110 a 220 volts, de acordo com as quais são construídos os aparelhos eletrodomésticos (rádios, geladeiras, televisores, ferros elétricos, máquinas de lavar, etc.) e as máquinas industriais. Dessa maneira, será obrigatório o uso de transformadores em todas as casas. Quem os fabricar terá à disposição um bom mercado.

Água, em Brasília, não falta. Pelo menos na natureza. Uma infinidade de córregos, riachos e ribeirões corria a região do novo Distrito Federal. Água puríssima, quase destilada, segundo me disse o dr. Leão da



Tem...
mas é longe

— Em matéria de gêneros, encontra-se de tudo em Brasília. Mas, longe do centro urbano no mercado da Cidade Livre (foto). Quem tiver seu automóvel não terá problema, mas a pé, não: são mais de dez quilômetros de distância. Os preços são altos, regulam com os do Rio e de S. Paulo.

NOVOS RUMOS

Mota, médico do DNERu. Por isso, água não deverá faltar, mas só o funcionamento das instalações poderá dar a última palavra.

Transportes precários

As atuais dificuldades de transporte em Brasília são realçadas pelas grandes distâncias. Até aqui, a vida da cidade — casas comerciais, pequenos hotéis, farmácias, agências de bancos, de companhias de aviação, etc. — só existe na Cidade Livre. Em Brasília, propriamente, ou no Plano Piloto, como se diz lá, contam-se pelos dedos os estabelecimentos existentes. E compreensível: os habitantes do Plano Piloto ainda não chegaram. Atualmente,

cinqüenta empresas de ônibus exploram o serviço com grande irregularidade. Os veículos, apesar de novos, apresentam-se em precárias condições de conforto.

O problema da educação

O plano educacional de Brasília é excelente. Será executado? Por enquanto, o que funciona é muito pouco. E apesar das declarações oficiais, não acreditamos que a situação esteja resolvida até a mudança. Há dois jardins de infância e duas ou três escolas primárias. Segundo o plano educacional, as crianças ficarão ocupadas na escola

oito horas por dia, das quais quatro nas classes e as outras quatro em atividades extracurriculares: culturais, recreativas, esportivas, etc.. As instalações já existentes são de ótimo aspecto. Quanto à instrução secundária, por ora só há dois colégios particulares, de religiosos.

Esses são alguns dos problemas e das dificuldades que a cidade apresenta. Não são insuperáveis, ao contrário. Mas, precisam ser resolvidos e com a maior brevidade. O que, de resto, não será tarefa difícil, em comparação com o que de grandioso já foi realizado.

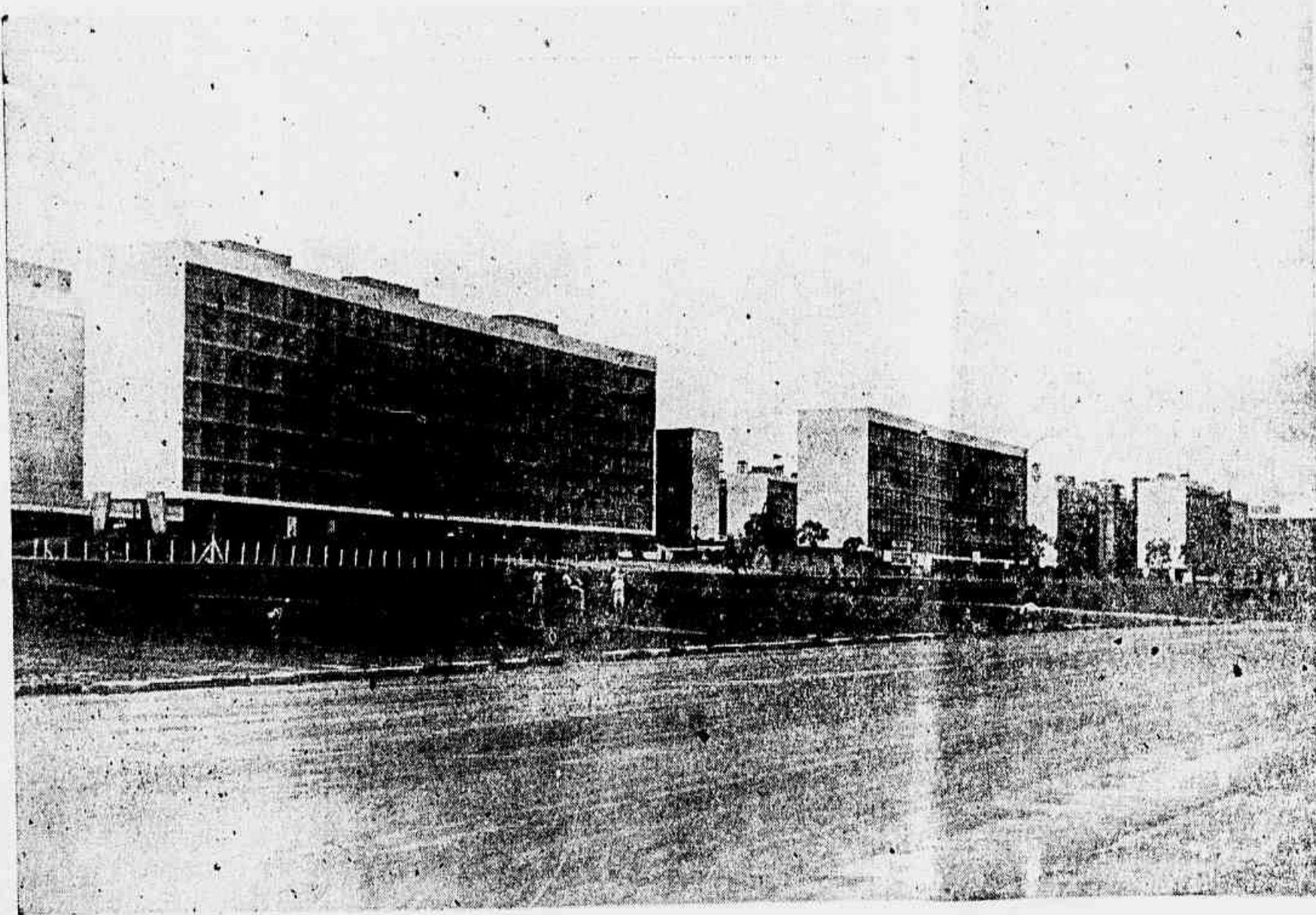
Exemplo Comovente

Estão os pais de família naturalmente assustados com o número de jovens envolvidos em notícias sensacionalistas de crimes e suicídios. Alguns nem acabaram de crescer e já são velhos criminosos! Falta-lhes, da vida, aquele sentido exato, que permite a melhor capacidade de avaliação, e que só adquirimos quando amadurece a compreensão de que o trabalho e os bens devem ser partes da coletividade. Quando sabemos reunir os sacrifícios e as elegias. E se perdemos no abismo do desespero individualista, empurrados pelos maus exemplos e pela permanente negatividade aos mais simples desejos. É uma ladainha diária: não, não e não. Em casa, porque o dinheiro não chega para as necessidades. Na rua, porque as oportunidades não correspondem ao mérito de cada um. Mas não nos podemos deixar arrastar, como alguns jovens o fazem, por essa onda de pessimismo, que também serve para desmoralizar as reservas morais de nosso povo.

Tivemos, ainda há pouco, um exemplo de que grande parte da juventude sabe colocar-se acima das negativas e do desespero. A presença dos estudantes em todos os momentos da vida nacional reforça a certeza de que nem sempre a felicidade é desperdiçada, como o fazem os pessimistas. A faixa colocada na UNE à passagem de Eisenhower («Nos gostamos de Fidel Castro») proclamou bem alto a defesa do direito fundamental que cada povo tem de escolher o seu próprio destino. Dias depois, na sede da UNE e da Faculdade Nacional de Direito, os estudantes reafirmavam outro direito: o de protestar contra as injustiças e os privilégios. Como se vê, a juventude merece respeito e amizade. Sua atitude sempre corajosa dos estudantes é resposta ao desespero de alguns jovens e aos receios dos pais de família. A luta desses rapazes ajuda aos outros a esperarem dias menos sombrios. Dizem os donos da sabedoria individual e estéril que os estudantes devem, apenas, preocupar-se com os livros. E a vida? Os livros, as escolas, os conhecimentos estarão, por acaso, separados da vida? Como torná-la positiva, arrastando livros nas prateleiras da cabeça? Os conhecimentos não foram feitos para guardar em arquivos, mas para se transformarem em carne e sangue de novos conhecimentos. Felizmente, os nossos estudantes não arquivam sabedoria.

Fazemos este registro, não só porque consideramos muito importante a contribuição da juventude às lutas sociais, também porque o exemplo comovente dos rapazes da UNE é a mensagem de esperança aos demais jovens e aos pais de família.

Ana Montenegro



Bons e
baratos

Quem receber apartamentos como estes, em Brasília, pagará aluguel baixo e terá boa moradia. Os edifícios são isolados e os apartamentos confortáveis. Essa, porém, não será a Brasília dos pequenos servidores. As moradias construídas pela Fundação da Casa Popular (Cr\$ 1.000,00 de aluguel por mês) e destinadas aos pequenos servidores, já estão, todas, ocupadas pelos que constroem Brasília. Para onde irão estes quando a Capital for mudada?

FALTA SE que santa de casa não faz milagres. Mas as aeromoças, talvez por não serem santas, mas as próprias deusas da aviação comercial, desmentiram o velho adágio. Elas, que transitam graciosas a bordo das aeronaves, assistindo os passageiros e distribuindo tranqüilidade, desempenham também um papel de relêvo na greve do Grupo de Vôo da Cruzeiro do Sul, levando toda a assistência às famílias dos tripulantes que não podem regressar aos seus lares.

O Banco da Lona S/A

Tudo começou a zero hora do dia, da corrente, quando o Grupo de Vôo da Cruzeiro do Sul, composto de cerca de 400 pessoas, entre as quais as aeromoças, entrou em greve exigindo o cumprimento da portaria interministerial que regulamenta a profissão do aeronauta. Logo no início da greve, inspiradas na expressão bem carioca «na última lona», os trabalhadores do ar constituíram a direção do «Banco da Lona S/A», que outra coisa não é senão a comissão de solidariedade aos grevistas e suas famílias. O «Banco», cinco minutos após a sua fundação, já contava com Cr\$ 180.000,00, aos quais se juntaram mais 110 mil cruzeiros enviados pelos comandantes da PANAIR. O «Banco da Lona S/A» já recebeu mais de um milhão de cruzeiros. As aeromoças, que compõem a Comissão Social, procuram as famílias dos grevistas, levando-lhes os recursos para a sua manutenção e, como a bordo, entre os passageiros, nos momentos de apreensão, levam-lhes também palavras de confiança.

Por que tanto apoio?

A greve do pessoal de vôo da Cruzeiro do Sul conta com o apoio decidido e incondicional de todos os aeronautas, porque a bandeira erguida pelo grupo da Cruzeiro — cumprimento da regulamentação profissional — reflete a aspiração de todos os trabalhadores do ar.

O Sindicato Nacional dos Aeronautas, liderado pelo comandante Fonseca, Alkimim, Josias, Crasso, Osmar, e outros dirigentes, apoiado pela corporação, lutou firme durante três anos para tirar os aeronautas da condição de marginais, dando-lhes uma lei que regulamentasse a sua atividade. Veio a regulamentação, através da portaria interministerial, baixada pelos Ministros do Trabalho e Aeronáutica, que entrou em vigor em 3/11/59. Mas todas as empresas de aviação comercial deixaram de cumpri-la. O Grupo de Vôo da Cruzeiro do Sul abriu a luta que era de todos, inclusive dos dois ministérios, cuja autoridade foi desrespeitada pelos donos da aviação comercial.

Os pontos de atritos

Um dos aspectos mais importantes da regulamentação é o que se refere

à limitação do tempo de serviço. Médicos especializados em medicina de aviação asseguram que após 14 horas de trabalho, o aeronauta entra no chamado período de estafa, perdendo a clareza de raciocínio, pondo em perigo a própria segurança do vôo. Por isso a regulamentação estabelece que após 14 horas de trabalho o aeronauta tem de descansar 11 horas ininterruptas, determinando ainda o repouso semanal remunerado de um dia, e fixando o limite de vôo em 175 horas mensais. Esses e outros itens as empresas se negavam a cumprir. A luta, entretanto, se fazia nos bastidores

O insulto

Um dia, respondendo a interpegação dos seus empregados, o sr. Bento Ribeiro Dantas, presidente da Cruzeiro do Sul, insinuou a concessão de algumas vantagens em troca do arquivamento da regulamentação que ele, Bento, afirmava ser ilegal e que por isso mesmo não a cumpriria. O Grupo de Vôo da Cruzeiro do Sul, em defesa daquilo que eles chamam o seu «estatuto de alforria», entrou em greve. Era a resposta à insultuosa proposta de compra da dignidade de uma corporação.

O mais grave de tudo isso, entretanto, é que enquanto os aeronautas, e com eles as graciosas aeromoças, mantêm-se em greve de defesa de um ato de dois ministérios, o Ministério da Aeronáutica, através da Diretoria da Aeronáutica Civil, chafurda na lama do descrédito, não só deixando de punir, mas autorizando as violações à sua própria portaria, permitindo que os aviões voem sem radiooperadores durante o período da greve, e fazendo vistas grossas à atividade dos «minhocas» (fura-greve) muitos dos quais sem a habilitação necessária, que permanecem em atividade durante mais de 17 horas ininterruptas.

Entusiasmo

Mas a greve prossegue vitoriosa, e prossegue porque, dizia-nos um piloto — sabe lá o que é chegar em casa à meia-noite, após um longo vôo, e estar escalado para voar novamente às seis horas da manhã?

Esse é um dos pontos mais discutidos na batalha pelo cumprimento da regulamentação: o direito de descansar 11 horas ininterruptas, após 14 horas de vôo. Outra coisa: não abrem mão os aeronautas, do que eles chamam pagamento calço a calço, isto é, considerando hora de vôo o período que a aeronave parte do ponto de embarque até estacionar no de desembarque. Antes, qualquer atraso, corria por conta do tripulante.

Está sendo esperada, nessas horas, uma solução para o impasse entre os aeronautas da Cruzeiro e a companhia. Caso as reivindicações dos grevistas não sejam atendidas, seus colegas das outras companhias deflagrarão o movimento paralisista geral, pelo cumprimento da regulamentação.

Greve do Grupo de Vôo

Aeromoça da Cruzeiro Faz Milagres no Céu e na Terra

Reportagem de NILSON AZEVEDO

Fotos de EDSON GOMES

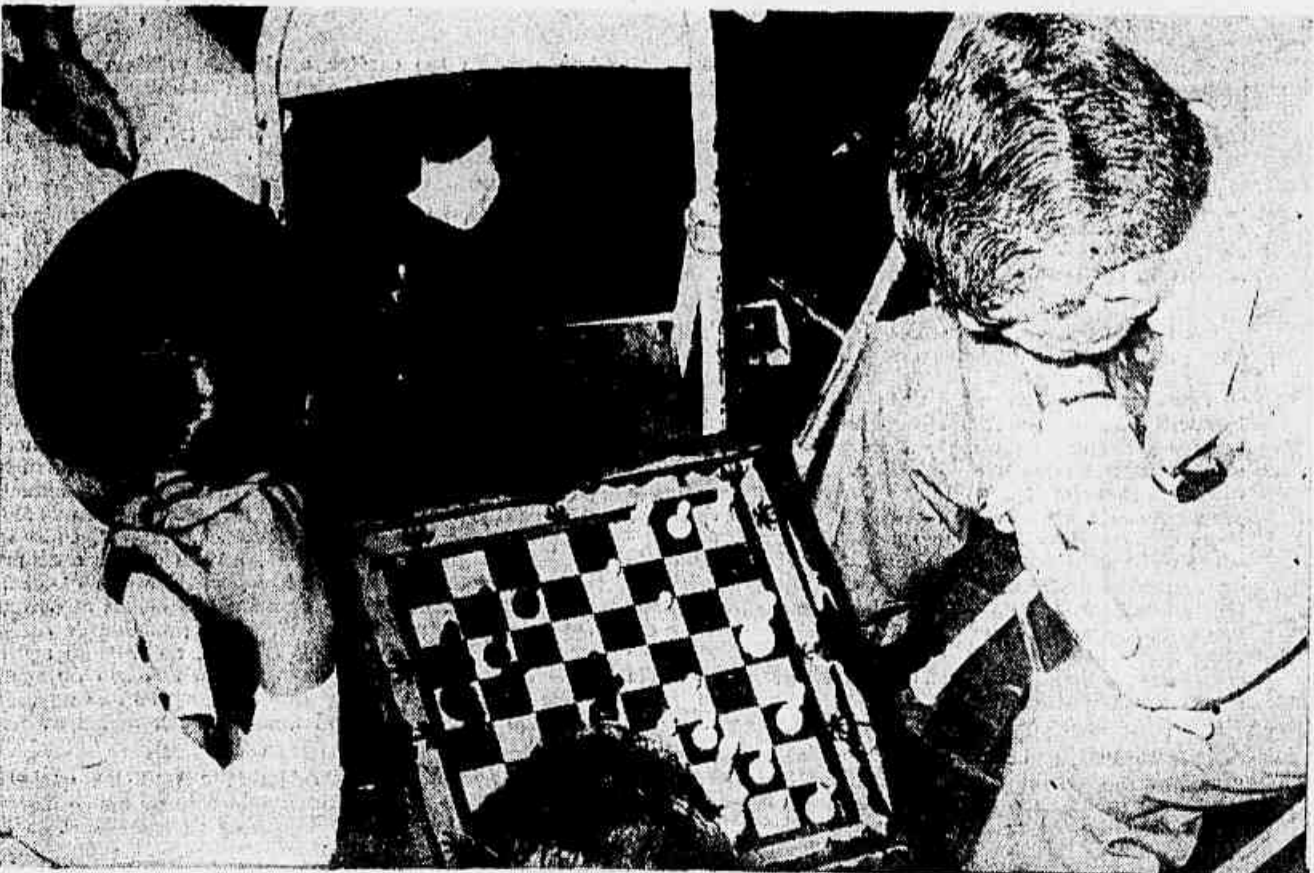


Zaira aderiu

Zaira, a graciosas aeromoça que sorri para os leitores, confessou ao nosso repórter que gosta da Cruzeiro do Sul, mas que teve vergonha de continuar trabalhando enquanto os seus colegas mantinham-se parados, lutando por um direito que também era dela. Solidária com seus colegas aderiu à greve, participou da Comissão Social e deu toda assistência às famílias dos tripulantes que se mantinham em seus postos em cidades distantes. Dêsse modo, os próprios aeronautas e suas famílias ficaram gratos às aeromoças.

NOVOS RUI...

ANO II * Rio de Janeiro, semana de 18 a 24 de março de 1960 * Nº 55



Xeque-mate na Cruzeiro do Sul

Enquanto a Cruzeiro do Sul rebelava-se contra a portaria interministerial que regulamentou a profissão do aeronauta, os tripulantes da empresa, em greve, permanciam na sede do seu Sindicato, movendo tranqüilamente as peças do tabuleiro de xadrez, até que fosse dado o xeque-mate na empresa.



O que é que eles dizem

Os aeronautas da Cruzeiro do Sul entraram em greve a zero hora do dia 5 de corrente, e mantiveram-se no seu Sindicato, acompanhando o desenrolar dos entendimentos. Eles faziam notícia num dia, e no dia seguinte, como vemos na foto, iam procurá-las no seu jornal mural, feito de recortes dos outros jornais.

EISENHOWER FALOU EM PARAISO AMERICANO...

Desemprego, Fome e Roubo Moram Juntos Em West Side, Rua 84

Reportagem de WOODY KLEIN (segunda de uma série)

A rua 81 West Side era, há vinte anos, ambiente «gráfico» em bairro respeitável, habitado por novaiorquinos endinheirados da classe média. Lugar limpo, bem cuidado, com os prédios tradicionais de quatro ou cinco andares. Contudo, a desídia, a indiferença e os estragos das decorrentes causaram a degradação do local, convertendo-o em ajuntamento de miseráveis imóveis. Uns poucos edifícios modernos parecem desafiar as construções em ruínas que os rodeiam.

O que aconteceu com a rua 81 West Side é, a rigor, o que sucedeu com muitos bairros da cidade. As cabeças-de-porco devoraram os conjuntos residenciais com maior rapidez do que se constroem casas novas e baratas.

A comissão planificadora da cidade afirmou o seguinte: atualmente, 11.000 apartamentos ficam reduzidos à condição de cortiço, ao passo que se constroem apenas... 5.500 casas populares. Embora a população de Nova Iorque tenha diminuído de 7.891.957 em 1932 para 7.870.000 em 1958, a população dos cortiços aumentou de 899.200 em 1950 para 1.132.000 em 1958.

Em companhia de baratas e percevejos

Minha primeira moradia foi uma casa de cômodos em total abandono, na rua 84. Escolhi o edifício de melhor aparência que pude encontrar. Tinha quatro andares. Os vidros da porte principal estavam quebrados. Os das janelas estavam rachados. Nas paredes da fachada do prédio viam-se rabiscos monstruosos e indecentes.

Deixara crescer a barba e não me arrumara. Para desempenhar meu papel — ator sem trabalho em procura de habitação «módica» — vesti calças velhas e uma camisa suja. Encontrei José, o encarregado, em seu tímido cubículo do subsolo. Foi levado para cima. O edifício provocava-me náuseas. Os corredores, estreitos e tímidos, estavam cobertos de escarro e pontas de cigarro. A já imunda pintura das paredes e do teto estava se descascando. O corredor, escuro, era iluminado apenas por uma lâmpada de 15 «watts».

Quando chegamos ao aposento que me iria servir, constatei o terrível estado do colchão e perguntei a José se não havia algo melhor. Limitou-se a encolher os ombros e dizer:

— O aposento não é muito

bom. Vou ver se posso dar um jeito. Aqui, porém, tudo é assim. Vivemos como cães, sem que o dono ligue para nada.

Enquanto falávamos, senti algo correr pela minha perna. Arreguei a calça e vi, um pouco acima da meia, um bicho de uma polegada. Repugnado, sacudi-o. José achou graça.

— Uma barata. Você logo se acostumará. São nossos inquilinos permanentes.

Embora a barata me tivesse causado repugnância, esqueci-me do incidente naquela mesma noite, quando fui deitar. Dei a minutos, porém, senti picadas e coceira por todo o corpo. Acendi a luz, retirei o lençol e o cobertor, e examinei o colchão: estava infestado de percevejos.

Como era impossível dormir, levantei e comeci a ler, no mesmo tempo que prestava atenção ao barulho daquele antro. O rádio do vizinho vociferou até altas horas. Crianças choravam. Uma briga de família explodiu no corredor: uma mulher proferia inverosímeis palavras. Alguém esmurrava uma porta, gritando que o deixassem entrar. Latias vazias e garrafas de cerveja caíam ruidosamente na rua.

Foi a pior noite de toda minha vida.

Mais caro que um apartamento

Pela manhã, sai de meu triste cômodo e fui visitar alguns de meus vizinhos. Queria saber como famílias podem viver em tais condições.

Bati numa das portas que dão para o corredor. Atendeu-me uma portorriquenha de rosto redondo. Disse-lhe que era vizinho recente e queria falar-lhe. Ela me convidou a entrar.

A senhora C. vive com quatro crianças em dois pequenos quartos, cujas janelas se abrem para uma parede de tijolos. Seu esposo a abandonara.

Essa desgraçada mulher paga pelos dois cômodos 47 dólares e 63 centavos por quinzena, isto é, cerca de cem dólares por mês. Fiquei estupefacto. Pago apenas 92 dólares por meu apartamento de três peças em Greenwich Village, muito em moda atualmente. Como pode ela viver com os 102 dólares de assistência social que recebe de dois em dois meses? Disse-me não ter dinheiro para vestir as crianças. Várias vezes são forçadas a falar à aula, no inverno, porque não dispõem de agasalho nem de galochas. As desventuras da família são agra-



Robert M. Harp

Uma sombra ameaçadora

Vadadas pela enfermidade de uma filha de sete anos, já opressa três vezes por causa de uma doença crônica no estômago.

Outra vizinha, de 29 anos, tem três filhos ilegítimos, cada qual de pai diferente. Recebe 175 dólares por mês, com que sustenta a si própria e às três crianças. O senhorio a faz pagar mensalmente mais de 80 dólares por um miserável quarto em que há uma cama, um berço e uma cômoda quebrada.

Raramente saio — diz-me a sra. R. — Nem sequer posso procurar outro lugar onde morar. Além do mais, para quê? Não encontrarei nada melhor por perto.

Os «big bosses», que já não vivem muito tranqüilos com as preocupações criadas pelos homens que trabalham em suas empresas, são agora atormentados pelos mais de quatro milhões de norte-americanos que não trabalham, não ganham e precisam comer.

Todos os apartamentos e todas as casas são iguais. Não teremos nada melhor.

Desemprego, fome, roubo

Poucos dos que moram no edifício têm ocupação permanente. A maioria vive do subsídio ou do seguro de desemprego. Um inquilino do segundo andar, lavador de pratos sem trabalho, tem no bolso 3 dólares e 60 centavos e faltam quatro dias para que possa receber o subsídio de desemprego. Ele, a mulher e duas crianças acotovela-se num quarto sujo, em que não se vê nada além de um grande armário. É um homem desesperado.

— Não quero roubar — disse-me. — Repugna-me fazê-lo. Já mais me aproprio de coisa alheia. No entanto, agora penso nisto. É uma idéia que não me sai da cabeça.

Dicionário

CÂMBIO

Câmbio, em tese e em geral, é toda operação de troca de determinado valor expresso em uma moeda pelo mesmo valor expresso em uma moeda diferente. Na prática, entretanto, esta definição quase sempre é incorreta e imprecisa. A divisão de uma parte do mundo em países imperialistas e países dependentes faz com que estes quase sempre paguem pela moeda dos primeiros um preço superior ao real. É sabido, por exemplo, que o valor-ouro real do dólar norte-americano corresponde atualmente a menos da metade do valor declarado ao Fundo Monetário Internacional, com o qual são feitas as transações internacionais com esta moeda.

A palavra, por outro lado, é freqüentemente usada com certas acepções particulares. Chamase, por exemplo, regimes ou sistemas de câmbio, ou simplesmente câmbio, ao conjunto ou a parte do conjunto de regras, restrições e limitações que os governos põem em prática com o objetivo de defender e aproveitar segundo os seus interesses, as suas respectivas receitas nacionais em divisas estrangeiras. O aparelhamento desses sistemas e regimes cambiais, de regulamentação e limitação da troca de moedas, como resultante da desorganização e desigualdade imperantes nas transações entre países capitalistas, deu lugar ao aparecimento, em contraposição, da expressão «câmbio livre», para designar o regime de troca de moedas não sujeito aquelas limitações e restrições oficiais.

No Brasil, os partidários da extensão do regime de câmbio livre a todas as operações com moedas estrangeiras no país — com o que se faria, na prática, a passagem do monopólio do câmbio das mãos do Estado para as mãos de umas poucas grandes firmas norte-americanas que dominam o nosso comércio exterior — se empenham em expulsar o Governo, parcial ou totalmente, do mercado de câmbio.

Na campanha que empreendem, com este objetivo, ficam celebrada a expressão «reforma cambial» como designadora da reforma que pretendem, com o apoio ostensivo dos imperialistas, norte-americanos e do Fundo Monetário Internacional, e que já foi em grande parte realizada pelo Governo Brasileiro.

Justiça

«branca» contra Preto

Enquanto senadores racistas promovem a maior obstrução já realizada no Senado americano para evitar a aprovação de leis de defesa dos direitos civis, milhares e milhares de negros em todo o território dos Estados Unidos promovem manifestações de protesto contra as discriminações de que são vítimas. As manifestações dos negros, além da repressão pela polícia, são assaltadas pelos brancos, que cometem impunemente as maiores barbaridades. Presos por perturbar a ordem, porque tiveram a candidez de ocupar lugares reservados aos brancos, os negros são condenados a penas e multas que se negam a pagar pois não cometeram crime algum.

A verdadeira situação dos negros norte-americanos pode ser vista numa afirmação recente do governador Edmund Brown da Califórnia. Referindo-se à pena de morte, disse o governador que ela nunca é aplicada contra elementos da «classe alta», por maiores que sejam seus crimes; pelo contrário, juizes e jurados se esmeram em condenar a morte negros cujos crimes nem sequer foram provados suficientemente.

Nota Econômica

«Lei das selvas» no mercado do açúcar

Notícia à imprensa que um grupo de trabalho está reunindo-se no Hamarati, com o objetivo de documentar a reivindicação que será levada pelo Sr. Lafer aos Estados Unidos, no sentido de que os exportadores brasileiros tenham uma parte nas importações norte-americanas de açúcar. O grupo de trabalho é composto por funcionários do Instituto do Açúcar e do Alcool, representantes de usineiros e diplomatas, e deverá concluir seu relatório até o dia 18, data em que o ministro do Exterior irá estender a sua cota em Washington.

A notícia é o prolongamento natural de uma pressão que, sem encontrar resistência, vem sendo exercida desde há algum tempo sobre o Governo Brasileiro, para que este se aproveite do conflito entre Cuba e os imperialistas norte-americanos, e reclame uma cota para o Brasil nas importações de açúcar. Por imposição dos produtores internos dos Estados Unidos, as importações de açúcar deste país são reguladas por um sistema de cotas e preços fixos, e a maior cota (30% de um total de 9 milhões de toneladas) tem cabido a Cuba. Desde que o Governo de Washington começou a erguer a ameaça de corte ou supressão dessa cota cubana, como represália à política ant imperialista do Governo de Havana, os produtores e comerciantes de açúcar no Brasil — e não só em nosso país, mas em diversos países latino-americanos — começaram a pressionar para que o sacrifício de Cuba seja feito em seu benefício.

Na verdade, não se sabe onde essa pressão deixa de ser obra dos produtores e comerciantes interessados, e passa a ser obra da diplomacia lanque, que conta com valiosos cúmplices no Hamarati, e está grandemente interessada em isolar Cuba e neutralizar a solidariedade que os povos latino-americanos estão demonstrando para com o povo cubano.

De uma forma ou de outra, a manobra progride. Há poucos dias, os funcionários do I.A.A. que hoje integram o grupo de trabalho do Hamarati regressaram dos Estados Unidos, onde foram e precipitadamente se enfiaram, junto ao Departamento de Estado e com a ajuda da Embaixada brasileira, o pedido dos nossos açucareiros, que já

tomou assim um caráter oficial. A próxima viagem do Sr. Lafer, dessa forma, não fará senão dar maior formalidade a essa posição oficial do Brasil, de candidato a urubu da revolução cubana e, como tal, de cúmplice imperialista contra o povo cubano.

Alega-se, para defender esta posição de rapinagem contra Cuba, que o Brasil pode exportar 800 ou 700 mil toneladas de açúcar por ano, e só está exportando 400 mil, enquanto Cuba tem garantida uma cota de 3 milhões de toneladas anuais apenas no que se refere às suas exportações para os Estados Unidos. Os diplomatas brasileiros que assim argumentam esquecem, entretanto, que a posição de Cuba no mercado açucareiro é em tudo semelhante à do Brasil no mercado cafeeiro. Enquanto o Brasil poderia produzir e exportar mais 200 ou 300 mil tons. de açúcar por ano, Cuba já está arcando com o ônus da estocagem, para defesa dos preços do produto no mercado internacional, de mais de 50% dos excedentes mundiais da produção açucareira. Apenas na presente safra de 59/60, segundo notícia recente do «Financial Times», Cuba está produzindo um milhão de tons, a mais do que consome e exporta. Como o Brasil pode pretender que os demais países produtores de café respeitem os nossos direitos, decorrentes dos nossos ônus, de maior produtor de café, se nega estes mesmos direitos a Cuba, no caso do açúcar? Se é a «lei das selvas» que regula o mercado do açúcar, como se pode pretender que a mesma lei não impere no mercado do café, do qual também Cuba participa?

O Governo Brasileiro tem feito repetidas queixas a Washington e Buenos Aires, pelo fato de que o Governo de Frondizi se esteja aproveitando da resistência do Brasil às imposições transatlânticas pelo Fundo Monetário Internacional para obter empréstimos e favores dos Estados Unidos, como prêmio à sua política entreguista. O Governo Brasileiro está agora fazendo com a maior pior com Cuba, e num caso como nenhum outro há um beneficiado: o imperialismo lanque.



Hotel das Estrelas

Num flagrante que bem poderia ser confundido com o cenário de um país subdesenvolvido, homens dormiam no refúgio na terra dos castiçais. Para eles, de um cômodo para milhões de norte-americanos, as mesmas condições de vida em sonhos é fácil alcançar — as delícias do «paraíso americano».



Pela Vitória da Causa Nacionalista e Democrática Nas Eleições Presidenciais

LUIZ CARLOS PRESTES

Em nossa Resolução de setembro do ano passado, fizemos uma análise da situação política nacional, focalizando, em primeiro plano, o problema da sucessão presidencial. Na breve praça decorrida a partir de então, a situação se desenvolveu dentro das linhas essenciais, que consideramos na referida análise. As questões, examinadas faz um semestre, estão hoje, porém, muito amadurecidas e nítidas, o que não pode deixar de ter reflexo sobre as posições de nosso Partido.

Perspectivas concretas de cessação da «guerra-fria»

A fim de atuar corretamente diante dos problemas nacionais, é indispensável compreender o imenso alcance das modificações, que estão se operando na arena internacional. A viagem de camarada Nikita Kruschiov, presidente do Conselho de Ministros da URSS, aos Estados Unidos, marca, sem dúvida, o início de um novo período nas relações entre as duas maiores potências, cujo entendimento é condição básica para assegurar a paz mundial. É certo que sérios obstáculos ainda se opõem e continuaram a se opor a esse entendimento. Existem nos Estados Unidos e nas outras potências imperialistas, particularmente na Alemanha Ocidental, círculos interessados no prosseguimento da «guerra-fria». Tais círculos não medirão esforços para impedir que nas conversações a respeito do desarmamento e sobretudo no próximo encontro dos chefes de Governo dos grandes potências sejam alcançados resultados práticos em benefício da causa da paz. É indiscutível, porém, que foi aberto e começa a ser trilhado o caminho que pode conduzir a um efetivo alívio da tensão internacional e ao estabelecimento de condições duradouras para a coexistência pacífica entre países de sistemas sociais antagonistas. Isto se deve, antes de tudo, aos esforços da União Soviética e dos demais países socialistas, à luta das forças amantes da paz no mundo inteiro.

No seu discurso diante da Assembleia Geral da ONU, apresentou o camarada N.S. Kruschiov um plano concreto de desarmamento universal em quatro anos, abrangendo a destruição dos estoques de armas nucleares e a dissolução das forças armadas e instituições militares, com exceção somente dos contingentes necessários à segurança civil. Propôs ainda o camarada Kruschiov, em nome de seu Governo, que uma parte substancial dos recursos, que deverão ser poupados com este plano de desarmamento, seja fornecida pelas grandes potências aos países subdesenvolvidos, a fim de que estes possam acelerar a sua luta contra o atraso econômico.

Na política exterior soviética, os atos guardam plena concordância com as palavras. Já antes, havia o governo da URSS resolvido, de modo unilateral, a interrupção das experiências com armas nucleares, o que determinou a «trégua atômica» ainda em curso. Agora vem o Governo da URSS de dar mais um passo significativo, também unilateral, no sentido da redução dos seus efetivos militares, ordenando a desmobilização de um milhão e duzentos mil soldados. As tergiversações dos círculos imperialistas nada podem contra argumentos tão convincentes.

Não devemos perder de vista que perigosos focos de atrito persistem em várias regiões do mundo. Bruscos agravamentos da tensão internacional continuam sendo possíveis, mormente porque se acentuam as contradições dentro do campo imperialista. A própria perspectiva de um alívio sério da tensão internacional pode tornar, momentaneamente, mais agressivos certos círculos belicistas e levá-los a atos como as recentes provocações nazistas e anti-semitas irradiadas da Alemanha de Adenauer para todo o Ocidente capitalista, mas imediatamente repelidas, com a mais profunda indignação, pela opinião pública mundial.

Apesar de tudo isto, torna-se, entretanto, cada vez mais claro que a balança começa a pender decididamente para a cessação da «guerra-fria». É esta a tendência que se afirma com força crescente, que abre caminho em meio a recuos temporários, sobrepujando os obstáculos análogos pelo imperialismo norte-americano e os seus aliados da Europa Ocidental. A próxima conferência dos chefes de Estado da União Soviética, dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França assume, assim, excepcional significação, apoiada que é pela aspiração de todos os

povos no sentido de medidas concretas a favor da causa da paz.

Ao povo brasileiro interessa vitalmente que entre as grandes potências se instaure um clima de coexistência pacífica e de duradoura entendimento. Sabemos que os efeitos devastadores de uma nova guerra poderão atingir diretamente ao nosso país. Mas, além disso, as propostas soviéticas tornam patente que a cessação da «guerra-fria» e da corrida armamentista criará, no plano internacional, as condições mais favoráveis à luta pelo progresso econômico dos países subdesenvolvidos. Compreende-se, assim, que as propostas do camarada Kruschiov tenham encontrado repercussão favorável em amplos setores da opinião pública nacional. Há, pois, condições grandemente propícias para que o povo brasileiro dê uma contribuição mais ativa à causa paz mundial, principalmente através da pressão para alterações profundas na política exterior do nosso Governo, que continua a apoiar nas assembleias internacionais a ação belicista e colonialista das potências ocidentais.

Diante das modificações que se operam na situação internacional, podemos afirmar que a nossa luta pela libertação nacional e pela democracia, pela paz e o socialismo, se desenvolve em condições excepcionalmente favoráveis. Isto deve infundir maior entusiasmo e mais elevado espírito combativo a todos que militamos sob a bandeira do marxismo-leninismo.

O quadro político da campanha sucessória

Fato político central do período em curso da vida política nacional, a campanha pela sucessão presidencial vem se polarizando, como prevíamos, em torno das candidaturas do Mal. Teixeira Lott e do sr. Jânio Quadros.

Na breve lapso de tempo transcorrido após a nossa Resolução de Setembro de 1959, a candidatura do sr. Jânio Quadros sofreu grave abalo, enquanto a candidatura do marechal Teixeira Lott vem conseguindo vencer as etapas necessárias à sua consolidação.

A manutenção e o fortalecimento da candidatura Lott constitui, sem dúvida, nas condições atuais, um sério fator de exacerbação das contradições dentro dos agrupamentos políticos tanto do Governo como da Oposição. Trata-se de um fato de primordial importância, cujas razões mais profundas poderemos apreender se considerarmos os processos através dos quais surgiram e se desenvolveram as candidaturas do sr. Juscelino Kubitschek, em 1955, e do marechal Lott, no ano passado.

Não há, entre ambas, certamente, diferenças qualitativas. No fundamental, as forças sociais e políticas que se agruparam em torno da primeira também constituem o esteio da segunda. A coligação que se aglutina em torno do marechal Lott abrange, portanto, como foi o caso com o sr. Juscelino Kubitschek, um conjunto de forças extremamente heterogêneas, em que figuram os setores mais radicais do movimento nacionalista e também setores conservadores do PSD e de outros partidos.

Cometeríamos, todavia, grave erro se não assinalássemos as particularidades que distinguem a candidatura Lott e que, por si mesmas, expressam as modificações ocorridas no panorama nacional e no seio dos partidos políticos, o progresso sensível das forças nacionalistas e democráticas.

O sr. Juscelino Kubitschek foi, desde as suas origens, um candidato tipicamente pessedista, apoiado desde o início por setores dos mais retrógrados da cúpula do PSD, inclusive por elementos vinculados a interesses do imperialismo norte-americano. Apesar disso, na conjuntura existente em 1955, o sr. Juscelino Kubitschek recebeu o apoio também das mais importantes correntes nacionalistas e populares, entre as quais os comunistas, que viam naquela candidatura a melhor possibilidade existente para unir as forças patrióticas e antigolpistas interessadas em barrar o caminho aos setores entreguistas, então aglutinados em torno do sr. Juarez Távora.

Já a gênese da candidatura Lott teve caráter oposto. Seu nome foi inicialmente lançado e articulado para a sucessão presidencial fora do âmbito dos grandes partidos, sustentado pelos setores mais ativos do movimento nacionalista. Apoiado neste, teve e ainda tem de vencer grandes dificuldades para se impor às cúpulas partidárias, enfrentando os obstáculos que lhe colocam no caminho os elementos retrógrados e

entreguistas do PSD e certos setores elitistas dos demais partidos da coligação governamental. A candidatura do marechal Teixeira Lott possui, assim, desde as suas origens, um sentido marcadamente nacionalista, que não tem arrefecido, mas vem se afirmando, em que pesem as conhecidas inclinações conservadoras do próprio candidato.

A apresentação do marechal Teixeira Lott às eleições presidenciais constitui, no âmbito do Governo Federal, uma vitória de grande significação do seu setor nacionalista, apoiado no movimento nacionalista em geral. Precisamente este fato tem contribuído para tornar mais agudas as contradições no seio do próprio Governo, dada a composição heterogênea que conserva até hoje.

O afastamento dos srs. Lucas Lopes, Roberto Campos e Garrido Torres, das posições-chave que ocupavam, refletiu, após o rompimento das negociações oficiais com o Fundo Monetário Internacional, o vigor do movimento de opinião pública, que isolou politicamente aqueles entreguistas. A recomposição ministerial, entretanto, não foi realizada pelo sr. Juscelino Kubitschek no sentido de mudar os rumos governamentais e, principalmente, de fortalecer a candidatura saída das próprias fileiras situacionistas. Bem ao contrário, o Presidente da República confiou postos dos mais decisivos a elementos entreguistas e reacionários, como os srs. Armando Falcão, Amarel Peixoto e Sebastião Pais de Almeida. O ministério recomposto seguiu, assim, no essencial, a orientação anterior, em condições, porém, de maior descontentamento popular e de acentuação da instabilidade dos quadros políticos. É o que, aqui, nos cumpre analisar.

O ano de 1959 transcorreu sob o signo de um ritmo inflacionário excepcional mesmo para o nosso país, que já sofre há vinte anos uma inflação crônica das mais pesadas do mundo. Segundo os índices, baseados em médias mensais, da publicação oficial «Conjuntura Econômica», o custo de vida no Distrito Federal se elevou, no transcurso de 1959, em 46,3%, quando durante o ano de 1958 a elevação foi de 20%. Na capital de São Paulo, segundo os índices médios do Departamento Interministerial de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, o aumento do custo de vida dos trabalhadores, em 1959, foi da ordem de 44,7%.

Para tal aceleração do ritmo inflacionário contribuíram, de modo decisivo, as medidas que o sr. Lucas Lopes aplicou como Ministro da Fazenda, seguindo parcialmente a orientação traçada pelo Fundo Monetário Internacional. A mesma orientação financeira, apesar do esforço para disfarçá-la, vem sendo aplicada pelo sr. Sebastião Pais de Almeida. Uma das suas primeiras medidas foi a elevação do dólar-café de Cr\$ 60,00 para Cr\$ 76,00, praticando verdadeira desvalorização forçada da nossa moeda, além de transferir enorme massa de renda para os fazendeiros e exportadores de café. Para avaliar inteiramente o impacto inflacionário que o café representa, é preciso levar em conta ainda que, em junho deste ano, segundo prevê a revista «Desenvolvimento e Conjuntura», os estoques em poder do IBC deverão atingir cerca de 32 milhões de sacas, com um custo superior a 60 bilhões de cruzeiros para o Estado. O sr. Juscelino Kubitschek emitiu no ano passado 35 bilhões de cruzeiros, o que permite avaliar a violenta pressão inflacionária decorrente da política financeira do Governo e que deturpa com tanta rapidez o nível de vida das massas.

É recente a Instrução nº 192 da SUMOC, que lançou no mercado de câmbio livre nova série de produtos exportáveis, representando não menos de 200 milhões de dólares anuais. Deu-se, assim, mais um passo — e muito avançado — para a completa reforma cambial, tão reclamada pelo Fundo Monetário Internacional.

Numa reação legítima contra a inflação, em defesa do seu nível de vida drasticamente rebaixado, os trabalhadores realizaram, no ano passado, grande número de movimentos reivindicatórios, muitos dos quais culminaram em greves. De modo geral, não tem sido difícil aos patrões conceder aumentos salariais, não somente em virtude dos enormes lucros que a inflação vem propiciando, como porque a economia

brasileira continua em expansão. Em regra, porém, os aumentos alcançados oscilaram entre 25 e 35%, não chegando a compensar inteiramente a perda do poder aquisitivo dos salários.

Diante das greves e dos diversos protestos contra a carestia, o Governo do sr. Juscelino Kubitschek tem-se inclinado a utilizar a repressão violenta para sufocar as lutas das massas populares, ao invés de proteger os seus interesses contra os beneficiários da inflação. Enquanto se dobra diante da intervenção de autoridades norte-americanas, entre elas o embaixador Moors Cabot, e permite aos frigoríficos o aumento de quase 100% no preço da carne, o Governo do sr. Juscelino Kubitschek interveio no Sindicato dos Oficiais de Náutica e manda espancar estudantes, que protestam contra o aumento de preços no restaurante do Calabouço. O aumento das tarifas de bondes no Rio — mais uma concessão à Light — é garantido pelas forças da polícia sob os ordens diretos do sr. Armando Falcão, responsável principal pela invasão da União Nacional dos Estudantes e pelo brutal assalto à Faculdade Nacional de Direito, fatos que comoveram o país e despertaram em amplos setores da opinião pública a exigência de demissão imediata do ministro da Justiça. O sr. Falcão, na verdade, não tem feito senão seguir a linha do discurso de Ano Novo do presidente da República, que, além de promessas demagógicas, foi fértil em ameaças aos trabalhadores e ao movimento sindical.

As massas trabalhadoras e amplas camadas do povo não têm aceitado, porém, passivamente, as violações das liberdades democráticas, impondo, em vários casos, o recuo das autoridades reacionárias. Exemplos frisantes foram a cessação da intervenção no Sindicato dos Oficiais de Náutica e a realização da Conferência Pró-Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Portugal e Espanha, a qual constituiu flagrante derrota para o sr. Armando Falcão, um dos mais ativos representantes da ala entreguista e reacionária do ministério.

Tanto no seio do Governo como da Oposição persistem tendências, que se tornam muito vivas em certos momentos, a procurar soluções fora dos trâmites constitucionais. Essas tendências se manifestaram agudamente nos últimos meses do ano passado, com os episódios das bombas terroristas e da rebelião frustrada de Aragarças. Em ambos os casos, ficaram evidentes as manobras de elementos do Governo para estabelecer medidas de exceção, como primeiro passo no sentido de afastar a candidatura do marechal Teixeira Lott e, em seguida, alcançar o continuidade do sr. Juscelino Kubitschek. O episódio da ridícula revolta de um grupo de oficiais demonstrou também o desespero de certos setores, que apóiam o sr. Jânio Quadros, após a renúncia do mesmo e diante da perspectiva da vitória do candidato nacionalista.

A legalidade constitucional foi, porém, vitoriosamente defendida contra as tramas golpistas, tanto dentro como de fora do Governo. Fracassaram, igualmente, as provocações anticomunistas com que pretenderam se acobertar os conspiradores. Isto não significa, todavia, a extinção das tendências a recorrer a soluções antidemocráticas por parte daqueles grupos entreguistas e reacionários que temem a luta das massas por seus direitos e que desejam impedir a todo custo a ascensão do marechal Lott à Presidência da República. A defesa das liberdades democráticas se apresenta, por conseguinte, como tarefa da mais alta importância para todas as correntes nacionalistas e populares.

No terreno da política exterior, o Governo do sr. Juscelino Kubitschek, premido pelas necessidades objetivas, deu um passo há muito reclamado por quase toda a opinião pública, ao enviar uma missão comercial à União Soviética e concluir com esta o primeiro acordo de trocas de mercadorias. O Governo contará com o mesmo apoio de amplos setores políticos e sociais para dar um passo seguinte, ou seja, o restabelecimento das relações diplomáticas com a União Soviética e a normalização das relações com todos os demais países socialistas, inclusive o reconhecimento da República Popular da China.

Entretanto, ao recusar o convite do Governo de Fidel Castro para participar da Conferência dos países subdesenvolvidos em Havana, o Go-

verno Brasileiro contrariou, vergonhosamente, o sentimento dominante do nosso povo e evidenciou o caráter de conciliação e capitulação inerente à chamada Operação Pan-Americana. O nosso povo não pode consentir que o Brasil seja cúmplice das manobras dos monopólios ianques no sentido de isolar a revolução cubana e, em seguida, esmagá-la, através da pressão econômica, da sabotagem ou da intervenção militar aberta. É necessário alertar a opinião pública contra tais manobras e mobilizá-la para a mais decidida solidariedade ao heróico povo representado por Fidel Castro, na luta que trava contra o mortal inimigo comum de brasileiros e cubanos — o imperialismo norte-americano.

A viagem do presidente Eisenhower ao Brasil e a outros países latino-americanos teve precisamente por um dos seus objetivos a articulação de medidas contra o atual governo de Cuba. Como deixou patente esta viagem, esforçam-se os círculos dirigentes dos Estados Unidos para revitalizar o seu cambaleante domínio sobre a América Latina, através do sistema da OEA e dos diversos tratados, bem como de promessas de «ajuda» financeira. Entretanto, em contato direto com a América Latina, o presidente Eisenhower teve oportunidade de sentir a solidariedade de seus povos à revolução cubana e a sua decisão de lutar pela própria emancipação.

É nesse quadro, do qual apresentamos apenas os traços principais, que se desenvolvem as campanhas dos candidatos às eleições presidenciais de outubro de 1960.

Agravam-se as dificuldades no campo janista e consolida-se a candidatura Lott

É fato evidente e incontestável que a candidatura do sr. Jânio Quadros vem-se revelando muito menos sólida do que aparentava. A grande imprensa, fortemente financiada pelos trustes norte-americanos, procurou criar em torno do ex-governador paulista uma impressão de «invencibilidade», de «marcha triunfal», de «irresistível fascínio sobre as massas», etc.. Mas, esta mesma grande imprensa, já hoje, tem dificuldade em repetir tais boboseiras e deixa entrever a decepção com os fracassos do candidato udeno-lacerdistas.

É que as lutas de massas vêm mostrando a distância entre as suas reivindicações concretas e o sr. Jânio Quadros, cuja demagogia oportunista reduz o seu efeito. É que, além disto, vem surtindo resultado dia a dia mais amplo, a campanha sistemática que nós, os comunistas, e outros setores ao movimento nacionalista estamos realizando para mostrar ao povo brasileiro o verdadeiro significado da candidatura do sr. Jânio Quadros. Os fatos, que se acumulam, para denunciar o caráter antinacional e profundamente reacionário desta candidatura, precisam ter a mais vasta e insistente divulgação entre todas as camadas sociais. Amigo declarado de Rockefeller e inimigo não menos declarado da Petrobrás, protetor da Light e de outras companhias imperialistas, apologista da reforma cambial precarizada pelo Fundo Monetário Internacional e do «liberalismo» econômico, que condena a ação estatal a favor da industrialização e da emancipação do país, advogado da oligarquia de latifundiários, exportadores e banqueiros ligados ao café em São Paulo — eis, em traços principais, o conteúdo político da candidatura do sr. Jânio Quadros, que se tornou a bandeira do entreguismo e dos agrupamentos mais reacionários do país.

A isto acrescentamos o seu comportamento corruptor no Governo de São Paulo. Vai-se fazendo conhecido como esse pretensão moralizador da administração utilizou os dinheiros públicos, em escala jamais vista, para comprar adeptos e propiciar negociações. Torna-se, assim, cada vez mais evidente que a sua luta contra a corrupção não constitui mais do que uma farsa para enganar o eleitorado.

Além do desmascaramento a que está sendo submetida e que precisa ser intensificado, a campanha do sr. Jânio Quadros sofre os efeitos das contradições dentro da coligação formada para apoiá-lo. Sobre a gravidade dessas contradições dá idéia o fato de ter o sr. Jânio Quadros julgado possível superá-las através do gesto da renúncia, do qual esperava resultasse o seu domínio incontrastável sobre a UDN, o PDC e demais forças que o seguem. Sem ter atingido o seu obje-

tivo, pois continuam os choques dentro daquela coligação, o gesto de renúncia, que se associou à pífia rebelião dos heróis janistas de Aragarças, completando-se com a comédia da revogação da renúncia, antes anunciada como «irrevogável», provocou um abalo nas fileiras do ex-governador paulista. Na sua recente viagem do Norte ao sr. Jânio Quadros e o seu companheiro de chapa, sr. Leandro Maciel, puderam sentir não só a indiferença das grandes massas como o ativo repúdio dos patriotas.

Por tudo isto, aumenta a inquietação nas fileiras da coligação janista. Certos elementos nacionalistas, que a integram, tentam mudar a sua orientação, de maneira a aproximá-la, ao menos em palavras, do movimento nacionalista. O próprio candidato udeno-lacerdistas, diante do debilitamento de sua candidatura, já sentiu também a necessidade de combinar a demagogia oportunista a um programa que incorpore algumas das reivindicações patrióticas, consagradas pela maioria da opinião pública. Na medida em que essa tática resultar em fracasso, os elementos nacionalistas, que ainda acompanham o sr. Jânio Quadros ou que vacilam em se definir contra ele, por motivo de injunções partidárias, poderão ser neutralizados ou mesmo, em parte, atraídos para a candidatura Lott.

São notórias as vacilações de diversos e importantes setores da coligação janista. Esta poderá sofrer ainda novos abalos, em virtude de suas contradições internas e do seu debilitamento eleitoral, levando certos contingentes políticos a abandoná-la formal ou praticamente. Os defensores da candidatura Lott têm evidente interesse em acelerar esse processo de redução da base política do ex-governador de São Paulo.

É indiscutível que a candidatura do marechal Teixeira Lott vem passando por um processo de fortalecimento, apesar dos grandes obstáculos que enfrentou e ainda terá a superar.

A cúpula reacionária do PSD, comandada pelo sr. Amarel Peixoto, tudo fez para isolar o marechal Lott e dele desfazer-se como candidato. Para isto tentou diversas manobras, como a de «união nacional», «mandato tampão» e outras, todas fracassadas. Uma das linhas de ação na direção reacionária do PSD é a de dificultar ao máximo em acordo com o PTB e chegar a provocar o rompimento da aliança com o mesmo, o que viria a enfraquecer consideravelmente a coligação em torno do ex-Ministro da Guerra. Por sua vez, alguns elementos do PTB não vinham contribuindo, antes da recente Convenção Nacional Trabalhista que ratificou a chapa Teixeira Lott-João Goulart, para a consolidação da candidatura nacionalista.

No período mais difícil que atravessou, a candidatura Lott foi sustentada quase somente pelas correntes mais combativas do movimento nacionalista, entre as quais os comunistas se esforçaram para cumprir o seu dever patriótico. A pressão de massas, que se exerceu sobre as direções partidárias e sobre o próprio candidato, influiu no curso dos acontecimentos. Este fato serviu para reduzir a influência reacionária na campanha do marechal e acentuar, em sentido oposto, a influência nacionalista.

Mostrando que possui bases sólidas e contando inclusive com o apoio de consideráveis setores do próprio PSD, a candidatura Lott se impôs na convenção nacional do partido majoritário, cuja ratificação a tornou um fato consumado. Outro grande passo foi dado com a ratificação pela convenção do PTB. Cresce a pressão para que o mesmo caminho seja seguido com brevidade pelo PR e o PSP. Neste último, são evidentes as tendências pró-Lott, o que torna muito difícil ao sr. Ademar de Barros manter-se numa posição divisionista, sustentando até o fim sua candidatura.

Os aspectos antinacionais e antipopulares da política do Governo e do partido majoritário se refletem, todavia, negativamente, na campanha do marechal Lott. Mesmo depois da homologação da candidatura Lott pelo PSD, os elementos entreguistas do Governo, em especial os srs. Armando Falcão, Amarel Peixoto e Sebastião Pais de Almeida, contendo com a aprovação do sr. Juscelino Kubitschek, perfazem em executar um plano de deliberado enfraquecimento do referido candidato, que ainda permita afastá-lo ou, pelo menos, obscurecer o seu caráter nacionalista e democrático, dificultando a sua vitória.

Pela Vitória da Causa Nacionalista e Democrática Nas Eleições Presidenciais

(Conclusão da Página 3)
 No PSD, os setores que desejam imprimir à campanha do marechal Lott um caráter nacionalista defrontam-se com a resistência da cúpula dirigente, que luta para afastar a candidatura das massas e dar-lhe uma feição conservadora. A direção do PSD utiliza-se de suas bandeiras no Congresso, com o apoio solícito da oposição udenista, para obstaculizar a tramitação de projetos como a regulamentação do direito de greve, a lei orgânica da previdência social, o plano de classificação do funcionalismo, a limitação das remessas do capital estrangeiro e outros, de interesse popular e anti-imperialista. Mas, ao mesmo tempo, a Câmara aprovou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação com dispositivos que despertam o justo protesto de estudantes e professores no país inteiro. Sucedem-se, paralelamente, com estímulo especial dos sr. Armando Falcão e Amarel Peixoto, as provocações anticomunistas e as intrigas contra o PTB, visando a desagregar a coligação lottista. Inspirando essas manobras, os propósitos continuistas do sr. Juscelino Kubitschek são estimulados pelos conciliadores e entreguistas que o cercam e que não se conformam com a perspectiva da ascensão do marechal Lott à presidência da República.

E, por conseguinte, indispensável intensificar o fogo sobre o grupo entreguista do Governo, desmascarar a sua política antinacional e antipopular e lutar para afastá-lo dos postos decisivos que ocupa. A pressão de massas deve-se exercer no sentido de conduzir o Presidente da República a constituir imediatamente um ministério que seja verdadeiro apoio para a campanha do marechal Lott.

Sendo, em contacto com setores das massas, o quanto podem comprometer os aspectos negativos da política do atual governo, o ex-ministro da Guerra tem se encaminhado para afirmações mais decididas por uma nova política, de caráter efetivamente nacionalista e democrático. Destacam-se, nesse sentido, as suas reiteradas declarações a favor da limitação das remessas do capital estrangeiro, da reforma agrária, da nacionalização dos bancos de depósito, do respeito ao direito de greve, de moralização das instituições de previdência social, do reequilíbrio econômico do Nordeste e de defesa da escola pública. Não resta dúvida que tais declarações refletem a influência crescente dos setores nacionalistas na orientação da campanha e possibilitam estreitar os vínculos do candidato com as massas populares.

Como vemos, a coligação que apóia o marechal Teixeira Lott não está isenta de contradições. É necessário saber enfrentá-las de tal maneira que se afirme o conteúdo nacionalista e democrático da candidatura, que se mantenha a unidade de amplos setores políticos e partidários aliados em torno dela e que se reforce a sua base eleitoral. É de acordo com estes critérios que, segundo pensamos, deve ser resolvida definitivamente a questão da vice-presidência na chapa do marechal Lott. Ao repudiar o sr. Fernando Ferrari e indicar o nome do sr. João Goulart, a Convenção Nacional do PTB encaminhou de modo acertado a solução do problema, fortalecendo com o apoio trabalhista a candidatura do marechal Teixeira Lott. A consolidação da candidatura do sr. João Goulart a vice-presidência é, sem dúvida, do interesse das forças nacionalistas e populares.

Em nossa Resolução de setembro de 1959, tomamos uma posição de princípios diante da sucessão presidencial. A diferença da que ocorreu no passado, tomamos posição em tempo oportuno, dentro da nossa tática geral de frente única e de luta por um governo nacionalista e democrático. Naquela ocasião proclamamos a nossa radical oposição a candidatura Jânio Quadros e a nosso interesse de patriotas na consolidação da candidatura do ex-ministro da Guerra. A posição que hoje nos incumbe adotar é a de decidida e franco apoio a esta candidatura. Nela vemos, no atual quadro político do país, a mais efetiva possibilidade real de fazer a nação avançar no sentido da emancipação econômica, da democracia e da melhoria da situação das massas, mantendo aberto o caminho para a conquista de um governo nacionalista e democrático. Não nos move, portanto, nenhum exclusivismo partidário. Ao apoiar o marechal Teixeira Lott, tomamos por base as forças sociais que cercam o candidato, a sua atuação concreta e os compromissos por ele já assumidos publicamente com as forças nacionalistas e populares. Compreendemos que entre nós, os comunistas, e o candidato e poderáveis forças que o cercam, existem divergências ideológicas essenciais. Conservamos a nossa independência ideológica e, na ação política, continuaremos a lutar, como vanguar-

da da classe operária, pelo conjunto de soluções que julgamos imprescindíveis ao desenvolvimento independente e progressista de nossa Pátria. Mas, precisamente porque colocamos em primeiro plano os interesses nacionais, julgamos fundamental, neste momento, contribuir para que se somem todas aquelas forças capazes de fazerem triunfar em outubro próximo a causa nacionalista e democrática.

Concentrar a atividade política na luta eleitoral

A nossa Resolução de setembro de 1959 teve o mérito de alertar e orientar o Partido para a questão da sucessão presidencial, dando-lhe a respeito indicações claras e precisas. Importantes organizações e grande número de camaradas se empenharam em levar à prática essas indicações. O esforço abnegado de muitos companheiros e simpatizantes tem-se juntado, de modo construtivo, numa experiência das mais sérias de frente única, ao esforço dos patriotas das outras correntes, que sustentam a candidatura Lott. Nesse particular, merecem referência destacada as organizações e os camaradas do Distrito Federal e do setor dos marítimos, que vêm demonstrando, de modo geral, correta compreensão do problema eleitoral e desenvolvendo já apreciável atividade na organização de comitês eleitorais, na propaganda e demais tarefas da campanha.

É preciso frisar, porém, que as forças do Partido estão ainda longe de ter sido satisfatoriamente mobilizadas para o pleito sucessório. Pouco fizemos, como direção, no sentido de vencer o espontaneísmo e de organizar a luta pela justa aplicação da Resolução de setembro. O controle que realizamos foi tardio e mal pôde alcançar os principais Estados. Em regiões de tanta importância como São Paulo, Rio Grande do Sul, Estado do Rio e Minas Gerais, as direções mais responsáveis vêm revelando grande atraso e vacilação em lançar o Partido na campanha eleitoral. A raiz desta atitude está em incompreensões de caráter político e ideológico, que é necessário enfrentar com rapidez e firmeza.

Não são poucos ainda os camaradas, inclusive altamente responsáveis, que conservam uma opinião depreciativa a respeito da luta eleitoral. Não percebem, assim, a sua significação nas condições políticas do país, significação que é excepcional quando se trata da substituição do Presidente da República. A esta incompreensão se agrega a miopia atitude sectária de certos camaradas diante da tarefa de construir a frente única nacionalista e democrática. São camaradas que se mantêm indiferentes diante das possibilidades que a campanha eleitoral oferece para ação conjunta das forças interessadas na conquista de um curso de desenvolvimento independente e progressista para a nossa Pátria.

É evidente que dirigentes ainda presos a concepções como essas não podem infundir entusiasmo ao Partido para a luta eleitoral.

Especial atenção deve merecer-nos a situação no Estado de São Paulo. Ali se encontra a mais forte base janista, o que, em conjugação com a pressão da grande imprensa, influi sobre o nosso próprio Partido no sentido de vacilações com relação à justiça da posição que assumimos. Nesta questão, também desempenham um papel as ilusões no Governo do sr. Carvalho Pinto, que explora o regionalismo paulista e não é devidamente encarado como um dos elementos decisivos da coligação janista, como um dos principais pontos de apoio de que dispõe o candidato do entreguismo. Ao tempo em que cedem à pressão janista, os dirigentes comunistas de São Paulo ainda se mostram presos a um profundo sectarismo, que os separa das grandes massas trabalhadoras e populares e explica os resultados negativos ou pouco expressivos das eleições para vereadores em numerosos municípios de São Paulo. Particularmente no Capital do Estado, a conduta dos dirigentes comunistas, em grande parte espontaneísta, contribuiu para que não conseguíssemos alcançar resultados eleitorais à altura da influência de que efetivamente gozamos na população paulistana. O sectarismo também se manifestou vivamente no episódio da recente tentativa de greve geral. Alguns setores da classe operária se mobilizaram, nessa ocasião, contra a carestia da vida e por outras reivindicações justas, demonstrando sua combatividade diante das arbitrariedades policiais determinadas pelos sr. Juscelino Kubitschek e Carvalho Pinto. Mas a greve foi conduzida sem senso de oportunidade política e em evidente desvinculação de grandes setores das massas trabalhadoras, do movimento sindical e do movimento nacionalista.

Devemos reconhecer que erramos

por não haveremos alertado em tempo para as consequências negativas de uma greve geral que não tinha, na oportunidade, maiores condições de êxito, que não contribuiria, portanto, para aprofundar a confiança das massas trabalhadoras em suas próprias forças e que viria dificultar a ampliação e consolidação da unidade do movimento sindical e do movimento nacionalista. Aos dirigentes comunistas, no Estado de São Paulo e, sobretudo na Capital, cabe a tarefa de extrair as devidas lições dessas experiências, vencer a confusão política e ideológica e ajudar o Partido a desempenhar o seu verdadeiro papel de vanguarda na luta eleitoral que se trava no mais importante região do país.

No Rio Grande do Sul e em outros pontos do país, o atraso na aplicação da Resolução de setembro de 59 é explicado por motivos como a posição ainda não definida do PTB ou do PSD ou simplesmente pelas dificuldades em ganhar os militantes para a linha traçada. É evidente que se trata de motivos sem fundamento. Ao nosso Partido cabe, por natureza, uma missão de vanguarda, que não será desempenhada se ficarmos a reboque de outras forças. Adotada uma linha de frente única, a nossa atuação decidida e conseqüente pode influir — como atesta a rica experiência — para vencer as vacilações de outras forças. Quanto às dificuldades para ganhar os militantes, reconhecemos que elas existem, uma vez que não podemos abstrair do sectarismo que durante tanto tempo impregnou a consciência dos nossos camaradas. Mas o dever de qualquer direção é o de lutar, no plano político e ideológico, contra essas dificuldades, e não de recuar conformadamente diante delas. Cabe advertir ainda que a fiel observância do centralismo democrático, princípio diretor da nossa vida partidária, exige de todos os militantes, e, em primeiro lu-

gar, dos quadros dirigentes, o máximo empenho na aplicação das resoluções.

Camaradas: Fato político central do ano em curso, na campanha da sucessão presidencial devemos concentrar decididamente os nossos esforços. Toda a nossa atividade deve ter em vista a necessidade de fortalecer a frente única nacionalista e democrática e tornar vitoriosa a sua causa na sucessão presidencial, a fim de que permaneça aberto o caminho para a constituição de um governo nacionalista e democrático. É nosso dever não poupar energias para incrementar o alistamento eleitoral e multiplicar os comitês eleitorais pro-candidatura Lott, atuando de modo unitário em suas fileiras e levando a sua influência a todas as camadas da população. Toda a dedicação, entusiasmo e capacidade de luta de que o nosso Partido é capaz devem ser demonstrados na tarefa de unir as forças antiliberais e democráticas para consagrar nas urnas a candidatura do marechal Teixeira Lott.

Cumpra que reforcemos as nossas ligações com as massas e que saibamos ser, em cada caso, os melhores intérpretes de suas reivindicações. A campanha eleitoral abre, precisamente, maiores perspectivas às lutas reivindicatórias, uma vez que atrai para a vida política mesmo as camadas mais atrasadas. Nas empresas; no movimento sindical, entre os camponeses, no movimento estudantil, nas organizações populares, devemos ser incansáveis lutadores pelos direitos e interesses das massas. É particularmente necessário mobilizar as massas para pressionar o Congresso Nacional no sentido da rápida aprovação das leis que assegurem novas conquistas para os trabalhadores ou que apresentem exigências da luta pela emancipação econômica do país.

Em estreita ligação com as mas-

sas, conseguiremos, os comunistas e os democratas em geral, responder, por meio de protestos eficazes, às violações da legalidade constitucional e às tentativas golpistas, partem de grupos do Governo ou da Oposição. São amplíssimos os setores que se podem aliar para a defesa das liberdades democráticas, condição indispensável ao desenvolvimento independente do movimento de massas.

Os trabalhadores, em particular, sabem, por experiência própria, que a supressão das liberdades democráticas atinge-os de modo direto. O movimento sindical, que se fortaleceu notavelmente nos últimos anos, constituiu motivo de séria preocupação para a reação. Esta continuará tentando dominá-lo e impedir que nele se desenvolva o espírito revolucionário de independência de classe. Com este fim, tem utilizado a repressão das greves, as intervenções arbitrárias do Ministério do Trabalho, o suborno e as provocações anticomunistas, visando a dividir os trabalhadores e isolar sua vanguarda combativa. A defesa do movimento sindical, de sua independência, de sua unidade, se associa, portanto, diretamente, à salvaguarda vigilante e enérgica das liberdades democráticas.

Já nos referimos, em documentos anteriores, à necessidade da luta pela legalidade do nosso Partido. Nesse particular, tem sido deficiente a nossa atividade. Trata-se de uma necessidade que se apresenta hoje mais amadurecida no quadro político geral do país. A situação em que se encontra o nosso Partido constitui anomalia da vida democrática brasileira, que precisa e pode ser sanada, no interesse geral de todos os democratas. Somos, incontestavelmente, uma das correntes principais entre os trabalhadores e representamos uma força importante no cenário político. Negar a esta força o direito de existência le-

gal é mutilar gravemente o regime democrático.

A cassação do registro do nosso Partido foi um dos resultados da ofensiva reacionária de 1947, refletindo o início, no plano internacional, da «guerra-fria». A situação é, hoje, nacional e internacionalmente, como já vimos, muito diversa. Existem condições as mais favoráveis para fazer cessar a vigência de medidas antidemocráticas, num momento em que a reação se encontra em processo de crescente debilitamento e a «guerra-fria» vai cedendo ao imperativo da coexistência pacífica. Os partidos comunistas já conquistaram o direito à existência legal na grande maioria dos países da América Latina. Estamos certos de que o Brasil não tardará em se incluir entre esses países. Trata-se de um interesse não somente nosso, dos comunistas, mas de todos os verdadeiros democratas. Apoiados no assenso das lutas de massas, de cujos direitos somos incansáveis defensores, devemos empenhar-nos em conquistar para o nosso Partido a condição de plena vida legal, que é exigida pelos interesses vitais da classe operária.

É necessário que a aplicação da linha política do nosso Partido, exposta na Declaração de Março de 1958 e em documentos posteriores, seja preocupação constante de todas as organizações e militantes. Ainda é muito insuficiente o nosso esforço para estudar e assimilar a linha política. Cabe-nos intensificar este esforço, vinculando-o sempre à atuação prática diária e combatendo as tendências de esquerda e de direita que dificultam a orientação correta da luta pela emancipação nacional e pela democracia. Nas condições favoráveis em que atuamos, a aplicação justa da linha política traçada na Declaração resultará em novas vitórias e no aumento das forças do Partido.

Rio, Março de 1960.

Paulista: Continua Greve Dos Ferroviários

SÃO PAULO, 16 (Da Sucursal) — Não concordando com as decisões do Tribunal Regional do Trabalho, na sentença que julgou o litígio entre a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e seus empregados, decidiram estes, após assembleias realizadas nas diversas cidades ao longo da linha, prosseguir na greve que paralisa um dos maiores troncos do sistema ferroviário do Estado de São Paulo.

O movimento iniciado pelos trabalhadores da CP visa a conquista de um aumento salarial, a elevação do salário-família e abono de Natal e só foi iniciado após o fracasso das negociações com a diretoria da empresa. A sentença proferida pelo TRT, apesar de conceder um aumento que foi aceito em princípio pelos trabalhadores, apresenta cláusulas que poderão dar margem a atos da Estrada contra os que participaram da greve, com os quais eles não concordaram, decidindo a continuação da greve.

Violências

A nova situação fez recrudescer o clima de perseguição e de violências policiais que se registravam desde o início da greve. O governador Carvalho Pinto que já havia manifestado suas simpatias pela causa patronal quando advogou o aumento de tarifas da Estrada para socorrer às despesas com o pagamento de salários maiores aos ferroviários, determinou que a polícia agisse com rigor contra os grevistas, provocando um ambiente de revolta entre os trabalhadores. Logo após o início do movimento e antes mesmo, as estações ao longo da estrada foram invadidas pelas milícias da Força Pública que, em numerosas ocasiões, investiram contra os piquetes. Em Itapirina e outras cidades, quando os ferroviários paralisavam os trens, foram atacados pelos soldados que investiram sobre eles lançando bombas de gás lacrimogêneo, espancando e prendendo trabalhadores. Os ferroviários, contando com a solidariedade da população, realizaram comícios para protestar contra as violências; passeatas e outras manifestações, de repúdio às atitudes da polícia foram realizadas em numerosas cidades.

Invasão do sindicato

Em Rincão, na manhã do dia 14, soldados invadiram a sede do Sindicato dos Ferroviários da Paulista, detendo três trabalhadores e levando-os à estação, onde, sob a mira dos fuzis, foram forçados a «furar a greve».

Arbitrariamente a polícia impediu à certa altura que o presidente do sindicato que representa os grevistas, deputado federal Hari Norman, se dirigisse aos piquetes a fim de lutar aos



Daqui não saio

ferroviários. Em várias localidades, os piquetes paralisavam os trens, levando à frente a bandeira brasileira. Quando as violências tiveram lugar em Itapirina, a bandeira foi apreendida e rasgada pela polícia.

Além disso, o diretor da Paulista fez declarações à imprensa, objetivando ameaçar os trabalhadores em greve, aduzindo que, baseado no decreto 9.070, poderão ser demitidos os grevistas, mesmo que tenham mais de 10 anos de serviços prestados à Cia. Os ferroviários da Cia. Paulista reivindicaram 20% de aumento, a elevação do salário-família e abono de Natal, na base de 100 horas de trabalho, além de outras.

Na Santos-Jundiaí

A luta dos trabalhadores da Paulista foi antecedida de horas pela eclosão da greve na Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. O movimento dos trabalhadores da estrada paulista da RFF foi de curta duração. Após 40 horas de paralisação total da ferrovia, o ministro da Viação apresentou uma proposta que foi aceita pelos trabalhadores, firmando-se depois um acordo cujos itens principais são os seguintes:

- a) — os ferroviários que tiverem sa-

lários até Cr\$ 11.000,00 terão um aumento de Cr\$ 2.500,00; b) aqueles cujos salários se situam entre Cr\$ 11.000,00 e Cr\$ 14.500,00 perceberão um aumento de Cr\$ 2.000,00; c) os que recebem mais de

Cr\$ 14.000,00 passarão a ganhar mais Cr\$ 1.500,00. Além disso, dentro de 90 dias, o pessoal daquela ferrovia deverá contar com o quadro de carreira, que é uma das duas principais reivindicações.

Bancários brasileiros preparam sua I Convenção Nacional

Tudo indica que será coroada de êxito a iniciativa da CONTEC, convidando os bancários de todos os países americanos para um encontro fraternal no Rio de Janeiro. Entidades sindicais do Paraguai e da Venezuela já comunicaram a sua adesão ao encontro marcado para 28 do corrente. Os 130 mil bancários brasileiros, por outro lado, discutem em todo o país os meios de tornar vitoriosa a campanha pela conquista do contrato coletivo de trabalho. A CONTEC (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito), seis federações e 120 sindicatos e associações profissionais de bancários lideram o movimento. A Convenção Nacional dos Bancários, que se realizará nesta Capital da

24 a 28 do corrente, marcará a etapa decisiva na marcha para a conquista dessa velha reivindicação. O Contrato Coletivo de Trabalho, consubstancia as principais reivindicações dos bancários: reajustamento salarial por semestre, extinção do expediente aos sábados, aumento salarial de 7% por ano de serviço, adicional mínimo de 15% para os cargos em comissão, e estabilidade aos dois anos de serviço.

Para apreciar essas questões, além dos outros pontos do temário da sua I Convenção Nacional, os bancários cariocas reunir-se-ão no próximo dia 22, em assembleia-geral, na sede do seu Sindicato, onde conhecerão o relatório da Diretoria, e escolherão os seus delegados à I Convenção.

A Síria (sob Nasser) deixou de ser uma espinha na garganta do imperialismo

Em janeiro último, o Partido Comunista Sírio distribuiu clandestinamente, em toda a Síria, um Manifesto que foi recebido com entusiasmo pelo povo e alcançou grande repercussão. Transcrevemos abaixo os principais trechos desse documento.

«Nosso querido país, que era uma espinha na garganta do imperialismo, um oásis de liberdade e de democracia, um país próspero, no domínio industrial, comercial e agrícola, gozando de estabilidade, um refúgio para os árabes livres que aqui aportavam de todas as partes, vive hoje os dias mais sombrios de sua crise, numa situação das mais desastrosas, onde a dignidade é achincalhada e a liberdade sufocada.

As massas operárias e todos os trabalhadores sofrem com o desemprego, a redução dos salários, do nível de vida e de parte de seus direitos. Os industriais são prejudicados pelo fato de que seus produtos se acumulam nos armazéns em virtude da perda de seus mercados naturais. Os comerciantes se queixam da estagnação, os agricultores da falta de sementes, de empréstimos e de assistência. Os camponeses sofrem igualmente e, sobretudo, em virtude do reforçamento do jugo exercido pelos senhores feudais e da penúria, que começou a surgir em várias regiões do país. Os intelectuais sofrem em face dos atentados ao pensamento e à cultura».

Ausência de liberdade

«Não há liberdade de manifestação do pensamento. A greve é considerada ilegal. Todos os partidos foram dissolvidos. São os agentes da ditadura gozando de liberdade. As prisões da Síria estão cheias de detidos de várias tendências. Numerosas vítimas inocentes — comunistas e não comunistas — morrem em consequência de torturas selvagens. Cidadãos de várias tendências foram dispensados de seus empregos e mais de 300 patriotas sírios perderam a nacionalidade.

O corajoso exército sírio, com seus oficiais e soldados patriotas, que garantia a defesa do país e que sempre se manteve firme e corajoso diante de todas as conspirações dos imperialistas e das conjuras de seus agentes lúrcos e sionistas, não foi poupado pela campanha de perseguições e terror. A maior parte de seus oficiais patriotas foram perseguidos, alguns foram presos e torturados, ou-

ros foram transferidos ou afastados para o Egito, em consequência do que, hoje 80% dos oficiais do exército sírio são egípcios. Estes têm o hábito de raptar e violentar adolescentes; só em Damasco, sem contar outras cidades, o número de suas vítimas chegou a 11 maciças de 10 a 11 anos».

Acôrdio com o imperialismo

«Chegou-se a um acôrdio com o imperialismo inglês: as empresas inglesas requisitadas, como a Shell, foram devolvidas a seus proprietários imperialistas. Cessaram as campanhas pelo rádio contra o imperialismo. E, o que é extremamente grave, a política dos governantes egípcios da RAU é a da porta aberta, sobretudo na Síria, para o imperialismo americano, o que se manifesta claramente na invasão econômica e cultural do país. Em 1959 a RAU contraiu um empréstimo com os Estados Unidos de cerca de 300 milhões de dólares, em condições econômicas lesionais, como juros de 6%; em condições políticas vergonhosas, como os golpes vibrados contra o movimento de libertação árabe, as frentes nacionais, as perseguições contra os comunistas e todos os patriotas e as conspirações contra o Iraque. Embora já se tivesse livrado de todas as companhias imperialistas e de seus capitais, e não tivesse admitido, em momento algum, o Plano IV americano e nem os empréstimos do Banco Internacional, a Síria assiste hoje à penetração de empresas de capitais americanos, sob o proteção e o patrocínio dos governantes do Cairo.

Tudo isso é acompanhado de uma política de restrições com relação ao mundo socialista. De vez em quando a imprensa da RAU e suas estações de rádio empreendem campanhas de calúnias contra os amigos fiéis dos árabes, a União Soviética, a China e outros países do campo socialista, que nos apoiaram moral e materialmente durante nossas horas críticas e que nos concederam ajuda econômica e militar em condições políticas e a juros ínfimos que não ultrapassam de 2,5%, que ajudam os árabes em cada país e que apoiam a revolução da Argélia e de Oman, assim como todos os movimentos árabes de libertação».

Política árabe

A política árabe da RAU segue o caminho dos imperialistas. Alia-se

aos agentes do imperialismo, a Hussein, herdeiro da traição, com a reação árabe representada por Séud, participa de conspirações contra o Iraque republicano e seus chefes. Os senhores do Cairo não se detêm nas conjuras e calúnias contra o Iraque e seu povo. Até hoje quatro conspirações abortaram, tendo sido preparadas pelo ditador do Egito contra a república irmã do Iraque. Alguns políticos ainda têm a ousadia de afirmar que continuarão a conspirar contra o Iraque... Acrescente-se a isso a tentativa de acabar com a revolução da Ar-

lítica árabe e nas questões da unidade árabe».

O perigo maior

«O perigo maior e principal é o imperialismo americano. O imperialismo não para de tecer intrigas contra nosso país e contra o conjunto do movimento árabe de libertação. Conspira contra a revolução argelina e a de Oman; apoia Israel, sua criatura, por meio de empréstimos e de armas, e ali instala oleodutos para poder golpear o trânsito pelo canal. Infiltra-se em nosso país com seus capitais para ma-

nio do país. O ressurgimento da agricultura, o fomento à criação, o fornecimento de sementes e o abastecimento das regiões pobres constituem um grande objetivo imediato. O desenvolvimento da indústria e o fomento do comércio exigem a garantia de mercados árabes e estrangeiros, o fim da concorrência egípcia e da predominância do Banco Misr.

A afirmação astuciosa de Nasser no sentido de que um regime comunista sucederá a sua ditadura tem por fim dividir as fileiras nacionais e nela semear a desconfiança e a dúvida. A construção do socialismo e do comunismo não se realiza pela vontade de um indivíduo ou de um partido, e sim em determinadas condições econômicas e sociais, que no momento não existem na Síria. Os comunistas desejam atualmente um regime democrático parlamentar, em que todas as classes nacionais colaborem para impulsionar a indústria, acabar com os últimos vestígios do feudalismo e elevar o nível de vida do povo.

O Partido Comunista vem chamando a atenção para todos esses perigos; pela voz de Khaled Bagdache, seu secretário-geral, há mais de um ano divulgou um programa de salvação da Síria, de 13 pontos. O Partido denunciou o perigo das conspirações

imperialistas, e desmascarou o imperialismo americano, que procura dissimular-se. Tem exigido que as bases da União sejam mais sólidas, para constituir um pólo de atração aos demais. Defende a indústria nascente. Reivindica o estabelecimento da democracia e que as realizações da Síria sejam salvaguardadas; exige que se estabeleçam relações de solidariedade e de fraternidade com os países árabes, em particular com a república irmã, o Iraque; exige que se institua vínculos de amizade e colaboração com o campo socialista, e, em primeiro lugar, com a União Soviética.

A Síria pode ser salva. É necessário, para isso, unir os esforços de todos os sírios fiéis. Faz-se mister a colaboração de todos com a finalidade de reaver as falsas bases em que se constituiu a União, de conquistar uma via parlamentar e democrática, de restaurar as liberdades, de anular todas as medidas e leis arbitrárias, de libertar os presos políticos, de restituir a nacionalidade aos patriotas que dela foram privados, de fomentar a economia industrial, agrícola e comercial e de protegê-la, de elevar o nível de vida do povo, de restaurar as antigas conquistas sociais, — o único meio que permitirá salvar a Síria da situação desastrosa em que se debate».



KALED BAGDACH

gela e as restrições ao seu governo; a cessação de todo apoio aos revoltosos de Oman e aos movimentos árabes de libertação no gólo árabe e no sul da península arábica. O movimento árabe de libertação, que comoveu o mundo e obteve apoio em toda a parte, exige hoje a união de todos os esforços para sustentá-lo, e para solidificar-se com ele a fim de garantir sua vitória.

Em conjunto, essa situação representa para o nosso país um desastre econômico, social e político. Através da Síria por vários anos; destruiu um grande número de realizações do período da independência, as quais eram motivo de orgulho nacional. Repercutiu, igualmente, sobre o conjunto do movimento árabe de libertação. Tudo isso é consequência das bases falsas sobre as quais se constituiu a união entre a Síria e o Egito, do método de governar de Nasser, firmado na ditadura, no terror selvagem e no estrangulamento da democracia, a serviço do Banco Misr, da colaboração com o imperialismo e da reação. É grande a responsabilidade do Partido Bass pelo fato de que a Síria tenha chegado a tal situação, por haver acompanhado Abdel Nasser e ter aplicado sua política sem levar em conta as condições próprias da Síria e a situação objetiva, econômica e política, por ter seguido o caminho da aventura na po-

litar nossa indústria e nossa economia e nos arrastar a seu reboque. Não é verdade a afirmação de Abdel Nasser de que a batalha com o imperialismo terminou. Essa asserção visa a enganar os povos árabes e golpeia pelas costas os que derramam seu sangue na Argélia e em Oman. A luta contra o imperialismo prossegue; refaz-se cada vez mais porque o imperialismo modifica seus métodos e os adapta e, para chegar a seus objetivos, emprega novos agentes, que gozem de certo crédito nacional. A resistência oposta pela Síria e pelos árabes em toda a parte em que se encontram, assim como sua luta, representam grande papel para o fracasso das conspirações imperialistas e o progresso do movimento árabe de libertação, garantindo sua indiscutível vitória.

Todos os horizontes se abrem atualmente diante do movimento de libertação árabe, assegurando-lhe vitória completa. A política dos imperialistas, a política da guerra-fria, dos blocos militares e dos pactos de agressão emprega hoje a vontade de todos os povos, seu desejo de paz e de coexistência pacífica, assim como de independência».

Economia em bancarota

A economia do país está em bancarota. A crise agrícola é, hoje, o entrave principal no conjunto da econo-

Teoria e Prática

Reforma Agrária

Resposta ao leitor José Nora Ferreira Ribeiro (Tupã - São Paulo)

Pergunta o leitor: Quais as medidas de reforma agrária aconselháveis para o Brasil, além da tomada da terra e sua distribuição em pequenos lotes aos trabalhadores rurais?

A reforma agrária é uma reivindicação de caráter democrático e progressista que, eliminando as relações de produção semifeudais existentes no campo, representa um importante passo para o progresso da economia nacional.

Atingindo em cheio os interesses e o poder dos latifundiários, a reforma agrária terá de ser obra, fundamentalmente, dos próprios trabalhadores do campo, através de suas lutas, de sua unidade e sua organização. As formas, os métodos e o grau de radicalização das lutas camponesas não podem ser impostos de fora, mas terão de resultar da própria experiência das massas do campo. Como vanguarda do proletariado, os comunistas devem empenhar-se, acima de tudo, em mobilizar, organizar e orientar as massas camponesas, aprendendo com elas, assimilando a sua experiência e, sobre esta base, em cada local e a cada momento, indicando os caminhos a seguir.

Simultaneamente com as lutas que sejam desencadeadas pelas massas camponesas, numerosas medidas de caráter legislativo e executivo, no âmbito dos poderes federal, estaduais e municipais, podem ser aplicadas para encaixinar a reforma agrária num sentido progressista, em benefício das massas do campo. Entre estas medidas podem ser indicadas as seguintes:

- a) Desapropriação total ou parcial de grandes propriedades com baixo nível de aproveitamento, tornando obrigatória esta medida no caso da proximidade de obras públicas como açudes, estradas e outras. Criação de fundos para justa indenização de desapropriações. Lotçamento das terras desapropriadas exclusivamente entre pequenos agricultores sem terra ou com pouca terra, mediante pagamentos módicos e a longo prazo.
- b) Forte aumento da carga tributária sobre as grandes propriedades.
- c) Utilização das terras do Estado, sobretudo na proximidade dos mercados consumidores e das vias de comunicação, para formar núcleos de pequena propriedade. Entrega dos títulos de propriedade para os posseiros. Defesa rigorosa dos direitos dos camponeses contra a grilagem.
- d) Regulamentação legal dos contratos de arrendamento e parceria, visando os seguintes fins: baixar as taxas de arrendamento e parceria, com o estabelecimento de limites máximos; facilitar o prolongamento dos prazos contratuais em benefício de arrendatários e parceiros; garantir a indenização por benfeitorias; impedir os despejos arbitrários.
- e) Elaboração de legislação trabalhista adequada às condições do campo, garantindo direitos já estabelecidos para os trabalhadores rurais, mas frequentemente não aplicados, como salário mínimo, férias remuneradas, aviso prévio, indenização por despedida, jornada de 8 horas, pagamento de horas extraordinárias etc., e estendendo-lhes outros direitos já conquistados pelos trabalhadores das cidades. Proibir a prática de cortes arbitrários nos salários.
- f) Orientar a política de crédito do Banco do Brasil no sentido de ampla ajuda financeira aos pequenos cultivadores, modificando as normas que impedem a prestação dessa ajuda e fazem do crédito oficial monopólio dos grandes fazendeiros.
- g) Incentivo à mecanização da agricultura e, em geral, à elevação de seu nível técnico, concedendo crédito, cambio favorecido para importações, etc. Facilitar aos pequenos lavradores a aquisição de instrumentos e outros meios de produção, que se adaptem às dimensões do seu cultivo e elevem sua produtividade (arados, animais de tração, adubos e inseticidas, etc.). Realização de um programa de investimentos básicos para fomento da agricultura, sobretudo a construção de silos, melhoria e aumento da rede de transportes. Construção de fabricas nacionais de máquinas agrícolas, aproveitando-se para isso fim a Fábrica Nacional de Motores.
- h) Estimular a cooperativismo, concedendo facilidades de financiamento, assistência técnica e outras formas de ajuda.

Estas medidas são indicadas por Luiz Carlos Prestes em seu trabalho «A Situação Política e a Luta por um Governo Nacionalista e Democrático», cuja leitura recomendamos ao leitor.

História da URSS

Já saiu em português

Sob o patrocínio da Academia de Ciências da URSS. 1 volume, 830 páginas, em brochura.

CR\$ 650,00

Temos em nosso Departamento de «Atualidades Soviéticas», edições recentes sobre filosofia, economia, história, medicina, educação, ciência e técnica, agrobiologia, línguas, novelas e clássicos da literatura.

Livraria das Bandeiras Ltda.

Rua Riachuelo, 342 — Loja 2
Fone: 36-4871 — São Paulo.
Atendemos pelo Reembolso Postal.

História do Movimento Operário

O Congresso seguinte da II Internacional realizou-se em Londres, no verão de 1896. Com ele culminou a longa luta que se vinha travando contra os anarquistas. Estes, juntamente com o grupo dos antiparlamentaristas, viram-se proibidos de participar do congresso, e, assim, foram postos à margem de então em diante, do movimento socialista organizado em escala internacional.

O Congresso de Londres destacou-se pela inclusão, em sua ordem-do-dia, de problemas fundamentais como a questão agrária e a questão nacional-colonial.

Em sua resolução mais importante o Congresso manifestava novamente a posição da II Internacional sobre a atividade política da classe operária, definindo-a como luta, organizada sob todas as formas pelo proletariado, com o fim de conquistar para si o poder político e utilizar as instituições legais e administrativas com vistas à própria libertação. O Congresso declarava que a conquista do poder político é o meio decisivo para a conquista pelo proletariado da sua completa libertação.

Na mesma resolução definiu-se, acertadamente, o princípio fundamental dos socialistas ante a questão nacional-colonial: ao estabelecer-se que todas as nações têm direito à autodeterminação e que toda política colonial, seja qual for o pretexto com que se realize, não é mais que expansão da exploração capitalista no interesse da classe burguesa.

Quanto à questão agrária, o Congresso considerou que eram tão diversas as condições econômicas dos diferentes países que se tornava impossível chegar a uma fórmula geral válida para a atuação de todos os partidos. Cada um destes deveria traçar sua própria tática e eleger os métodos de ação

Marchas e contra-marchas da II Internacional

que considerasse adequado nesse terreno.

De fato, esta não foi a primeira vez que a questão agrária figurou na ordem-do-dia dos congressos da II Internacional. Foi a última, o que revela o menosprezo, de conteúdo evidente oportunista, dos partidos socialistas mais importantes da época por esse problema fundamental.

Será útil também ao leitor saber — para que melhor acompanhe a complexa revolução interna do jogo de tendências dentro das fileiras da II Internacional — que o Congresso de Londres se, de um lado, não admitiu, como vimos, a participação dos anarquistas (pequeno-burgueses extremistas de esquerda), de outro aceitou como delegados a representantes do grupo dos «socialistas independentes» franceses (ver o Cap. XLII, em NOVOS RUMOS, n.º 42), socialistas pequeno-burgueses de direita que à época não falavam em nome de nenhum partido nem de qualquer sindicato.

Quatro anos após o Congresso de Londres, em fins de setembro de 1900, reuniu-se o Congresso de Paris da II Internacional, com a presença de 791 delegados.

Naquele fim de século, os principais países capitalistas completavam a sua passagem à etapa imperialista, e, garras-de-fora, atiravam-se às primeiras guerras imperialistas, a sanguinolenta conquista das colônias pela força das armas. Coube a Rosa Luxemburgo abrir o debate, no Congresso, sobre a luta contra o militarismo e contra a política colonial de rapina das grandes potências. Nas resoluções tomadas à base do

relatório de Rosa, os operários de todos os países eram chamados a ações energias e a luta em comum contra o militarismo. Ao mesmo tempo, o Congresso apelava para a ação política contra as aventuras coloniais, para a criação de partidos socialistas nas colônias e a unificação necessária de sua atividade. Essas resoluções do Congresso de Paris assinalavam, sem dúvida, um passo adiante na elaboração da tática do proletariado internacional na luta contra a guerra imperialista.

Entretanto, o problema mais seriamente discutido em Paris foi o da conquista do poder político pelo proletariado. O debate se travou em torno do tema geral da aliança ou não dos socialistas com os partidos burgueses, mas de fato o que se discutia era o «caso Millerand». Este socialista independente francês, com efeito, aceitara por conta própria participar do ministério burguês de seu país.

A comissão eleita pelo Congresso para estudar a assunto, apresentou ao plenário dois projetos de resolução: o da maioria da comissão, de Kautsky, e o de sua minoria redigido por Guesde e Ferri.

O projeto de Kautsky, apesar de chamar a atenção dos socialistas para a necessidade da observância da disciplina partidária e de mostrar que só seria admissível a participação dos socialistas num governo burguês com a aprovação do partido, era inteiramente omissivo quanto às circunstâncias em que tal participação era possível ou necessária e sobre as condi-

ções em que poderia ser aceita. Depois de vários rodeios, em que de um lado se afirmava que a participação dos socialistas não se podia encerrar — como o início normal da conquista do poder político — e, de outro, se dizia que, entretanto, essa participação era possível — como medida temporária e excepcional na luta em circunstâncias difíceis (12) —, o projeto de Kautsky terminava sem condenar a presença inadmível de Millerand no governo reacionário da França e constituía, assim, na verdade, um ponto de apoio para os oportunistas de direita — justificarem — a Millerand e ao ministerialismo em geral.

Ja o projeto de Guesde condenava energicamente a participação dos socialistas no governo burguês. «Essa concepção da conquista do poder político — a expropriação política, pacífica ou violenta, da classe dos capitalistas — permite unicamente ao partido ocupar os postos eletivos de que disponha por meio do emprego das suas forças, isto é, das forças dos operários organizados em partido de classe e, necessariamente, proíbe, qualquer participação dos socialistas num governo burguês, com respeito ao qual devem-se achar em oposição permanente». Ao falar em plenário, Guesde declarou, enfaticamente, que a conquista do poder pela classe operária só é possível através do estabelecimento da ditadura do proletariado.

Afinal, depois de acalorado debate, os oportunistas deram a vitória a resolução de Kautsky, que, com muita propriedade, ficou conhecida como resolução «de barrachas». Assim a batizou a revista marxista «Zaria» («Aurora») editada de 1901 a 1902, em Stuttgart, pela redação da «Iskra» de Lenin. Este classificaria mais tarde a resolução de Kautsky de «bastarda, evasiva, conciliadora em relação aos oportunistas».

Hoje Tem Espetáculo



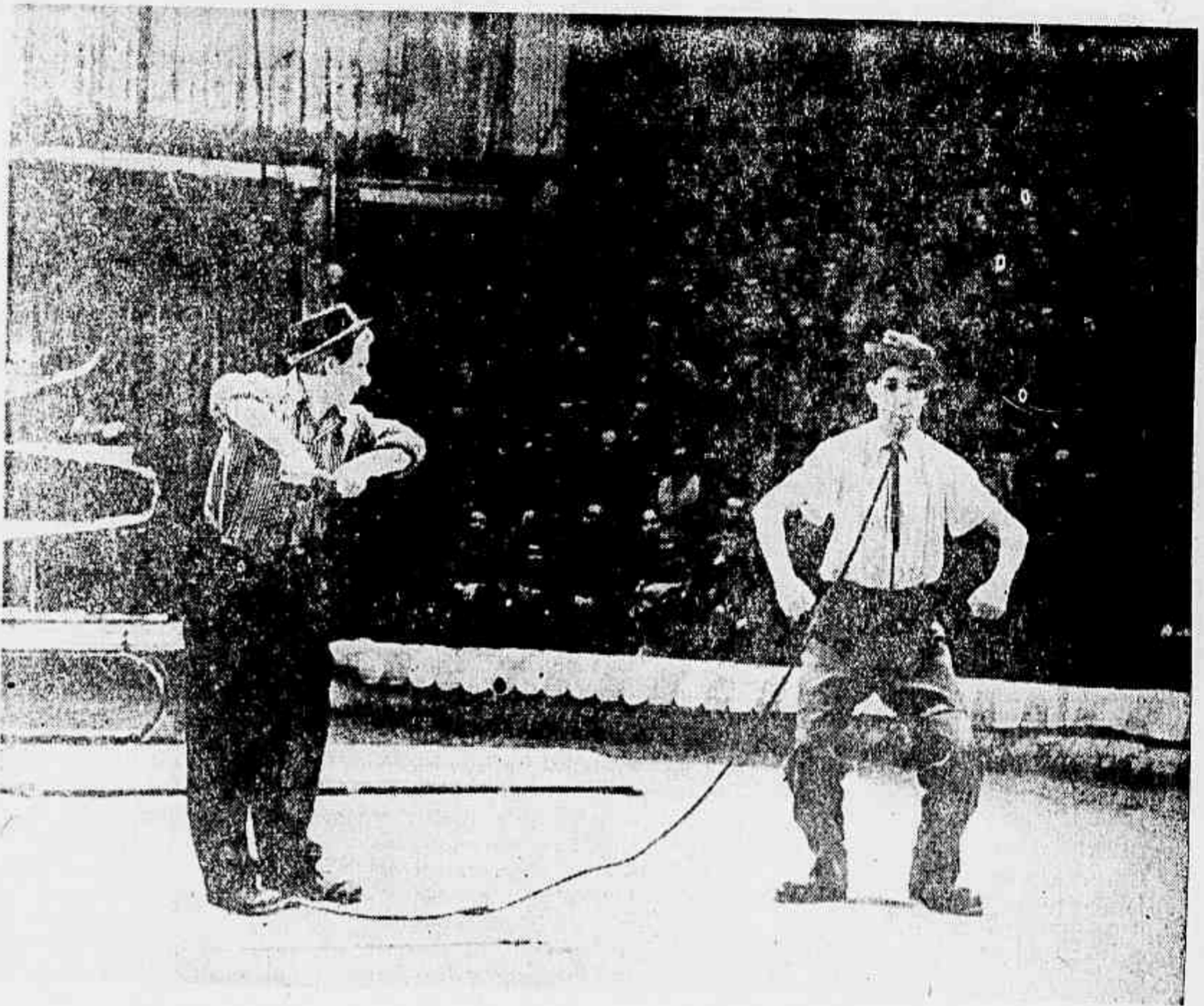
Na hora em que Jorgito — depois de «plantar bananeira», fazer ginástica na barra, andar de palhinha, pular canica e outras estrapalhas — montou na motocicleta e fez algumas evoluções, o Maracanzinho quase veio abaixo. Jorgito é o artista mais completo da companhia. Tem cinco anos. É um urso.

A função de estréia começou atrasada. Mas se não fosse assim, o de Moscou não seria um circo de respeito. A plateia, conforme reza a tradição, assobiava, batia os pés, gritava «vá na hora». De repente, todas as luzes se apagaram e do teto do estádio veio descendo um «sputnik» cravejado de lâmpadas vermelhas. Quem, mal-avisado, passasse nesse instante pelas cercanias do Maracanã, pensaria que o Flamengo estava jogando e havia marcado um gol, tal a tempestade de aplausos. E as aclamações saudavam mais que a simples beleza plástica da alegoria — homenageavam o feito que ela encerrava.

A função começou.

Cães jogam futebol com a «garras» de quem está decidindo um campeonato. Acrobatas, ginastas, malabaristas. Um halterofilista, entre outras proezas, joga para cima uma bola de metal pesando não sei quantos quilos e a apara no pescoco. Palhaços, três. De mimica excelente, abalam qualquer sisudez.

Tem muitas outras coisas. Mas não vou contar, senão perde a graça. Quem quiser e puder perder o amor a Cr\$ 120,00, deve ir ao circo. Sairá satisfeito.

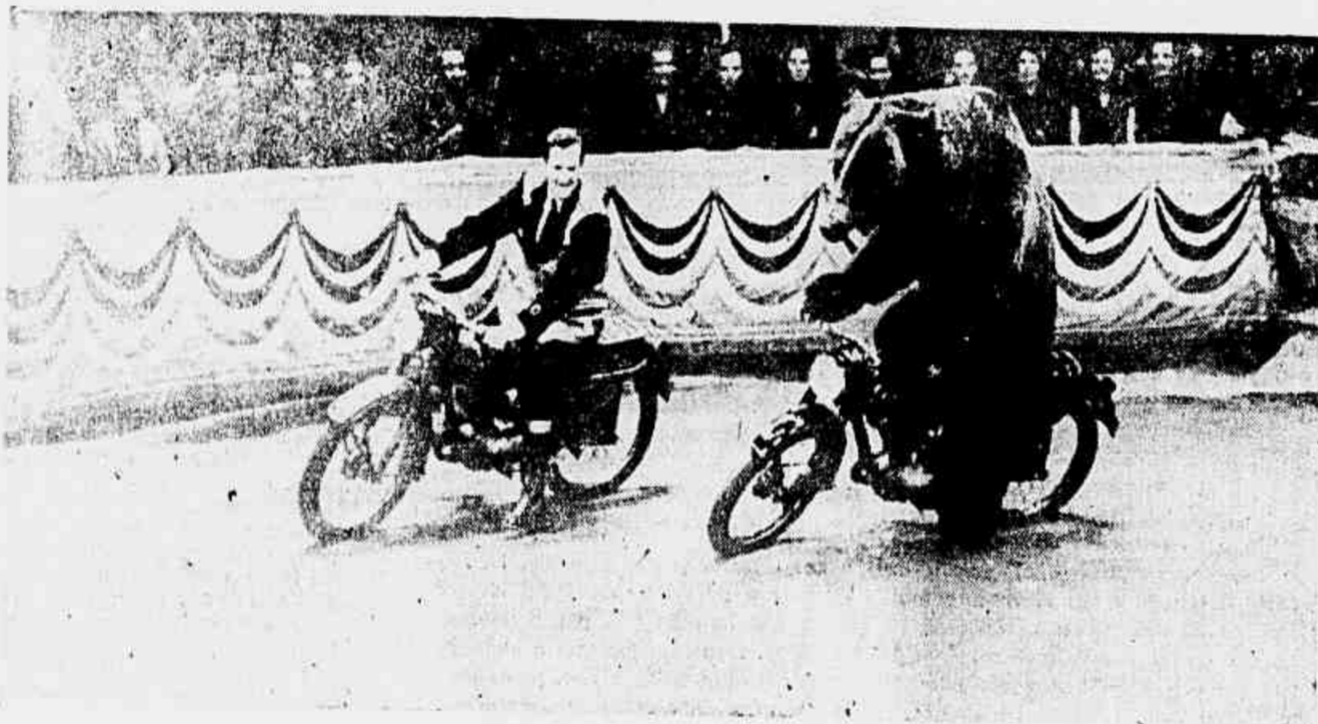


E o palhaço o que é?...

Será sempre «ladrão de mulher», quer fale português, russo, inglês ou japonês. O que, de resto, pouco importa, pois a mimica é, nos «clowns», linguagem das mais expressivas. E nisso são mestres Iouri Nikuline e Mikhail Choudine que, com o célebre Karandash (que fala um pouco português), conseguem arrancar gostosas gargalhadas dos cariocas no Maracanzinho. O flagrante mostra os dois, durante a execução de um dos números que mais agradaram.

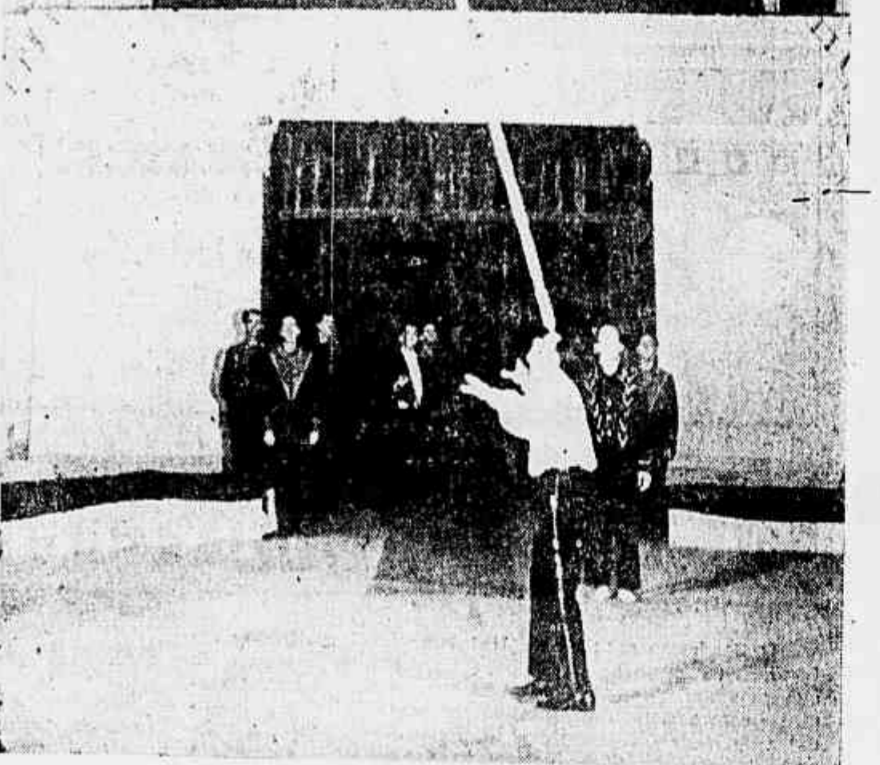
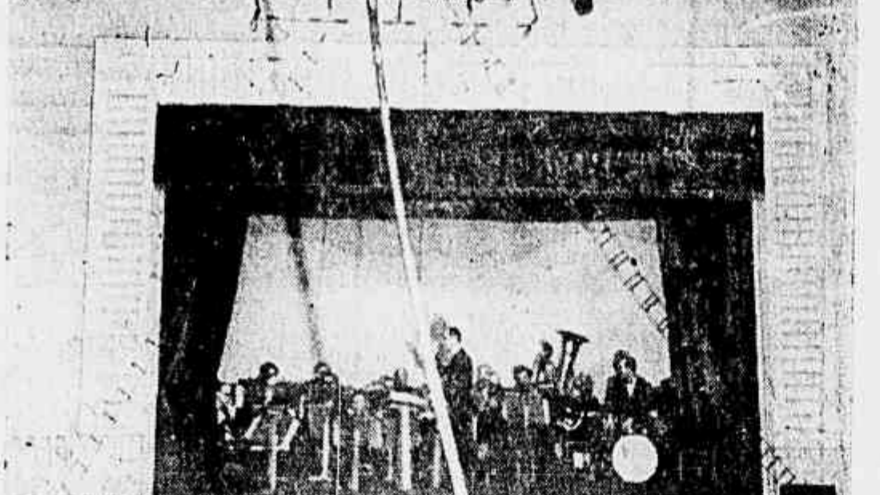
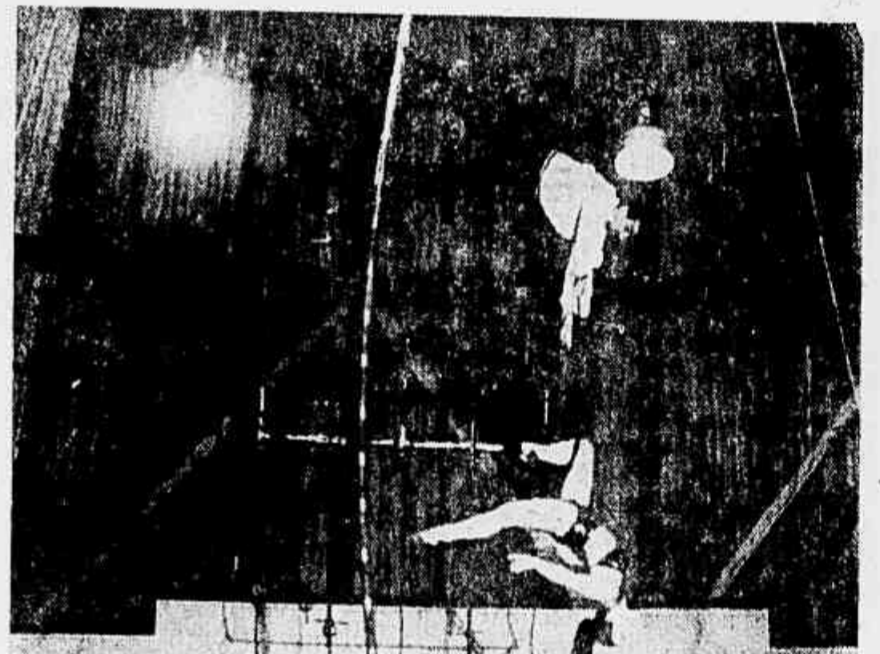
Circo do ano 2000

O teto do Maracanzinho era o espaço sideral; dele veio descendo, lâmpadas vermelhas a ilumina-lo, o «sputnik» do circo de Moscou. Tripulado por dois excelentes acrobatas, fez evoluções sobre a plateia emocionada que aplaudiu entusiasmadamente. Os moscovitas parecem que se estão preparando para levar o circo à Lua, aos outros planetas, criando o espetáculo do ano 2000: o circo interplanetário, com trapezistas que saltam de Marte a Vênus; homens que equilibram as estrélas na ponta de enormes varas e... ursos que pilotam aeronaves. A antevisão, o público carioca já teve.



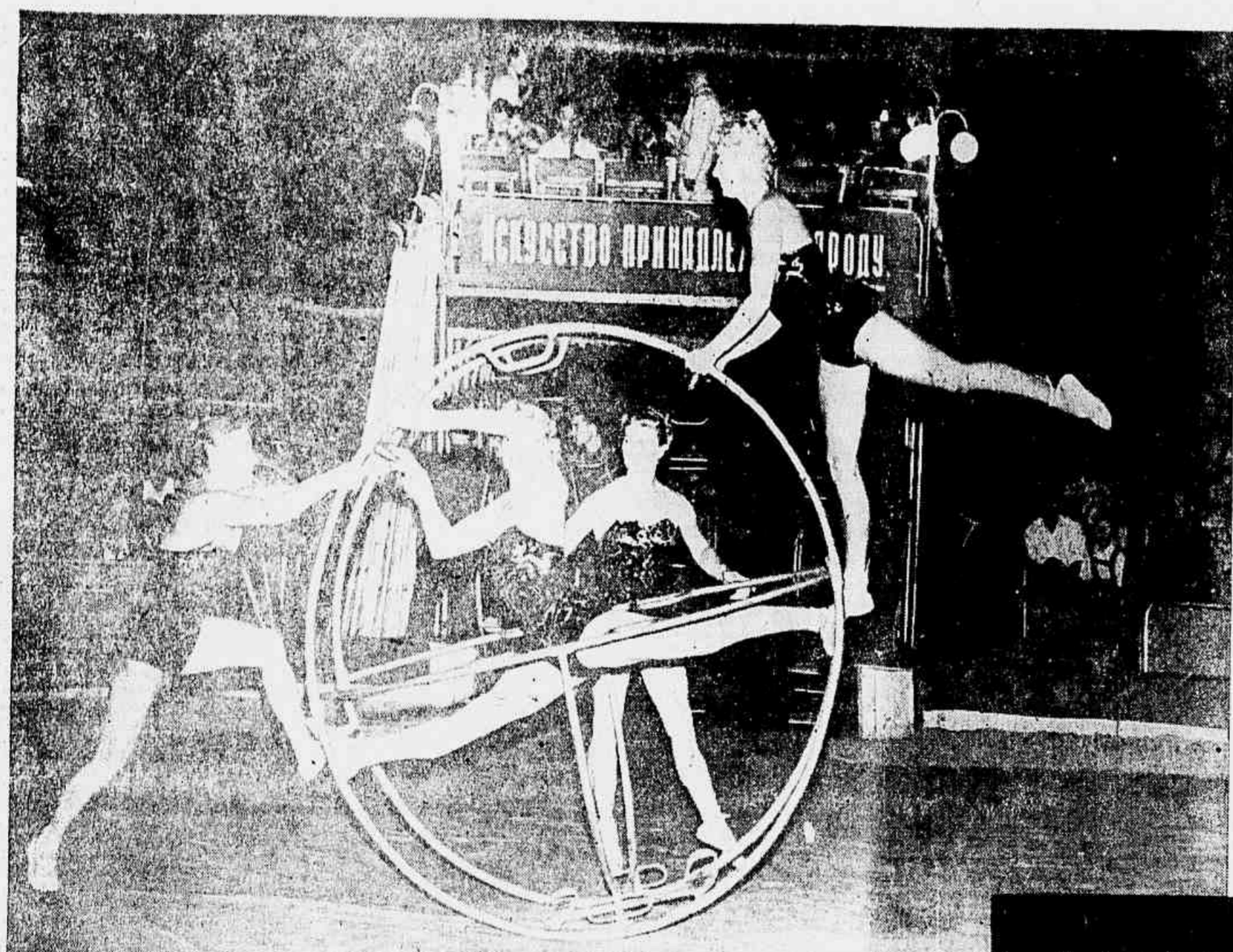
Só falta falar...

Jorgito é um «show» completo. Anda de patins, é motociclista, faz malabarismos, é remador, é equilibrista, toca bandolim. O espaço de uma legenda é pouco para enumerar todas as suas habilidades. Siberiano, Jorgito já percorreu (assombração) grande número de capitais européias. Apesar de seu peso descomunal, o urso pula canica com seu domador (Ivan Kudriavtsev) com uma delicadeza assombrosa.



Testa de ferro

Uma vara de oito metros. Numa extremidade, uma festa. Na outra... um casal. Os irmãos Polovnev e Rosa Verbistkaia são os autores da façanha, que a um de nós causaria, no mínimo, um torçicolo. Laureado com medalhas de ouro em vários festivais circenses, o número deixa abismados todos os que o vêem.



Carotas na roda

As rodas vieram girando, girando, girando e — arrebatamento da plateia — deixam no picadeiro quatro russas como não acreditávamos existir. Uma delas, morena, desfilaria com grande sucesso em qualquer praia da zona sul suficiente — é apenas um elemento a mais no espetáculo de graciosidade proporcionado pelas Bolokin. Equilíbrio perfeito, ginásticas arrojadas, as quatro moças transmitiram aos espectadores momentos de grande sensação e beleza.

NOVOS RUMOS